



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Economia

Gabriel Petrini da Silveira

**Demanda efetiva no médio prazo: investimento
residencial, bolha de ativos em uma abordagem
Stock-Flow Consistent com Supermultiplicador
Sraffiano**

Campinas

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Economia

Gabriel Petrini da Silveira

**Demanda efetiva no médio prazo: investimento residencial, bolha
de ativos em uma abordagem *Stock-Flow Consistent* com
Supermultiplicador Sraffiano**

Dissertação apresentada ao Instituto de Economia
da Universidade Estadual de Campinas como parte
dos requisitos exigidos para a obtenção do título de
Mestre em Ciências Econômicas.


Orientador: Lucas Azeredo da Silva Teixeira

Este exemplar corresponde à versão
final da tese defendida pelo aluno
Gabriel Petrini da Silveira, e orientada
pelo Lucas Azeredo da Silva Teixeira

Campinas
2019

INCLUA AQUI O PDF COM A FICHA CATALOGRÁFICA FORNECIDA PELA BAE.

INCLUA AQUI A FOLHA DE ASSINATURAS.

Dedico esta tese à  mundo.

Agradecimentos

Escreva seus agradecimentos.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

Nam dui ligula, fringilla a, euismod sodales, sollicitudin vel, wisi. Morbi auctor lorem non justo. Nam lacus libero, pretium at, lobortis vitae, ultricies et, tellus. Donec aliquet, tortor sed accumsan bibendum, erat ligula aliquet magna, vitae ornare odio metus a mi. Morbi ac orci et nisl hendrerit mollis. Suspendisse ut massa. Cras nec ante. Pellentesque a nulla. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Aliquam tincidunt urna. Nulla ullamcorper vestibulum turpis. Pellentesque cursus luctus mauris.

Nulla malesuada porttitor diam. Donec felis erat, congue non, volutpat at, tincidunt tristique, libero. Vivamus viverra fermentum felis. Donec nonummy pellentesque ante. Phasellus adipiscing semper elit. Proin fermentum massa ac quam. Sed diam turpis, molestie vitae, placerat a, molestie nec, leo. Maecenas lacinia. Nam ipsum ligula, eleifend at, accumsan nec, suscipit a, ipsum. Morbi blandit ligula feugiat magna. Nunc eleifend consequat lorem. Sed lacinia nulla vitae enim. Pellentesque tincidunt purus vel magna. Integer non enim. Praesent euismod nunc eu purus. Donec bibendum quam in tellus. Nullam cursus pulvinar lectus. Donec et mi. Nam vulputate metus eu enim. Vestibulum pellentesque felis eu massa.

Resumo

Atenção: Resumo preliminar

Esta dissertação analisa a dinâmica do investimento residencial e os impactos da inflação de ativos em um modelo de Consistência entre Fluxos e Estoques com supermultiplicador sraffiano (SSM-SFC) baseado no caso dos EUA (1980-). O primeiro capítulo apresenta uma breve revisão da literatura de crescimento heterodoxo focando nos modelos neo-kaleckianos e supermultiplicador sraffiano. O segundo capítulo destaca alguns fatos estilizados para economia norte americana que sustentam a ideia que gastos autônomos não criadores de capacidade, especialmente investimento residencial, lideraram o crescimento econômico. Além disso, estima-se um modelo VEC para analisar as relações entre investimento residencial e taxa de juros real de imóveis. No terceiro capítulo, é simulado um modelo SSM-SFC com inflação de ativos para analisar os efeitos de alguns choques, tais como mudanças na distribuição de renda, na dinâmica de preço dos imóveis e, na taxa de juros hipotecária.

Palavras-chaves: Supermultiplicador Sraffiano; Investimento residencial; Taxa própria de juros; Consistência entre fluxos e estoques.

Abstract

Warning: Draft

This thesis analyses the dynamics of household investment and the impacts of asset price bubbles using a Sraffian Supermultiplier Stock-Flow Consistent (SSM-SFC) model based on the U.S. economy (1980-). The first chapter presents a brief review of recent literature of heterodox growth models focusing on the neo-Kaleckian and sraffian supermultiplier models. The second chapter highlights stylized facts for the American economy which support the idea that non-capacity generating expenditures, mainly household investment, led the economic growth. In addition, a VEC model is estimated to analyze the relationships between residential investment and real interest rate of real estate. In the third chapter, a SSM-SFC model with asset price bubbles is simulated to analyse the effects of some shocks such as changes in income distribution, house prices dynamics, and mortgage interest.

Keywords: Sraffian Supermultiplier; real state, own interest rate, Stock-Flow Consistent.

“Não está ao meu alcance criar uma sociedade ideal. Contudo, está ao meu alcance descrever o que, na sociedade existente, não é ideal para nenhuma espécie de existência humana em sociedade.”
(Florestan Fernandes)

Sumário

Lista de Ilustrações	x
Lista de Tabelas	xi
Lista de Variáveis	xii
Lista de Abreviaturas e Siglas	xiii
1 Introdução	14
2 Da instabilidade de Harrod à estabilidade fundamental	19
2.1 Instabilidade de Harrod: princípios e provocações	19
2.1.1 Modelo de Cambridge	24
2.1.2 Modelo kaleckiano	28
2.1.3 Supermultiplicador Sraffiano	31
2.2 Convergência ao grau de utilização normal: dois paradigmas e os dois paradoxos	36
2.3 Gastos autônomos não criadores de capacidade e a instabilidade velada	44
2.4 Princípio da demanda efetiva no médio prazo e a estabilidade fundamental	51
3 Investimento residencial e taxa própria de juros dos imóveis: Uma investigação a partir de um VECM	58
3.1 Modelos de crescimento e os gastos autônomos: uma revisão empírica	59
3.2 Investimento residencial e a lacuna heterodoxa	61
3.3 Modelo	66
3.4 Considerações finais: Da taxa própria a inflação de ativos	71
4 Modelo Simplificado	76
4.1 Metodologia SFC: Uma breve introdução	76
4.2 Modelo	79
4.3 Solução analítica	87
4.4 Simulação e choques	90
4.5 Conclusões preliminares: Rumo a endogeneização dos preços	94
Referências	97
Apêndices	111
A <i>Fraction</i> e o investimento residencial	111
A.1 Gastos “despoupadores”	111
A.2 Investimento residencial	112
Anexos	114
I Licença	114

I.1	Sobre a licença dessa obra	114
-----	--------------------------------------	-----

Lista de ilustrações

Figura 1 – Participação do Investimento residencial na renda	16
Figura 2 – Taxa de investimento residencial e grau de utilização ao longo dos ciclos	17
Figura 3 – Trindidade “impossível”	57
Figura 4 – Relação entre taxa de investimento residencial e grau de utilização por recessão	63
Figura 5 – Taxa de crescimento normalizada por recessões antes e depois do início da recuperação	64
Figura 6 – Taxa real e própria de juros dos imóveis x investimento residencial	67
Figura 7 – Tempo médio de construção (aprovação a conclusão) de imóveis para uma unidade familiar por propósito de construção exceto casas pré-fabricadas (1976-2018)	68
Figura 8 – Dispersão entre taxa própria e crescimento do investimento residencial: defasagens selecionadas a partir dos critérios de informação	69
Figura 9 – Inspeção dos resíduos da estimação	70
Figura 10 – Decomposição da variância da previsão	72
Figura 11 – Função impulso resposta ortogonalizada	73
Figura 12 – Previsão 4 passos a frente	74
Figura 13 – Resumo esquemático da Metodologia SFC	77
Figura 14 – Mapa de calor dos ativos modelados com SFC	79
Figura 15 – Diagrama representativo do modelo	91
Figura 16 – Efeito de um aumento no componente autônomo	92
Figura 17 – Efeito de um aumento da inflação de imóveis	93
Figura 18 – Efeito de uma redistribuição de renda a favor dos salários	94
Figura 19 – Efeito de Aumento na taxa de juros das hipotecas	95

Lista de tabelas

Tabela 1 – Modelos Kaleckianos e a convergência ao grau de utilização: críticas e propostas .	42
Tabela 2 – Fechamento das principais teorias de crescimento heterodoxas	52
Tabela 3 – Parâmetros para a equação da Taxa Própria	69
Tabela 4 – Parâmetros para a equação da g_Z	71
Tabela 5 – Matriz dos estoques	82
Tabela 6 – Matriz de transações correntes e fluxo de fundos	82
Tabela 7 – Resumo das simulações	96

Lista de Variáveis

g Taxa de crescimento do produto

g_j Taxa de crescimento de j

g_w Taxa de crescimento desejada (garantida)

h Propensão marginal à investir

I Investimento agregado

K Estoque de capital

s Propensão marginal à poupar

S Poupança agregada

u Grau de utilização da capacidade

u_n Grau de utilização normal

v Relação técnica capital-produto potencial efetiva

v_w Relação técnica capital-produto potencial desejada

Y Produto (nível)

Y^* Produto potencial (nível)

Z Gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva ao setor privado

Lista de Abreviaturas e Siglas

1 Introdução

O modelo do supermultiplicador sraffiano (SSM em inglês) estabelece um papel fundamental aos gastos autônomos que não criam capacidade para se entender o crescimento econômico e acumulação de capital. Na contribuição original de Serrano (1995b) e nas apresentações mais recentes (FREITAS; SERRANO, 2015), o modelo é apresentado de modo bastante parcimonioso para evidenciá-lo como um fechamento alternativo, dentro da tradição da teoria do crescimento liderada pela demanda (SERRANO; FREITAS, 2017).

A partir do estabelecimento do SSM, algumas questões são colocadas: quais são esses gastos autônomos, quais seus determinantes, qual o padrão de financiamento e suas consequências. Pariboni (2016) e Fagundes e Freitas (2017), por exemplo, avançaram em detalhar o consumo financiado por crédito. Brochier e Macedo e Silva (2018), por sua vez, incorporam o SSM em uma estrutura contábil mais completa, o arcabouço de consistência entre fluxos e estoques (SFC, na sigla em inglês), para compreender a dinâmica do consumo a partir da riqueza. No entanto, um gasto autônomo tem sido negligenciado: o investimento residencial.

De acordo com Teixeira (2012), o investimento residencial exerce uma influência indireta na demanda agregada uma vez que os imóveis são uma das formas de riqueza mais comuns entre as famílias norte-americanas, servindo de colateral para tomada de crédito. Como mostram Gennaro Zezza (2008) e Barba e Pivetti (2009), o consumo financiado por crédito foi um dos principais motores do crescimento da economia norte-americana no período que antecedeu a crise de 2008. A forma de “realizar” o ganho de capital com a bolha imobiliária que ocorreu no período, sem precisar liquidar os imóveis, era justamente ampliando o endividamento à medida que o colateral (*i.e.* imóveis) aumentava de valor (TEIXEIRA, 2015).

Tendo este panorama em mente, a presente pesquisa é norteada pela seguinte pergunta: é possível replicar ciclos a partir do investimento residencial e inflação de ativos? Tal pergunta é inspirada no caso norte americano cujo ciclo econômico é antecipado, desde o pós-guerra, pelo investimento residencial. Deste modo, a justificativa desta pesquisa se dá tanto pela relevância deste componente da demanda agregada para a dinâmica econômica quanto pela negligência da literatura em considerar tal fato estilizado. Compreendidos os objetivos, a dissertação será composta de três capítulos além da introdução e conclusão.

No primeiro capítulo, será realizada uma revisão da literatura de modo a selecionar o modelo mais adequado para tratar a problemática da dissertação. Para tanto, é retomado o problema deixado por Harrod (1939) de modo a revelar os caminhos adotados dentro da heterodoxia para ade-

quar o crescimento dinâmico entre demanda e capacidade produtiva. Desse modo, são reavaliados criticamente os modelos de Cambridge, Oxford (Kaleckianos) e do supermultiplicador sraffiano. O critério a ser adotado para selecionar o modelo será o princípio da demanda efetiva bem como alguns fatos estilizados.

Em seguida, será investigada a controvérsia entre Kaleckianos e Sraffianos sobre a convergência ao grau normal de utilização. A razão deste mapeamento se dá pela importância da endogeneidade do grau de utilização para a preservação de regimes de crescimento *wage-* e *profit-led*. Grosso modo, com as firmas operando sobre a um nível desejado (e exógeno), os efeitos da distribuição sobre o crescimento deixam de ser persistentes. Feita a revisão deste tema, serão elencados os pontos que são considerados razoáveis em ambos os lados do debate para então eleger se tal mecanismo deve ou não ser englobado no modelo selecionado.

Adicionalmente, na seção seguinte será avaliado a reação dentro da literatura de modelos de crescimento kaleckianos à crítica da não convergência do grau de utilização efetiva ao grau normal. Allain (2015) introduziu modificações no modelo kaleckiano de forma a replicar alguns dos principais resultados do supermultiplicador sraffiano, em especial o ajuste do grau de utilização efetivo da capacidade ao grau normal e a determinação da taxa de crescimento do produto pela taxa de crescimento dos gastos autônomos. A partir do trabalho de Allain (2015), outros autores na tradição kaleckiana incorporaram esses elementos nos seus modelos de crescimento, tais como Lavoie (2016), Dutt (2018), Hein (2018), Nah e Lavoie (2017) e etc. Essa convergência da literatura kaleckiana ao supermultiplicador sraffiano abriu um campo para uma discussão mais ampla sobre o papel dos gastos autônomos no crescimento e diferentes dinâmicas que podem surgir a partir de diferentes gastos (consumo financiado por crédito, gasto do governo, exportações, por exemplo) que são introduzidos.

Da discussão anterior, fica evidente a ausência do investimento residencial nos modelos heterodoxos de crescimento. Com isso, cada uma das seções do primeiro capítulo fornece subsídios para eleger o modelo mais adequado para tratar desse gasto autônomos. Tal discussão será feita nas conclusões deste capítulo em que serão analisadas as alternativas restantes: Kaleckiana com gastos autônomos e supermultiplicador sraffiano. Apesar dos modelos teóricos terem explorado pouco esse elemento da demanda, há uma crescente literatura empírica destacando seu papel para a dinâmica macroeconômica (LEAMER, 2007; JORDÀ; SCHULARICK; TAYLOR, A. M., 2014; FIEBIGER, 2018; FIEBIGER; LAVOIE, 2018).

Uma das fronteiras da pesquisa empírica acerca da literatura de crescimento liderado pela demanda é aquela que enfatiza a importância dos gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva ao setor privado. Freitas e Dweck (2013), por exemplo, fazem uma decomposição do crescimento para economia brasileira mostrando o papel desses gastos para explicar o crescimento da

economia brasileira no período 1970-2005. Braga (2018) encontra evidências que os gastos improdutivos lideram o crescimento e que o investimento produtivo acompanha a tendência desses gastos, ao analisar o Brasil no período 1962-2015. Para o caso norte-americano, Girardi e Pariboni (2016) encontram evidências de que os gastos autônomos causam efeitos de longo prazo na taxa de crescimento. Girardi e Pariboni (2018a) encontram evidências de que os gastos autônomos determinam a taxa de investimento para 20 países da OCDE.

Vale pontuar que existe uma vasta literatura que examina os efeitos do crédito, gastos do governo e exportações. No entanto, os trabalhos que enfatizam a importância do investimento residencial (outro gasto autônomo não criador de capacidade) são bastante escassos. Com a notória exceção de Leamer (2007), a maioria desses trabalhos foi publicada após a crise *subprime* de 2008 - que evidenciou a relevância deste gasto para a dinâmica da economia norte-americana. Leamer (2007, p. 2) mostra o papel central do investimento residencial para explicar os ciclos da economia norte-americana em todo o pós-guerra. Segundo o autor, esses ciclos tem as seguintes características: “[f]irst homes, then cars, and last business equipment” (LEAMER, 2007, p. 8).

Figura 1 – Participação do Investimento residencial na renda

Média trimestral móvel



Fonte: Federal Reserve Bank of St. Louis, elaboração dos autores.

O gráfico 1 mostra como a compreensão da dinâmica do investimento residencial pode antecipar recessões. No período apresentado (1952Q1-2018Q4), verifica-se que as recessões são antecedidas por uma redução na taxa de investimento residencial enquanto a retomada pode ser caracterizada por uma ampliação deste gasto. Vale pontuar que a recessão de 1966-67 foge deste comportamento por conta do aumento dos gastos do governo associado a guerra do Vietnã e, portanto, configurando

um falso positivo (LEAMER, 2007, p. 20). Outra exceção é a crise das bolhas-ponto-com que não apresentou relação direta com o investimento residencial. Já a crise do *subprime*, por sua vez, é a que apresenta esse comportamento de forma mais acentuada. Portanto, o investimento das famílias é relevante para o entendimento da dinâmica da economia norte-americana.

Figura 2 – Taxa de investimento residencial e grau de utilização ao longo dos ciclos

(Tamanho dos pontos indica os anos)



Fonte: Federal Reserve Bank of St. Louis, elaboração dos autores.

Outra forma de compreender a importância do investimento residencial para o ciclo econômico nos EUA pode ser vista no gráfico 4 a seguir em que cada um dos painéis apresenta um ciclo¹. No eixo vertical, vemos a participação desse gasto no PIB, enquanto no eixo horizontal, temos o grau de utilização da capacidade como uma *proxy* para o ciclo econômico. Exceto para o período 1991-2001, a recuperação (aumento da utilização da capacidade) é caracterizada por uma taxa de crescimento do investimento residencial maior que o crescimento da economia, resultando em maior participação desse gasto no PIB. Considerando que as firmas seguem o princípio do ajuste do estoque de capital, ampliam a taxa de acumulação de modo a ajustar o grau de utilização para o grau normal. O aumento da taxa de crescimento do investimento das firmas e de outros gastos reduz a participação do investimento residencial no PIB. A maturação do investimento das firmas, por sua vez, redundam em menor utilização da capacidade produtiva². Desse modo, conclui-se que o investimento residencial ajuda a compreender grande parte das recessões desde o pós-guerra.

¹Raciocínio semelhante pode ser encontrado em Fiebiger (2018).

²Complementarmente, os trabalhos de Fiebiger (2018) e Fiebiger e Lavoie (2018) também reportam o investimento residencial como determinante do comportamento cíclico e adicionam o consumo financiado por crédito a essa dinâmica. Além disso, apresentam uma similaridade com Dejuán (2017) e Teixeira (2015) para os quais a instabilidade econômica está associada à instabilidade (ao menos de alguns) gastos autônomos e não do investimento das firmas, que segue o princípio do ajuste do estoque de capital.

Compreendida a importância do investimento residencial para a dinâmica econômica, caberá ao segundo capítulo analisar alguns fatos estilizados da economia norte-americana da década de 80 em diante. A justificativa deste recorte temporal se dá tanto pela estagnação dos salários e subsequente piora na distribuição pessoal da renda (BARBA; PIVETTI, 2009; TEIXEIRA, 2012) quanto pela maior representatividade das hipotecas nos balanços patrimoniais dos bancos (JORDÀ; SCHULARICK; TAYLOR, A. M., 2014). Adicionalmente, pretende-se estimar um modelo de séries temporais e, portanto, avalia-se a pertinência de um VAR/VECM ou ARDL de modo a captar de forma mais adequada os determinantes do investimento residencial e testar a hipótese de que a taxa própria de juros dos imóveis, como definida em Teixeira (2015), contribui para compreender o caso norte-americano.

Diante dos fatos estilizados destacados, constrói-se, no capítulo seguinte, um modelo SFC de modo a incluir o investimento residencial. A razão por se optar por esta metodologia decorre da capacidade de tratar de maneira satisfatória das relações financeiras entre os diferentes setores institucionais. Na presente versão da pesquisa, é apresentado um modelo em sua forma mais simplificada de modo a captar a dinâmica entre dois tipos de estoque de capital: das firmas (criador de capacidade) e das famílias. Até o momento, são identificadas algumas limitações (ver apêndice A) que devem ser contornadas em outras versões. Futuramente, pretende-se incluir uma dinâmica de preços de modo que seja possível captar a importância da inflação de ativos e de ganhos de capital.

Portanto, a presente investigação estende as contribuições de Serrano (1995b) ao incluir o investimento residencial na agenda de pesquisa do supermultiplicador sraffiano, de Teixeira (2015) ao incorporar o conceito de taxa própria de juros dos imóveis para avaliar a dinâmica de tal gasto autônomo e a de Brochier e Macedo e Silva (2018) por adicionar um tratamento adequado das relações financeiras no SSM por meio da metodologia SFC.

2 Da instabilidade de Harrod à estabilidade fundamental

Is it not rather odd when dealing with “long-run problems” to start with the assumption that all firms are always working below capacity?

Keynes to Kalecki

Este capítulo faz uma breve revisão da literatura dos modelos de crescimento liderados pela demanda. Apresenta a instabilidade harrodiana para então avaliar a forma que essa problemática é tratada pelas teorias heterodoxas. Ao final desta exposição, serão privilegiados aqueles modelos que atendem o princípio da demanda efetiva (PDE) no curto-, médio- e longo-prazo. Em outras palavras, o PDE bem como alguns fatos estilizados serão utilizados como critério de seleção para eleger um modelo a ser examinado nos capítulos seguintes.

Para atender esses objetivos, a seção 2.1 explicita a instabilidade de Harrod e as respostas dos modelos de Cambridge, neo-/pós-Kaleckianos e Supermultiplicador Sraffiano. Compreendidas tais propostas, mapeia-se o debate sobre a convergência do grau de utilização ao nível normal e as implicações sobre os paradoxos dos custos e da parcimônia. Na seção 2.3 é feito um levantamento bibliográfico sobre os modelos de crescimento com gastos autônomos não criadores de capacidade. Por fim, a seção 2.4 contém as considerações finais e elege o modelo a ser utilizado nos capítulos seguintes.

2.1 Instabilidade de Harrod: princípios e provocações

As origens da teoria macrodinâmica devem, em grande parte, às contribuições de Harrod (1939). Tal modelo impôs importantes questões: Existe estabilidade do crescimento no longo prazo? É possível equacionar o crescimento da demanda com o crescimento da capacidade produtiva? Se sim, qual variável acomoda essa adequação? A capacidade produtiva se ajusta à demanda ou o inverso? Os modelos de Cambridge, Oxford e do Supermultiplicador Sraffiano responderam essas provocações de formas distintas e serão analisados ao longo desta seção.

Para evitar redundâncias, são apresentadas as hipóteses que permeiam as famílias de modelos aqui avaliadas. A presente exposição prioriza a parcimônia e, portanto, trata-se de uma economia sem relações externas e sem governo em que tanto progresso tecnológico quanto retornos crescentes de escala estão ausentes. Além do PDE, o que torna os modelos em questão consistentes é o abandono da substitutibilidade entre capital e trabalho e, portanto, adota-se uma função de produção *à la* Leontief em que existem dois produtos potenciais: plena capacidade (Y_K) e pleno emprego (Y_L) de modo que o produto potencial (Y_{FC}) é determinado por:

$$Y_{FC} = \min(Y_K, Y_L) \quad (2.1.1)$$

Seguindo a literatura, em que o estoque capital (K) é o fator escasso,

$$Y_{FC} = Y_K = \frac{1}{v} K_{-1} \quad (2.1.2)$$

em que v é a relação técnica capital-produto.

Considerando as hipóteses anteriores, a determinação do produto pelos componentes da demanda é obtida pela soma do consumo e investimento. Supõe-se neste capítulo que o consumo é totalmente induzido (C), o investimento criador de capacidade produtiva ao setor privado (I) possui uma parcela autônoma (\bar{I}) e outra induzida, e Z sendo os componentes da demanda agregada que independem da renda corrente e que não geram capacidade produtiva. Em outros termos,

$$Y = C + I + Z \quad (2.1.3)$$

A questão que permeia os modelos analisados são as condições para que exista um crescimento equilibrado da demanda (Eq. 2.1.3) e da capacidade produtiva (Eq. 2.1.2). Por ora, a preocupação não recairá sobre a forma funcional de cada uma dessas variáveis, mas sim sobre suas implicações dinâmicas. A equação acima pode ser rearranjada para apresentar o efeito multiplicador (α) em que o nível do produto é um múltiplo dos gastos autônomos (\bar{I} e Z) que neste caso mais simplificado é:

$$Y = \alpha \cdot (Z + \bar{I}) \quad (2.1.4)$$

O princípio acelerador¹, por sua vez, estabelece que a determinação da parcela induzida do investimento decorre das alterações na demanda (efetiva), ou seja, decorre do princípio de ajuste do estoque de capital:

$$K = v \cdot Y$$

¹Neste caso, trata-se do acelerador rígido, tal como utilizado por Harrod (1939).

$$I = v\Delta Y \quad (2.1.5)$$

Argumenta-se que a junção destes dois conceitos permite tratar o Princípio da Demanda Efetiva de forma dinâmica e que esta é a essência do modelo de Harrod cuja Equação fundamental pode ser deduzida da identidade entre poupança (S) e investimento²:

$$s \cdot Y = S \equiv I$$

Neste ponto, fica evidente que neste modelo a propensão marginal à poupar (s) é igual a propensão média à poupar (S/Y)³. Em seguida, basta normalizar esta identidade pelo estoque de capital,

$$\frac{I}{K} = s \frac{Y}{K}$$

$$\frac{I}{K} = s \frac{Y}{v \cdot Y_K}$$

$$g_K = \frac{s}{v} u \quad (2.1.6)$$

em que g_K é a taxa de acumulação e u é o grau de utilização da capacidade e é igual a unidade se normalizado pelo grau de utilização desejado (u_N). Finalmente, supondo que o crescimento do estoque de capital seja uma *proxy* para a taxa de crescimento da economia⁴, obtém-se a equação fundamental de Harrod:

$$g_w = \frac{s}{v} (u - u_N) \quad (2.1.7)$$

em que g_w é a taxa de crescimento que garante que a demanda e capacidade produtiva cresçam dinamicamente equilibradas⁵. Além disso, pelo grau de utilização estar em seu nível desejado, esta taxa

²Para o caso com acelerador rígido e uma dada propensão marginal a consumir (c), o consumo é induzido, tem-se:

$$Y = c \cdot Y + v \cdot \Delta Y$$

rearranjando, obtém-se:

$$\frac{\Delta Y}{Y} = g = \frac{1 - c}{v} = \frac{s}{v}$$

que equivale à equação fundamental de Harrod deduzida adiante.

³As implicações desta igualdade será analisada mais detidamente ao tratar do supermultiplicador sraffiano.

⁴A razão para este aparente preciosismo é que, na ausência de gastos autônomos que não criam capacidade, a taxa de crescimento do produto (g) nesse modelo é idêntica à taxa de crescimento do investimento (g_I). Além disso, para que o grau de utilização se estabilize, é preciso que, no *steady state*, produto e capacidade produtiva cresçam a uma mesma taxa.

⁵Harrod (1939, p. 22) pondera que optou por não chamar esta taxa de crescimento como taxa de equilíbrio uma vez que neste modelo tal equilíbrio é instável: “A departure from equilibrium, instead of of being self—righting, will be self-aggravating. G_w represents a moving equilibrium, but a highly unstable one.”.

corresponde àquela que os empresários estariam satisfeitos e não **haveriam** razões para alterar seu comportamento e/ou planos de investimento.

Neste modelo, a taxa de crescimento efetiva se afasta da taxa desejada em função da reação do investimento às variações no nível de atividade. Seguindo o princípio acelerador nos moldes de Harrod (1939), a resposta a uma sobreutilização da capacidade ($u > 1$) é o aumento da taxa de acumulação que, pelo efeito multiplicador gera demanda, reforçando o mecanismo de descolamento, para então ampliar a capacidade produtiva (SERRANO; FREITAS; BEHRING, 2017, p. 12). Em outras palavras, quando $u \neq u_N$, a taxa de crescimento efetiva é diferente da desejada. No entanto, uma vez que essas são diferentes, não há um mecanismo de convergência entre elas.

Tendo em vista que neste modelo o princípio do acelerador é o principal determinante da trajetória, Harrod (1939, p. 26–28) procura reduzir tais efeitos incluindo frações do investimento que não estão diretamente relacionados com a renda corrente. Grosso modo, **reconhece** que uma parcela significativa dos planos de investimento estão relacionadas com decisões de longo prazo e que sua Equação Fundamental dá muita ênfase aos fatores de curto-prazo. Tal constatação introduz a possibilidade de que exista um componente autônomo de investimento que não é afetado pelo mecanismo de ajuste do estoque de capital no longo prazo e, portanto, permite que a instabilidade harrodiana seja amenizada⁶:

Now, it is probably the case that in any period not the whole of the new capital is destined to look after the increment of output of consumers' goods. There may be long-range plans of capital development or a transformation of the method of producing the pre-existent level of output. (HARROD, 1939, p. 17)

adiante

The force of this argument [Princípio da instabilidade], however, is somewhat **weakened** when long-range capital outlay is taken into account. (HARROD, 1939, p. 26, grifos adicionados)

Tal possibilidade, como será discutido adiante, sugere que a instabilidade harrodiana não decorre do princípio de ajuste do estoque de capital, mas sim, da especificação da propensão marginal (e média) a poupar. Isso implica que um modelo em que o investimento é induzido pelo princípio acelerador não é necessariamente instável.

Revisitando a instabilidade de Harrod, Allain (2014) destaca que foi tratada majoritariamente de duas formas. A primeira delas é eliminar o comportamento “*knife-edge*” do investimento tornando-o autônomo de modo que a taxa garantida se adeque à taxa de crescimento efetiva. No entanto, tal categorização não permite captar as distinções entre esses modelos e, por conta disso, serão

⁶No entanto, Harrod (1939, p. 28) afirma que a estabilidade é possível em algumas fases do ciclo apenas.

discutido através dos fechamentos. No modelo de Cambridge, por exemplo, é a distribuição de renda que elimina a instabilidade harrodiana. Nos modelos Kaleckianos, por outro lado, tal eliminação se dá pela endogeneização do grau de utilização⁷.

A segunda via de solução, ainda na categorização de Allain (2014), é por meio de modelos do tipo supermultiplicador que introduzem gastos autônomos que não criam capacidade⁸ em que o investimento é determinado pelo princípio de ajuste do estoque de capital (SERRANO, 1995a,b; BORTIS, 1997)⁹. Ao apresentarem o modelo do Supermultiplicador Sraffiano em comparação ao modelo de Harrod (1939), Serrano, Freitas e Behring (2017) argumentam que este é estaticamente instável enquanto o modelo do Supermultiplicador Sraffiano é fundamentalmente estável mas dinamicamente instável à depender da intensidade do ajuste da capacidade produtiva decorrente dos parâmetros do modelo¹⁰.

Uma observação importante é que apesar de Harrod (1939, p. 23) afirmar que existe uma única taxa de crescimento garantida, Robinson (1962, p. 83) alerta que isso não implica que o investimento deve se adequar a propensão marginal a poupar determinada *a priori*. Argumenta que os modelos liderados pela demanda devem ser avaliados pelas respectivas formas de induzir o investimento uma vez que o Princípio da Demanda Efetiva é o denominador comum entre eles. Portanto, dadas as hipóteses compartilhadas, os respectivos fechamentos¹¹ permitem uma análise comparativa mais apropriada do que a categorização de Allain (2014) e por isso será adotada adiante. Para isso, a equação fundamental de Harrod é rearranjada para explicitar algumas relações.

As hipóteses enunciadas anteriormente são preservadas para evitar repetições desnecessárias. Adicionalmente, inclui-se a possibilidade de existência de gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva para garantir a comparação entre os modelos analisados. Com essa hipótese

⁷Uma outra maneira descrita pelo autor é por meio das características do ciclo econômico nos moldes de Hicks (1950) em que gastos autônomos determinam o limite inferior enquanto o pleno-emprego determina o superior, abstraindo a instabilidade.

⁸Vale destacar que a inclusão de gastos autônomos que não criam capacidade produtiva não é suficiente para que um modelo seja qualificado enquanto um supermultiplicador, mas sim, o princípio do ajuste do estoque de capital. A importância desses gastos recai sobre a estabilidade do modelo.

⁹Allain (2014, p. 7) afirma que o modelo de Serrano (1995a) elimina a instabilidade de Harrod por hipótese uma vez que as firmas preveem corretamente a trajetória da demanda efetiva. Argumenta-se que esta interpretação não está alinhada com o supermultiplicador proposto por Serrano (1995b) e, ao final deste capítulo, mostra-se que tal problema foi solucionado por meio de: (i) existência de gastos autônomos não criadores de capacidade e (ii) investimento induzido (princípio do ajuste de estoque de capital). No supermultiplicador sraffiano, portanto, a instabilidade não é eliminada por hipótese. Mais detalhes na seção 2.3

¹⁰Para isso, retomam a definição de instabilidade de Hicks (1950) em que considera um modelo estaticamente estável quando não se afasta do equilíbrio enquanto a estabilidade dinâmica depende da intensidade. Destacam ainda que a estabilidade estática (direção) é condição necessária mas não suficiente para gerar estabilidade dinâmica.

¹¹Entende-se por fechamento como variável que assume valores economicamente relevantes de tal forma a tornar determinada relação (e.g. taxa de lucro) válida. Em outras palavras, trata-se da última variável que é resolvida endogenamente. Desse modo, dizer que o fechamento de um modelo é estabelecido por uma variável (digamos, j) implica em dizer que j é endógena. Além disso, por se tratar de um modelo generalizante de crescimento, dizer que distribuição de renda é exógena significa em ausência de simultaneidade entre distribuição e acumulação.

adicional, a propensão média à poupar torna-se uma função tanto dos gastos autônomos (Z) quanto do produto:

$$\frac{S}{Y} = s - \frac{Z}{Y} \quad (2.1.8)$$

Seguindo a notação de Serrano (1995b), seja f a relação entre propensão média e marginal a poupar

$$f = \frac{\frac{S}{Y}}{s}$$

de modo que será igual a unidade quando forem idênticas. Nesses termos, a equação 2.1.7 pode ser reescrita como:

$$g_K = g_w = f \frac{s \cdot u}{\bar{v}} \quad (2.1.9)$$

A equação acima permite comparar os modelos¹² analisados de modo a destacar a variável que garanta,

$$g_K = g$$

a começar pelo de Cambridge.

2.1.1 Modelo de Cambridge

O modelo de Cambridge¹³ tinha entre seus objetivos estender as implicações do princípio da demanda efetiva para o longo prazo (KALDOR, 1955, 1957; ROBINSON, 1962; PASINETTI, 1962). Para tanto, lançam mão das seguintes hipóteses (além daquelas compartilhadas): (i) os preços são mais flexíveis do que os salários no longo prazo; (ii) economia opera ao nível normal da capacidade; (iii) investimento depende tanto da taxa de lucro quanto do *animal spirits*¹⁴. Neste ponto, vale destacar que a hipótese (iii) implica que o investimento possui um componente autônomo no longo prazo que será analisado em maior detalhe na seção 2.3. Dito isso, resta analisar como tais autores lidaram com o problema levantado por Harrod.

Em um primeiro momento, é possível estabelecer vínculos entre tais modelos e a taxa garantida. Robinson (1962) afirma que quando a composição do estoque de capital está adequada com a taxa de crescimento desejada e quando as expectativas das firmas estão de acordo com o desempenho corrente da economia, então o modelo está sob uma taxa de equilíbrio interna. Já Kaldor (1955) supõe que o multiplicador keynesiano determinaria o nível de produto no curto-prazo, quando preços

¹²Por padrão, as variáveis/parâmetros exógenos serão, j por exemplo, serão denotados como \bar{j} .

¹³Para uma análise mais detalhada das origens e extensões do modelo de Cambridge, ver Baranzini e Mirante (2013).

¹⁴Esse componente autônomo do investimento produtivo será levado adiante pelos modelos Kaleckianos.



e salários são rígidos. No longo prazo o nível de produto seria igual ao seu potencial ($Y = Y_{fc}$). Os preços, por sua vez, seriam flexíveis. Assim, mudanças na taxa de crescimento autônomo teriam como contrapartida variação do nível de preços e mudanças na distribuição. Grosso modo, isso implica que as firmas estão operando sob o grau de utilização normal (u_N)¹⁵.

Em linha com a formalização de Lavoie (2015, p. 347-59), o raciocínio acima é estendido para a determinação da taxa de acumulação (g_K) que depende positivamente (γ_r) da taxa de lucro (r) e dos *animal spirits* (γ)¹⁶:

$$\frac{I}{K} = g = \gamma + \gamma_r r \quad (2.1.10)$$

Esse raciocínio pode ser traduzido em termos da equação 2.1.9¹⁷:

$$\gamma + \gamma_r r = \boxed{g = g_K} = f \frac{s \cdot u}{\bar{v}} \quad (2.1.11)$$

Adiante, decompõe-se a taxa de lucro (r) nos termos de Weisskopf (1979):

$$r = \frac{P}{K} = \frac{P}{Y} \frac{Y}{Y_{FC}} \frac{Y_{FC}}{K}$$

em que P é a massa de lucros e ω o *wage-share*. Como a relação capital-produto é considerada constante, a taxa de lucro depende simultaneamente do grau de utilização e distribuição de renda:

$$r = \frac{(1 - \omega) \cdot u}{\bar{v}} \quad (2.1.12)$$

Substituindo a equação 2.1.12 na 2.1.11, obtém-se

$$\gamma + \gamma_r \frac{(1 - \omega) \cdot u}{\bar{v}} = \boxed{g = g_K} = f \frac{s \cdot u}{\bar{v}}$$

¹⁵Kaldor (1957), por outro lado, afirma que a metodologia por ele utilizada se assemelha à de Harrod (1939), mas tem diferenças, tais como: (i) Crescimento é limitado pela disponibilidade de recursos e não pela insuficiência de demanda efetiva; (ii) Não distingue mudanças técnicas decorrentes de maior acumulação de capital daquelas resultantes de inovações; (iii) Estoque de capital em termos reais é medido pela quantidade de ferro incorporada; (iv) O crescimento econômico decorre tanto da rapidez na absorção de mudanças tecnológicas quanto da propensão à investir; (v) Autoridade monetária é passiva de modo que a taxa de juros de longo prazo é igual à taxa de lucro.

¹⁶Dentre os critérios para adequar um modelo, Robinson (1962) escolhe aquele que é compatível com os determinantes do comportamento humano em uma economia capitalista (*animal spirit*). Além disso, a autora realça algumas características que considera fundamental em uma economia capitalista, tais como: produção é organizada por firmas (economia monetária de produção) e o consumo é destinado às famílias que, por sua vez, podem ser rentistas ou trabalhadoras. Alguns dos elementos citados anteriormente comporiam o centro da teoria pós-Keynesiana e que mereceriam uma análise mais detalhada. No entanto, dados os objetivos desta investigação, a ênfase recairá sobre a importância da autonomia do investimento.

¹⁷A versão proposta por Pasinetti (1962) explicita as condições de *steady state* em que a taxa de juros e lucros precisam ser iguais no longo prazo. Kurz e Salvadori (2010, p. 101) destacam que a função poupança de Kaldor só é possível no longo prazo se a taxa de juros não exceder a taxa de lucros. Além disso, a exclusão da propensão marginal à poupar dos trabalhadores é decorrência do “Teorema de Pasinetti” em que a taxa de lucro independe da poupança dos trabalhadores.

No modelo de Cambridge, a propensão marginal a poupar é definida exogenamente e é idêntica a propensão média, logo, $f = 1$. Além disso, o grau de utilização converge ao normal e, portanto, não assume quaisquer valores necessários para garantir a igualdade entre demanda e capacidade produtiva e uma vez constante, não pode ser a variável de fechamento. Por fim, supondo que o componente autônomo do investimento seja constante, isto é, $\gamma = \bar{\gamma}$ e isolando as variáveis endógenas restantes,

$$\gamma_r \frac{(1 - \omega) \cdot u}{\bar{v}} = \frac{\bar{s} \cdot \bar{u}_N}{\bar{v}} - \gamma$$

$$\frac{(1 - \omega) \cdot u}{\bar{v}} = \left(\frac{\bar{s} \cdot \bar{u}_N}{\bar{v}} - \gamma \right) \frac{1}{\gamma_r}$$

$$\therefore (1 - \omega) = \left(\frac{\bar{s} \cdot \bar{u}_N}{\bar{v}} - \gamma \right) \frac{\bar{v}}{\bar{\gamma}_r \cdot \bar{u}_N} \quad (2.1.13)$$

As equações acima¹⁸ explicitam que neste modelo a distribuição funcional da renda é a variável de fechamento e apresenta uma relação simultânea com a taxa de lucro. Como destacado anteriormente, o investimento é positivamente determinado pelos lucros e esse resultado decorre dos microfundamentos relacionados com a teoria gerencialista da firma em que maiores taxas de crescimento requerem maiores taxas de lucro, implicando em maiores *mark-ups* e em uma barreira inflacionária (LAVOIE, 2015, p. 353)¹⁹.

Portanto, no modelo de Cambridge, existe uma relação simultânea entre crescimento e distribuição de modo que ser resumido nos seguintes termos:

The main message of the Cambridge equation is that the warranted growth rate is determined by the rate of capital accumulation g_k that results from the investment decisions of entrepreneurs; this determines the long-period (or normal) income distribution, which thereby becomes endogenous and subordinated to the rate of accumulation (CESARATTO, 2015, p. 158)

Desse modo, obtém-se uma relação positiva entre poupança e crescimento no longo prazo ou ainda uma relação negativa entre salários reais e taxa lucros (como explicitado na Eq. 2.1.12). Consequentemente, para a garantir o equilíbrio entre demanda e capacidade produtiva associado a uma maior taxa de crescimento é necessário que uma parcela menor da renda seja destinada ao consumo. A

¹⁸Adicionalmente, Kaldor (1957) inclui uma relação positiva entre crescimento e progresso tecnológico que futuramente é denominada de lei de Kaldor-Verdoorn.

¹⁹Parte considerável das críticas dizem respeito à função de poupança nesta família de modelos uma vez que está associada com os lucros retidos das firmas. Para maiores detalhes, ver Skott (1981, Seção III), Stephen A. Marglin (1984) e Skott (1989).

importância de explicitar esta causalidade em termos do consumo é que destaca a importância do mecanismo de preços no modelo e a respectiva resolução da instabilidade de Harrod. Como mencionado anteriormente, os preços são mais flexíveis do que os salários por hipótese. Assim, se a taxa de crescimento da economia estiver acima da taxa garantida (ou seja, existência de sobreutilização da capacidade), instaura-se um aumento dos preços acima dos salários. O resultado é uma redução dos salários reais e, por definição, aumento da participação dos lucros na renda. Dessa forma, opera-se um mecanismo de poupança forçada que garante o retorno do grau de utilização ao nível normal. Neste modelo, portanto, é justamente a mudança na distribuição funcional de renda que promove o ajuste da taxa garantida para a taxa efetiva de crescimento assegurando a estabilidade do modelo.

Por mais que tal modelo consiga reproduzir o fato estilizado de que capacidade produtiva e demanda se equilibram no longo prazo, é incompatível com o comportamento das firmas e, portanto, deve ser rejeitada²⁰. Cesaratto (2015, p. 158), por sua vez, destaca a falta de robustez na relação entre taxas de crescimento mais elevadas e mudanças na distribuição de renda a favor dos lucros. Tais limitações do modelo de Cambridge não devem ser entendidas como uma impossibilidade de um padrão de crescimento estritamente *demand-led*. Argumenta-se aqui que a adequação da capacidade produtiva à demanda não precisa lançar mão de tais hipóteses.

Na tentativa de responder à instabilidade de Harrod, parte da literatura abandona a hipótese de endogeneidade da distribuição de renda por meio da existência de uma estrutura de mercado oligopolista²¹. A título de exemplo, Steindl (1952) possui um raciocínio semelhante ao de Kaldor para o caso de estrutura de mercado competitiva em que tanto as taxas de lucro quanto o grau de utilização estariam em seu nível normal no longo prazo. No entanto, quando revisita essa ideia, afirma que tal análise da distribuição não é adequada para uma economia oligopolizada em que quedas na taxa de crescimento não acirram a concorrência²² e que o ajuste seria acomodado pelo menor grau de utilização da capacidade que, por sua vez, afeta negativamente o investimento. Esta proposta será analisada na seção seguinte.

²⁰Tal constatação decorre da possibilidade de flexibilização dos preços dadas reduções na demanda agregada que não é razoável seja no nível micro ou macroeconômico. Para maiores detalhes, ver discussão em Serrano (1988, p. 104–5, n. 17) e Ciccone (2017, Original de 1986).

²¹Serrano (1995b) contra-argumenta afirmando que a negação da flexibilização do *mark-up* no longo prazo independe da estrutura de mercado uma vez que os preços são predominantemente *fix-price*. Desse modo, a distribuição de renda pode ser exógena mesmo em uma economia concorrencial. Portanto, o argumento Kaleckiano não é necessário para impor tal exogeneidade.

²²Argumenta-se em uma economia concorrencial, uma menor taxa de crescimento geraria maior concorrência enquanto uma maior taxa, ampliando o mercado, permitiria uma competição menos acirrada.

2.1.2 Modelo kaleckiano

Os modelos de Cambridge analisados anteriormente discutiam as razões da estagnação de economia maduras. Steindl (1979), por sua vez, define maturidade como a inadequação da função de lucros diante da taxa de crescimento da economia em que o menor grau de utilização da capacidade em uma estrutura de mercado oligopolista (como em Kalecki (1954)) acomoda essa menor taxa de investimento, explicando a estagnação.

Inspirados em grande parte pelas contribuições de Steindl (1979), surgem os modelos kaleckianos²³ (ROWTHORN, 1981; DUTT, 1984; TAYLOR, L., 1985; AMADEO, E. J., 1986; BHADURI; MARGLIN, S., 1990). Seguindo a caracterização de Lavoie (1995, p. 790), tais modelos apresentam os seguintes elementos em comum: (i) o investimento é parcialmente induzido; (ii) os preços são definidos em relação aos custos diretos do trabalho (*markup*, θ); (iii) custos marginais constantes abaixo da plena utilização da capacidade; (iv) existe capacidade ociosa e grau de utilização é a variável de fechamento e; (v) não existem restrições no mercado de trabalho²⁴.

A hipótese adicional (ii) sobre determinação dos preços implica que a participação dos lucros na renda ($1 - \omega$) é definida por:

$$1 - \omega = \frac{\theta}{1 + \theta}$$

logo, a distribuição de renda é exogenamente determinada por microfundamentos relacionados à estrutura de mercado. Dito isso e considerando os objetivos desta seção, a caracterização (iv) é apresentada em maiores detalhes.

Nesta família de modelos, o investimento²⁵ é determinado por:

$$\frac{I}{K} = \gamma + \gamma_u \cdot u + \gamma_\pi \pi = g \quad (2.1.14)$$

em que γ é a parcela autônoma do investimento, γ_u representa a sensibilidade do investimento à mudanças no grau de utilização e γ_π em relação ao *profit-share*²⁶. Partindo da versão mais simplificada

²³Por conveniência, os modelos Neo-kaleckianos e pós-kaleckianos são referenciados como kaleckianos.

²⁴Cabe aqui a menção de críticas a esta última hipótese em que a literatura tenta incorporar elementos da ofetar na análise, especialmente no que diz respeito ao mercado de trabalho. Para uma primeira aproximação do segundo problema de Harrod utilizando um aparato kaleckiano com gastos autônomos, ver Allain (2018).

²⁵Vale destacar que a função poupança não difere nesses modelos, mas pode ser modificada para permitir uma primeira aproximação da distribuição pessoal da renda (CARVALHO; REZAI, 2016; PALLEY, T. I., 2017). A essência do modelo, como mencionado, está contida na função investimento 2.1.14.

²⁶Esse último termo é destacado para evidenciar a crítica de Bhaduri e Stephen Marglin (1990) que inaugura os modelos pós-kaleckianos. Argumenta-se a inclusão deste componente não altera o mecanismo de funcionamento do modelo, mas amplia os resultados possíveis.

em que o investimento induzido depende apenas do grau de utilização ($\gamma_\pi = 0$), a equação 2.1.14 pode ser tratada em termos da equação 2.1.9:

$$\gamma + \gamma_u \cdot u = \boxed{g = g_K} = f \frac{su}{\bar{v}}$$

Tal como no modelo de Cambridge, supõe-se que o componente autônomo do investimento seja exógeno ($\gamma = \bar{\gamma}$) e que a **propensão marginal a poupar** é definida exogenamente e idêntica a propensão média ($f = 1$), ou seja

$$\gamma_u \cdot u = \frac{\bar{s}u}{\bar{v}} - \bar{\gamma}$$

rearranjando:

$$u = \left(\frac{\bar{s}u}{\bar{v}} - \bar{\gamma} \right) \frac{1}{\gamma_u}$$

$$\therefore u = \left(\frac{\bar{\gamma} \cdot \bar{v}}{\bar{s} - \gamma_u} \right) \quad (2.1.15)$$

Nesses termos, a equação 2.1.15 explicita que o grau de utilização é a variável de fechamento do modelo. Grosso modo, tal exposição permite explicitar que quando a taxa de crescimento não for igual à garantida, o grau de utilização da capacidade necessariamente irá variar para adequar o equilíbrio dinâmico entre demanda e capacidade produtiva²⁷.

Antes de prosseguir para a análise do supermultiplicador sraffiano, é oportuno apresentar este modelo em sua forma ampliada (à la Bhaduri e Stephen Marglin (1990)) para ilustrar como a literatura empírica trata de algumas questões. Partindo da identidade entre poupança e investimento e seguindo a formalização de Lavoie (2015, Cap, 6), obtém-se o grau de utilização que fecha o modelo no curto prazo:

$$u^* = \frac{\gamma + \gamma_\pi(1 - \omega)}{s \cdot (1 - \omega) - v\gamma_u} \quad (2.1.16)$$

²⁷ Isso pode ser indicado a partir da equação que define o grau de utilização:

$$u = \frac{Y}{Y_{FC}}$$

calculando o diferencial total, obtém-se:

$$\Delta u = \Delta Y \cdot Y_{FC} - \frac{Y}{\Delta Y_{FC}}$$

dividindo por u de modo a obter a taxa de crescimento do grau de utilização (g_u):

$$g_u = g - g_{Y_{FC}}$$

Como indicado no texto, quando a demanda e capacidade produtiva crescerem à taxas distintas ($g \neq g_{Y_{FC}}$), o grau de utilização irá necessariamente variar ($g_u \neq 0$).

em que $\frac{s(1-\omega)}{v} - \gamma_u$ indica a condição de estabilidade (Keynesiana) do modelo em que o investimento precisa ser menos sensível do que a poupança às mudanças no nível de atividade²⁸.

Dito isso, é necessário uma caracterização adicional. O grau de utilização pode reagir de formas distintas às mudanças na distribuição funcional da renda. Deste modelo, emergem regimes de acumulação a depender das relações (unidirecionais) entre distribuição de renda e crescimento. Utilizando a terminologia convencional, se um aumento da participação dos lucros na renda implicar em maiores taxas de crescimento, tal economia apresenta uma dinâmica *profit-led* enquanto um regime *wage-led* é caracterizado pelo inverso. Esquemáticamente:

$$\begin{cases} \gamma_u > \gamma_\pi : \frac{dg}{d\omega} > 0 & \text{Wage-led} \\ \gamma_u < \gamma_\pi : \frac{dg}{d\omega} < 0 & \text{Profit-led} \end{cases}$$

para que aumentos na participação dos salários na renda gerem efeitos positivos sobre a taxa de crescimento, é preciso que o investimento seja mais sensível às mudanças no grau de utilização do que à participação dos lucros, configurando um regime *wage-led*²⁹. Caso prevaleça o inverso, diz-se que é um regime de acumulação *profit-led*³⁰.

A qualificação anterior trata dos efeitos sobre a taxa de acumulação, que podem ser positivos ou negativos a depender da sensibilidade do investimento ao *profit-share* (γ_π), resta analisar os efeitos sobre o grau de utilização. Nesses modelos, existe sempre uma relação negativa entre participação dos lucros na renda e nível de atividade/taxa de lucros (ver equação 2.1.12). Resumidamente, a taxa de lucro depende negativamente da participação dos lucros quanto a relação entre taxa de acumulação e participação dos lucros não é definida *à priori*, como sugere Bhaduri e Stephen Marglin (1990), mas depende de parâmetros estruturais e isso faz com que surja uma vasta literatura kaleckiana empírica³¹.

²⁸Para uma crítica à ausência de relações entre crescimento e distribuição assim como às limitações do debate *wage/profit-led* em um aparato Harrodiano, ver Skott (2017).

²⁹Partindo de um modelo sensivelmente diferente do apresentado, Dutt (1984) argumenta que dada uma estrutura de mercado oligopolista, há uma relação positiva entre taxa de crescimento e melhora distributiva. Nesses termos, afirma que a estagnação da economia indiana pode ser explicada como resultado de uma piora na distribuição de renda assim como maior concentração industrial. No entanto, por não incluir o parâmetro γ_π só é possível que o regime seja *wage-led*.

³⁰Bhaduri e Stephen Marglin (1990) incluem ramificações destas duas possibilidades que não serão exploradas em maior detalhe por não alterarem o mecanismo do modelo.

³¹Pariboni (2015) ressalta que a convergência para uma discussão empírica na literatura kaleckiana sugere que as questões teóricas tornem-se de uma magnitude menor. Este capítulo, em linha com este autor, pretende fazer uma discussão essencialmente teórica e este tema será endereçado em maiores detalhes na seção 2.3.

Não cabe à essa seção elencar se a literatura heterodoxa (majoritariamente kaleckiana) categoriza as economias como *wage* ou *profit-led*³² e sim ressaltar algumas características essenciais dessa família de modelos. Grosso modo, mudanças na distribuição funcional da renda têm impactos **persistentes** sobre a taxa de crescimento. Nas versões mais convencionais, tais modelos defendem que não existem razões para que o grau de utilização convirja ao normal³³. Esses são dois pontos de conflito entre o modelo kaleckiano tradicional e o supermultiplicador sraffiano. A subseção seguinte aborda esta outra proposta à instabilidade de Harrod.

2.1.3 Supermultiplicador Sraffiano

Os modelos anteriormente analisados possuem a hipótese compartilhada de que o investimento criador de capacidade preserva sua autonomia no longo prazo³⁴. Destaca-se ainda a incapacidade desses modelos reproduzirem alguns fatos estilizados (FAGUNDES; FREITAS, 2017, p. 5): (i) grau de utilização acompanha o nível normal apesar de sua volatilidade elevada; (ii) relação positiva entre crescimento do produto e participação do investimento na renda. A ausência de gastos autônomos não criadores de capacidade (Z) implica que a propensão marginal e média a poupar são idênticas e, portanto, a taxa de poupança ($S/Y = s$) determina a taxa de investimento (I/Y). Nos modelos Kaleckianos, portanto, a taxa de investimento é determinada pela taxa de poupança que, por sua vez, é idêntica a propensão marginal a poupar. Além disso, a não inclusão de Z faz com que o investimento não possa crescer a uma taxa deferente do consumo induzido/demanda agregada (isto é $g_I \equiv g_Y$) de modo que mudanças no crescimento não são capazes de alterar a taxa de investimento³⁵. Por fim, capacidade produtiva e demanda só se ajustam se o grau de utilização acomodar tais mudanças (SERRANO; FREITAS, 2017, p. 84–86)^{36,37}.

O Supermultiplicador Sraffiano desenvolvido por Serrano (1995b) (e paralelamente por Bortis (1997)) pretendia prosseguir com a agenda de pesquisa iniciada por Garegnani (2015, Original

³²Ver Blecker (2002) e Onaran e Galanis (2013) para um *survey* sobre o tema e Blecker (2016) para uma discussão sobre a importância da temporalidade do regime de crescimento enquanto Lavoie (2017) apresenta as origens deste debate.

³³Como será analisado em mais detalhes na seção 2.2, a literatura kaleckiana tem feito esforços para destacar que mesmo se o grau de utilização convergir ao normal, as características essenciais desses modelos ainda são preservadas.

³⁴Vale aqui pontuar que, coerentemente com o PDE, negar a autonomia do investimento criador de capacidade no longo prazo não implica em aceitar que a poupança o determina.

³⁵Uma vez que o investimento e renda crescem a uma mesma taxa, a taxa de investimento não se altera e permanece igual a taxa de poupança que, como visto, é idêntica a propensão marginal a poupar exogenamente determinada. Cabe aqui pontuar que tal conclusão não se restringe a especificação da função investimento, mas sim da ausência de gastos autônomos no modelo Serrano e Freitas (2017, p. 85).

³⁶Uma crítica endereçada especificamente aos modelos Kaleckianos diz respeito a razoabilidade do grau de utilização estar **persistentemente** em níveis (arbitrários) diferentes do desejado no longo prazo. Tal discussão ficará a cargo da seção 2.2.

³⁷Outra questão a ser destacada é a razoabilidade da função de investimento depender do *profit-share*. No entanto, esta exposição preserva a parcimônia e tal análise não será feita. Para mais detalhes ver Serrano e Freitas (2017, p. 88).

de 1962) em que o PDE fosse validado no longo prazo. Grosso modo, tal modelo avança em direção ao ajuste da capacidade produtiva à demanda e não o inverso. Partindo do fato estilizado de que, no longo-prazo, demanda agregada e capacidade produtiva estão equilibradas, argumenta-se que, diferentemente da teoria ortodoxa, é possível que a economia seja estritamente *demand-led*. Para tanto, existem duas condições: (i) propensão marginal a gastar (consumir e investir) é menor que a unidade e; (ii) existem gastos autônomos no longo prazo ($Z > 0$).

Caso a primeira condição seja violada, obtém-se um modelo que valida a lei de Say uma vez que todo gasto é induzido pela produção (SERRANO, 1995b, p. 75). Vale mencionar que Serrano, Freitas e Behring (2017) argumentam a estabilidade do modelo de Harrod requer tal característica³⁸. Serrano (1995a) também afirma que partindo do fluxo circular da renda, o investimento é considerado autônomo enquanto o consumo é induzido. No entanto, quando adicionado o caráter dual do investimento³⁹ e o princípio do ajuste do estoque de capital, o investimento se ajusta à demanda efetiva e passa a ser induzido:

Note that from our definition of capacity generating investment expenditures, it follows that when this type of investment is induced, productive capacity is necessarily a consequence of the evolution of effective demand. On the other hand, when capacity generating investment is autonomous it is productive capacity that emerges as a necessary consequence of (autonomous) investment. [...] Indeed, the view that capacity of each sector is adjusted to normal level of effective demand in every long-period position, necessary implies treating the long-period level of capacity generating investment as an endogenous magnitude. (SERRANO, 1995b, p. 77)

Fica, portanto, explicitada a importância do investimento induzido para que demanda agregada e capacidade produtiva cresçam dinamicamente equilibradas. Além disso, a indução do investimento é uma implicação lógica do princípio do ajuste do estoque de capital que, por sua vez, faz com que a capacidade produtiva acompanhe a demanda efetiva com o grau de utilização convergindo ao normal.

Em outras palavras, o modelo do supermultiplicador sraffiano se baseia no Princípio Acelerador (tal como Harrod (1939)) com a hipótese adicional que existem gastos autônomos que não criam capacidade produtiva. Como explicitado anteriormente, a existência deste tipo de gasto faz com que propensão marginal e média a poupar sejam distintas. Em linhas gerais, a relevância desta

³⁸Partindo da Eq fundamental (2.1.7), é possível indicar este raciocínio:

$$g = \frac{s}{v} \Leftrightarrow g \cdot v = s \Rightarrow s - g \cdot v = 0$$

$$\therefore c + g \cdot v = 1$$

em que $g \cdot v$ pode ser entendido como propensão marginal a investir que somada à propensão marginal a consumir (c), obtém-se a propensão marginal a gastar que, como demonstrado, é idêntica à unidade.

³⁹Aqui entendido como a propriedade (não simultânea) do investimento gerar tanto demanda quanto capacidade produtiva.

diferença é que a propensão média passa a depender do nível dos gastos autônomos, preservando a determinação da poupança pelo investimento. Uma das implicações é que na medida que a economia cresce, a participação dos gastos autônomos na renda diminuiu enquanto a participação do investimento aumenta, gerando um fluxo necessário para determinar a poupança. Portanto, a existência de gastos autônomos é condição suficiente para que a propensão média a poupar se torne uma variável endógena⁴⁰.

Isso pode ser expresso em termos da Equação 2.1.9. Seja h a propensão marginal à investir, o investimento (induzido) é definido nos seguintes termos:

$$I = h \cdot Y$$

Considerando que a parcela induzida do consumo é determinada pela propensão marginal a consumir⁴¹, o produto determinado pela demanda torna-se:

$$Y = c \cdot Y + h \cdot Y + Z \quad (2.1.17)$$

o que implica:

$$Y = \left(\frac{1}{1 - c - h} \right) Z \quad (2.1.18)$$

cujo termo destacado em parênteses é o supermultiplicador sraffiano. Tal como no multiplicador convencional, o produto é determinado pelos gastos autônomos. A principal diferença, portanto, consiste na indução do investimento. Para explicitar o fechamento deste modelo, a taxa de crescimento do estoque de capital (g_K) pode ser escrita nos seguintes termos⁴²:

$$g_K = \frac{I}{K} = \frac{I}{Y} \frac{Y}{Y_{FC}} \frac{Y_{FC}}{K}$$

$$\therefore g_K = \frac{h \cdot u}{v}$$

Igualando à taxa de crescimento da Eq. 2.1.9:

$$f \frac{s \cdot u}{v} \equiv g_K \equiv \frac{h \cdot u}{v} \quad (2.1.19)$$

A equação 2.1.19, apesar de ser uma identidade, contém os elementos para apresentar o fechamento do modelo, mas carece das hipóteses adicionais do supermultiplicador sraffiano e serão expostas a

⁴⁰Como alertam Serrano e Freitas (2017), esse resultado não decorre de uma especificação da função investimento.

⁴¹Neste caso que existem gastos autônomos não criadores de capacidade, o consumo pode não ser totalmente induzido. Além disso, vale a menção de que o componente autônomo Z não se restringe ao consumo e pode ser estendido ao investimento das famílias cujas implicações são analisadas no capítulo 4. Por fim, considerando as diversas formas que Z pode assumir, optou-se por introduzi-lo em sua forma mais genérica possível para permitir comparação entre os modelos.

⁴²Cabe aqui o esclarecimento que esta forma não é exclusiva do supermultiplicador sraffiano, mas sim comum a todos os modelos apresentados. A razão pela qual optou-se expor a taxa de acumulação nestes termos é meramente convencional dado o destaque a taxa de investimento.

seguir. Freitas e Serrano (2015) supõem que, seguindo o princípio do estoque de capital, a propensão marginal a investir se ajusta a desvios do grau de utilização em relação ao normal de forma lenta e gradual indicado pelo parâmetro γ_u positivo e suficientemente pequeno:

$$\frac{\Delta h}{h_{-1}} = \gamma_u(u - u_N)$$

Assim, esse mecanismo permite que o grau de utilização convirja ao desejado no longo prazo. Desse modo,

$$u \rightarrow u_N$$

Vale mencionar que neste modelo, os microfundamentos são baseados na teoria sraffaiana que permitem tanto contemplar elementos da teoria macroeconômica keynesiana quanto tornar a distribuição funcional da renda exogenamente determinada⁴³, ou seja,

$$\omega = \bar{\omega}$$

Dito isso e rearranjando a equação 2.1.19,

$$\begin{aligned} f \cdot s &= h \\ \frac{S}{Y} &= \frac{I}{Y} \end{aligned}$$

com isso, retorna-se a a identidade entre poupança e investimento. Resta destacar a ordem de determinação. Como destacado anteriormente, na presença de gastos autônomos, a propensão **média** a poupar é determinada pela propensão marginal a investir⁴⁴. Em outras palavras, o investimento gera o fluxo monetário em que a poupança se ajusta endogenamente. Dito isso, resta expor o modelo em termos de crescimento para apresentar o fechamento.

Tomando a diferença total da equação 2.1.17, tem-se:

$$g = c \cdot g + h \cdot g + \Delta h + \frac{Z}{Y} \cdot \bar{g}_Z$$

em que Z/Y é o inverso do supermultiplicador como definido em 2.1.18 e g_Z é a taxa de crescimento dos gastos autônomos determinada exogenamente. Rearranjando,

$$g = \frac{\Delta h}{1 - c - h} + \bar{g}_Z \quad (2.1.20)$$

uma vez esgotado o mecanismo de ajuste do estoque de capital, ou seja, quando o grau de utilização é igual o desejado, não há razões para que a propensão marginal a poupar se altere ($\Delta h = 0$). Desse

⁴³Para uma discussão sobre as diferentes determinações da taxa de lucro, ver Serrano (1988).

⁴⁴A propensão **marginal** poupar, determinada exogenamente, é tão somente um limite superior que a propensão média pode assumir. Serrano e De Souza (2000, p. 51–52) esclarecem a diferença entre essas duas taxas.

modo, conclui-se que na posição de completo ajuste ($u = u_N$) a taxa de crescimento do produto tende à taxa de crescimento dos gastos autônomos:

$$u \rightarrow u_N : g_I \rightarrow g_K \rightarrow g \rightarrow \bar{g}_Z$$

Igualando $g = g_Z$ a equação 2.1.9 e simplificando, obtém-se o fechamento deste modelo:

$$f = \bar{g}_Z \frac{\bar{v}}{\bar{s} \cdot \bar{u}_N} \quad (2.1.21)$$

A equação 2.1.21 explicita que a propensão média a poupar (expressa em termos da fração) é determinada pela taxa de investimento. Portanto, nesse modelo, a taxa de acumulação responde aos movimentos da demanda efetiva que são determinadas pelos gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva. Além disso, a existência de gastos autônomos que crescem a uma taxa exógena e o investimento produtivo induzido garantem a resolução do problema imposto por Harrod⁴⁵. Isso pode ser verificado ao considerar que a taxa de investimento (I/Y , regida pela propensão marginal a investir) se adapta à desvios entre a taxa de crescimento efetiva e à taxa dos gastos autônomos na direção correta⁴⁶. É nesse sentido que o Supermultiplicador é fundamentalmente estável⁴⁷:

The crucial point is that the process of growth led by the expansion of autonomous consumption is thus fundamentally or statically stable because the reaction of **induced investment** to the initial imbalance between capacity and demand has, at some point during the adjustment disequilibrium process, a **greater impact** on the rate of growth of productive capacity than on the rate of growth of demand. (SERRANO; FREITAS; BEHRING, 2017, p. 19, grifos adicionados)

Vale ressaltar que apesar do Supermultiplicador ser fundamentalmente estável, pode ser dinamicamente instável a depender dos parâmetros que dizem respeito ao ajuste da capacidade produtiva. Desse modo, não é a existência de gastos autônomos que garante a possibilidade de um regime de crescimento liderado pela demanda, mas sim o ajuste gradual da propensão marginal a investir. No entanto, basta que, fora de equilíbrio, a propensão marginal a gastar seja menor que a unidade para

⁴⁵A equação a seguir, extraída de Serrano e Freitas (2017), indica que a propensão marginal a investir é capaz de se ajustar à taxa de crescimento dos gastos autônomos:

$$h = \frac{v}{u_N} g_z$$

⁴⁶Cesaratto (2015) chama atenção para a resolução da singularidade da taxa garantida. Grosso modo, tal como no modelo de Cambridge, é a taxa garantida que se ajusta à efetiva.

⁴⁷Como pontuado anteriormente, no modelo de Harrod (1939), quando a taxa de crescimento corrente excede a taxa garantida ($g > g_w$), há sobreutilização da capacidade uma vez que não existem gastos autônomos. No supermultiplicador, por outro lado, quando a taxa de crescimento corrente excede a taxa de crescimento dos gastos autônomos ($g > z$), haverá **subutilização**

que o sistema seja dinamicamente estável. Assim, atendidas essas condições, a capacidade produtiva irá se ajustar à demanda:

$$\frac{1}{v}K = Y_{FC} = Y = \left(\frac{1}{1 - c - h} \right) Z$$

A equação acima evidencia que a capacidade produtiva se ajusta à demanda que, como indicado anteriormente, cresce à taxa tendencial dos gastos autônomos.

Com isso, conclui-se os objetivos pretendidos por esta seção, qual seja: expor o modelos de crescimento liderados pela demanda frente à problemática imposta por Harrod (1939). Antes de prosseguir para a discussão sobre a convergência do grau de utilização, é necessário pontuar uma qualificação quanto o papel das expectativas no supermultiplicador. Serrano (1995a, p. 87) reconhece que o grau de utilização pode não convergir ao normal, mas tal resultado decorre de formulações **persistentemente** erradas sobre a evolução da demanda efetiva. Em resposta à esse argumento, Allain (2014) e Thomas Palley (2018) afirmam que a instabilidade harrodiana é eliminada no Supermultiplicador por hipótese.

Vale notar que a exposição anterior permitiu apresentar a resolução desse problema sem recorrer à suposições sobre a formulação das expectativas. Desse modo, dizer que o Supermultiplicador Sraffiano resolve a instabilidade Harrodiana por meio de hipóteses expectacionais não contempla de forma adequada o papel desempenhado pelo investimento induzido e dão muita ênfase à existência de gastos autônomos. Uma implicação dessa incompreensão é o esforço da literatura Kaleckiana em garantir os resultados do modelo canônico na presença de gastos autônomos sem abandonar a ideia de que o investimento produtivo é autônomo no longo prazo. Tal discussão é endereçada parcialmente na seção seguinte.

2.2 Convergência ao grau de utilização normal: dois paradigmas e os dois paradoxos

Esta seção pretende destacar a discussão entre Kaleckianos e Sraffianos sobre a convergência do grau de utilização da capacidade ao nível normal⁴⁸ assim como as implicações para os paradoxos dos custos e da parcimônia. Argumenta-se que o grau de utilização não é somente uma variável de fechamento mas também fundamental para a validação desses paradoxos em termos de crescimento.

⁴⁸Por grau de utilização normal, adota-se a definição de Ciccone (2017, p. 423–4, Original de 1986): “*The ‘normal’ utilization of capacity can therefore imply not only the expectation of a certain breadth and frequency of the fluctuations in demand, but also the expectation of the idleness of the excess capacity deliberately chosen by the entrepreneurs;*”

A longevidade da discussão sobre a convergência do grau de utilização pode ser vista no modelo de Vianello (1985) cujo argumento é que sobre/sub-utilização não são persistentes e, portanto, o grau de utilização converge ao normal no *steady-state*. Edward J. Amadeo (1986) contra-argumenta que, mesmo no longo-prazo, o grau de utilização pode ser diferente do normal uma vez que: (i) as firmas tendem a evitar guerras de preços em uma economia oligopolista e (ii) o grau de utilização é o principal determinante do investimento agregado. Além disso, afirma que não há um mecanismo endógeno que garanta que o grau de utilização irá retornar ao normal⁴⁹. Ao analisar o modelo de Ciccone (2017, Original de 1986), afirma:

From our perspective, there is no argument in the analysis to support the idea that the system will accommodate to changes in accumulation independently from changes in distribution. The system may indeed accommodate leaving distribution unaffected, but the uncertainty of the results leads one to believe that it will not. (AMADEO, E. J., 1986, p. 160)

Dessa forma, fica evidente a importância da endogenização do grau de utilização para os modelos Kaleckianos⁵⁰. No limite, é o que garante que a distribuição de renda possa ser exógena sem incorrer na instabilidade de Harrod, ou melhor, para que não precise ser endogenizada. Nesses termos, a caracterização dos regimes de crescimento (*wage/profit-led*) perpassa pela endogenização do grau de utilização que, ao não convergir ao normal, acomoda **persistentemente** mudanças na distribuição funcional da renda. O centro do argumento de Edward J. Amadeo (1986, p. 155–160) é que se o grau de utilização for exógeno, mudanças na taxa de acumulação recairão necessariamente sobre a distribuição de renda. Além disso, a proposta defendida pelo autor é de que o grau de utilização normal converge, endogenamente, ao efetivo:

Indeed, one may argue that if the equilibrium degree is systematically different from the planned degree of utilization, entrepreneurs will eventually revise their plans, thus **altering the planned degree**. If, for instance, the equilibrium degree of utilization is smaller than the planned degree ($u - u_n$), it is possible that entrepreneurs will reduce u_n . (AMADEO, E. J., 1986, p. 155, grifos adicionados e variáveis adaptadas)

Como enfatizam Hein, Lavoie e Treeck (2012), a endogenização do grau de utilização normal é uma das formas encontradas pela literatura Kaleckiana para lidar com a instabilidade de Harrod⁵¹. Ao longo da exposição, verifica-se que boa parte desses modelos Kaleckianos não-

⁴⁹No entanto, faz uma concessão: se os empresários revisarem suas expectativas, o grau de utilização pode ser igual ao normal. De todo modo, o argumento é que mesmo convergindo ao nível planejado, o grau de utilização continua sendo a variável endógena do modelo.

⁵⁰Rowthorn (1981, p. 30), por exemplo, destaca a importância dessa endogenização para contrastar com os modelos de Cambridge.

⁵¹Tais esforços foram endereçados a convergência do grau de utilização e não ao caráter autônomo do investimento. O argumento aqui defendido, diferentemente de Setterfield (2017), é que a equidade $u = u_n$ não é condição necessária nem suficiente para que o problema da instabilidade de Harrod seja resolvido sem impor hipóteses psicológicas adicionais.

Tradicionais⁵² resgatam conceitos como: (i) incerteza; (ii) racionalidade limitada; (iii) impossibilidade de maximização restrita; (iv) convenções; (v) conflito de interesses e; (vi) ameaça de novos entrantes. Não está sendo questionada a plausibilidade desses elementos, mas sim, o movimento retórico⁵³ em que tais conceitos deixaram de ser somente fundamentos e passaram a ser argumentos.

A convergência do grau de utilização ao normal, no entanto, não contradiz ou abdica tais conceitos. Como pontua Steindl (1952), as firmas mantêm deliberadamente capacidade produtiva ociosa para acomodar movimentações inesperadas na demanda efetiva. Outro exemplo é a existência de conflitos de interesses entre as parcelas da sociedade que, seguindo algumas teorias sraffianas da distribuição como a de Pivetti (1991), não se resumem à estrutura de mercado ou à barganha salarial/distribuição de lucros e dividendos⁵⁴. Desse modo, usar tais conceitos como argumentos não é suficiente para negar a convergência do grau de utilização.

Outra forma de lidar com a instabilidade de Harrod é abstraí-la através de um corredor de estabilidade como em Dutt (1990) e Setterfield (2017). Uma das implicações desta abordagem, argumentam, é que a instabilidade (harrodiana) deixa de ser a regra e passa a ser a exceção. No entanto, uma das características estruturais dos modelos Kaleckianos⁵⁵ destacadas por Skott (2012) é a maior sensibilidade da poupança em relação ao investimento, implicando que tal corredor de estabilidade precisa ser exageradamente grande (GIRARDI; PARIBONI, 2018b, p. 6).

A literatura Kaleckiana também questionou a razoabilidade de considerar o grau de utilização normal como singular e constante⁵⁶. Como resposta, utilizam um argumento convencionalista em que o grau de utilização efetivo é encarado como normal dada a existência da incerteza fundamental (LAVOIE, 1995). Desse modo, tal como em Edward J. Amadeo (1986), o grau de utilização normal se ajusta endogenamente ao efetivo. Além disso, afirmam que as firmas possuem um comportamento adaptativo. Em resposta, Skott (2012) argumenta que um comportamento adaptativo só é razoável em relação à variáveis que os referidos agentes não possuem controle, o que não é o caso para as firmas e o grau de utilização. Dito isso, o autor questiona o porquê do grau de utilização desejado se ajustar e não a taxa de acumulação:

⁵²Por modelos Kaleckianos não-Tradicionais, entende-se como aqueles que incorporam a convergência do grau de utilização ao normal ou a existência de gastos autônomos não criadores de capacidade.

⁵³Movimento retórico aqui utilizado no sentido de Swales (2011) e, de forma mais específica, fazendo referência ao estabelecimento de um nicho de pesquisa para preservar determinada tradição teórica que neste caso diz respeito a manutenção da endogeneidade do grau de utilização nos modelos Kaleckianos.

⁵⁴Para uma crítica aos microfundamentos que dizem respeito a formação de preço nos modelos Kaleckianos, ver Steedman (1992).

⁵⁵Cabe a menção à crítica de Nikiforos e Foley (2012) em que os autores apontam a existência de não-linearidades no modelo Kaleckiano que implicam na necessidade de repensar os regimes de crescimento *wage-* e *profit-led*.

⁵⁶Ao longo deste capítulo, o grau de utilização normal é considerado constante por simplificação. Como será discutido em maiores detalhes no capítulo seguinte o grau de utilização normal não é necessariamente constante nem igual à média do grau de utilização observado.

But why adjust the target? Revised plans can take the form of changing the rate of accumulation—the Harrodian argument—rather than the target. Adjustments in the target would only be justified if the experience of low actual utilization makes firms decide that low utilization has now become optimal, and neither Amadeo nor Lavoie presents an argument for this causal link. (SKOTT, 2012, p.120)

Além disso, destaca que a endogênização do grau de utilização normal não implica em equivalência com o efetivo no longo prazo. De forma complementar, Nikiforos (2016) critica esta ideia convencionalista ao frisar que a necessidade de responder efeitos inesperados na demanda agregada é, acima de tudo, um **objetivo** das empresas e não um comportamento convencional.

Retomando os movimentos retóricos apresentados anteriormente, é possível destacar um tratamento assimétrico no que diz respeito ao comportamento maximizador das firmas (SKOTT, 2012, p. 123). Grosso modo, dada a racionalidade limitada dos agentes, não verifica-se um comportamento maximizador estrito, mas sim “satisfatório” (DUTT, 2010). No entanto, tal raciocínio não é estendido para a capacidade de minimização de custos pelas empresas na determinação da demanda por trabalho. Desse modo, se a racionalidade limitada é utilizada como argumento para impedir que o grau de utilização convirja ao normal, isso deveria implicar na impossibilidade da relação trabalho-produto estar no nível desejado. Caso contrário, tal postura além de ser assimétrica é também inconsistente.

Além da endogênização do grau de utilização, Hein, Lavoie e Treeck (2012) apresentam as propostas de Dallery e Van Treeck (2011) em que a existência de objetivos conflitantes e (em potencial) mutualmente excludentes impedem que o grau de utilização atinja o nível desejado. Em síntese, acionistas e gerentes possuem interesses distintos, impactando as decisões sobre a taxa de lucro normal. Já a negociação salarial entre empregado e empregador determina os valores da margem de lucro. Sendo assim, os autores argumentam que um objetivo sendo alcançado, o outro necessariamente é deixado em segundo plano. A título de exemplo, ao apresentar o modelo de inflação por conflito distributivo, Lavoie (2015, p. 567) afirma:

The presence of bargaining power on the part of the workers allows us to respond to a criticism of the Kaleckian model of growth and distribution: there cannot be a true long-run steady state unless the normal profit rate and the actual profit rate are equated. In the above model, the two rates are equated; that is, the actual profit rate and the target rate of return assessed by firms become equal. Despite this, the rate of utilization of capacity is still free to vary from its standard or normal value. The key characteristic of the Kaleckian model, the endogeneity of its rate of capacity utilization, is thus preserved.

Com isso, é possível readequar algumas características dos modelos Kaleckianos com a endogênização do grau de utilização.

No entanto, Skott (2012, p. 125) chama atenção que tal argumento permite que o grau de utilização se torne uma variável livre, mas isso não implica que será uma variável livre. Além

disso, Dallery e Van Treeck (2011) centram o argumento na possibilidade desses objetivos serem conflituosos, mas não apresentam razões para que sejam **necessariamente** inconciliáveis.

Antes de avançar no que Girardi e Pariboni (2018b) chamam de “nova abordagem” é necessário destacar qual a importância de preservar a endogeneização do grau de utilização no longo prazo. Dadas mudanças na distribuição funcional da renda, o grau de utilização varia e persiste em níveis distintos do normal de modo que a economia apresente características *wage-* ou *profit-led* no longo prazo. Tal implicação decorre de dois conceitos caros para a literatura kaleckiana. O primeiro deles é o paradoxo dos custos proposto por Rowthorn (1981) em que um aumento na participação dos salários (lucros) na renda geram maiores (menores) taxas de lucro dados os efeitos positivos (negativos) sobre o grau de utilização e, portanto, sobre a taxa de crescimento:

Anything which increases the real cost of production (including taxes and depreciation) will reduce the amount of net profit earned at **current level of capacity utilization**. However, such an increase in costs will be followed by a rise in output, and so the level of capacity will increase. Since $u < u_N$, the **economies of scale** resulting from higher capacity utilization will more than offset the effect of higher costs. As result the rate of profits will increase. Thus, under the assumed conditions, **higher costs lead to higher profits**. (ROWTHORN, 1981, p. 18, grifos adicionados e variáveis adaptadas)

Já paradoxo da parcimônia exposto por Keynes (1936) trata dos efeitos negativos sobre o grau de utilização/taxa de acumulação de um aumento na propensão marginal a poupar⁵⁷. Mantida a endogeneização do grau de utilização, estes paradoxos podem ser preservados no longo prazo uma vez que o grau de utilização acomoda mudanças na distribuição de renda.

No modelo do supermultiplicador sraffiano, por outro lado, mudanças na distribuição funcional da renda geram efeitos temporários sobre a taxa de crescimento que, esgotados os efeitos sobre a propensão marginal a investir, retorna a taxa dos gastos autônomos (SERRANO; FREITAS, 2017, p. 79 VER PÁGINA). Isso pode ser visualizado em termos da equação 2.1.20 que indica que a taxa de crescimento tendencial, quando $u = u_N$, independe da distribuição:

That lower marginal propensity to save will increase the level of induced consumption and aggregate demand, and, consequently, also the long-period level of productive capacity. However, this will be a **once-and-for-all effect**. Once capacity has adjusted to the new (higher) **level** of effective demand implied by the higher (super) multiplier, the economy will settle back to steady growth grow at the unchanged rate given by the growth of autonomous expenditures. Therefore, on the demand side, a decrease in the marginal propensity to save brought about by the rise of the real wage will have a positive long-period **level** effect (on capacity output), but will have no effect on the sustainable secular rate of growth of capacity. (SERRANO, 1995b, p. 138, grifos adicionados)

⁵⁷Vale destacar que Keynes (1936) não trata dessas questões em termos de crescimento e sim a literatura pós-Keynesiana. Para mais detalhes, ver Lavoie (2015, Cap. 6).

Desse modo, uma vez que o grau de utilização converge ao normal, o paradoxo dos custos deixa de ser validado no longo prazo. Já o paradoxo da poupança não afeta diretamente a taxa de crescimento, mas sim o limite superior ao qual a taxa de poupança pode se ajustar para permitir um crescimento liderado pela demanda (SERRANO; FREITAS; BEHRING, 2017). DÚVIDA

Por mais que no modelo do supermultiplicador sraffiano o grau de utilização converge ao normal, esta postura não é consensual entre teóricos sraffianos. Cesaratto (2015, p. 161) destaca que Garegnani (1992) e Palumbo e Trezzini (2003) argumentam que tal convergência não é representativa de uma economia capitalista. O próprio modelo de Ciccone (2017, Original de 1986) apresentado anteriormente desassocia preços e taxa geral de lucro normais do grau de utilização normal. Tendo em vista este modelo, Moreira e Serrano (2018, p. 476) afirmam:

Enfim, o que importa é que as quantidades produzidas estejam em consonância com a demanda efetiva, o que não implica que a capacidade produtiva também esteja e o grau de utilização seja normal. Entretanto, isso não nega que haja uma tendência de ajuste da capacidade à demanda.

adiante

É importante deixar claro que, apesar do grau de utilização normal não ser uma condição necessária para o ajuste à posição de longo prazo, ainda assim, é a referência utilizada para o cálculo dos preços normais que deverão prevalecer no longo prazo. Isso significa que, independente da capacidade instalada efetiva num dado momento, para cada novo processo de instalação de capacidade, a intenção de operá-la ao nível normal será sempre uma baliza para as decisões de investimento [...] (MOREIRA; SERRANO, 2018, p. 477)

Além disso, Lavoie (2015, p. 408) destaca a rejeição de alguns autores sraffianos, dentre eles Palumbo e Trezzini (2003), à ênfase ao conceito de *steady state* em detrimento da média ao longo dos períodos de transição. Como consequência indireta da crítica do supermultiplicador sraffiano, não raro encontra-se modelos Kaleckianos com convergência ao grau de utilização normal que destacam a manutenção dos resultados canônicos na média:

Thus, **on average**, the rate of utilization and the growth rate of the economy are higher than at the starting and terminal points of the traverse. Thus, what these Sraffians are telling us is that more attention should be paid to the average values achieved during the traverse than to the terminal points. (LAVOIE, 2015, p. 408, grifos adicionados)

Dito isso, a tabela 1 resume a discussão sobre a convergência do grau de utilização destacando quais características dos modelos Kaleckianos tradicionais são mantidas. Nesta tabela, fica explicitada a relação entre endogeneização do grau de utilização (efetivo ou normal) e a preservação dos paradoxos kaleckianos. Além disso, verifica-se que a não endogeneização está relacionada com características da teoria clássica da distribuição no longo prazo.

Tabela 1 – Modelos Kaleckianos e a convergência ao grau de utilização: críticas e propostas

Autor	Convergência ao grau de utilização normal	Paradoxos preservados
Edward J. Amadeo (1986)	$u_N \rightarrow u$	Custos e da parcimônia
Committeri (1987)	Não converge	Ausentes (Clássico no LP)
Lavoie (1995)	$u_N \rightarrow u$ (Convencionalista)	Custos e da parcimônia
Serrano (1995b)	$u \rightarrow u_N$	Ausentes
Dutt (1997)	$u_N \rightarrow u$ (Novos entrantes)	Custos e da parcimônia
Duménil e Lévy (1999)	Política Monetária	Ausentes (Clássico no LP)
Shaikh (2009)	<i>Retation ratio</i>	Ausentes (Clássico no LP)
Dallery e Van Treeck (2011)	Não converge (Conflitos)	Custos e da parcimônia
Schoder (2012)	Não converge (Relação capital-produto)	Parcimônia
Nikiforos (2016)	$u_N \rightarrow u$ (Microfundamentos)	Custos e da parcimônia
Setterfield (2017)	Não converge (Corredor de estabilidade)	Custos e da parcimônia

Fonte: Elaboração própria

Retornando às abordagens Kaleckianas, Girardi e Pariboni (2018b) afirmam que mesmo não existindo um único nível de grau de utilização normal, a presença de gastos autônomos que não criam capacidade produtiva implicam na instabilidade harrodiana⁵⁸. Diante destas lacunas, a proposta de Nikiforos (2016)⁵⁹ se destaca. A principal característica dessa nova abordagem é a reformulação de fundamentos microeconômicos em que impõe-se rendimentos crescentes (que crescem à taxas decrescentes).

Grosso modo, essa alteração do modelo Kaleckiano tradicional faz com que o grau de utilização normal se torne endógeno e positivamente relacionado com a demanda das empresas (Q). O argumento decorre da determinação do grau de utilização desejado pelo princípio de minimização dos custos tal como em Kurz (1986). Na presença de economias de escala, o aumento na demanda é atendida por um maior grau de utilização e não por uma expansão das firmas a um mesmo grau de

⁵⁸Este tema será abordado em maiores detalhes na seção seguinte.

⁵⁹Girardi e Pariboni (2018b) denominam como “Nova Abordagem”

utilização (NIKIFOROS, 2016, p. 442):

$$\dot{u}_n = \mu(u - u_N) \quad (2.2.1)$$

$$\dot{Q} = \xi(g^* - g_0) \quad (2.2.2)$$

em que μ e ξ são parâmetros positivos, g^* é a taxa de acumulação corrente e g_0 é a esperada. Nesses termos, uma taxa de acumulação maior do que a esperada faz com que a demanda (individual) da firma aumente implicando em um maior grau de utilização desejado que, na presença de rendimentos crescentes, não está associada a uma escolha técnica mais dispendiosa:

We concluded that via this mechanism the firm will tend to increase the utilization of its resources along with its product as the economy grows and the firm faces increasing demand. At a macro level this can be “translated” into an endogenous adjustment of the desired level of utilization towards its actual rate. Nikiforos (2016, p. 459)

Por mais que no modelo de Nikiforos (2016) o grau de utilização normal se ajusta endogenamente ao efetivo, o argumento se difere ao de Edward J. Amadeo (1986):

However, the logic towards equation (2.2.1) is different compared to the rationale that has been provided so far in the literature. We begin at the micro level, from a firm that explicitly sets its desired utilization rate based on a **cost-minimizing decision** process and then we provide a link of this micro behavior to the adjustment of utilization at the macro level. (NIKIFOROS, 2016, p. 456, grifos adicionados e numeração adaptada)

Adiante, o autor prossegue com uma justificativa empírica do porquê da endoginização do grau de utilização normal que será analisada mais detidamente no capítulo 3. Por ora, resta apresenta as críticas teóricas ao modelo de Nikiforos (2016) proposta por Girardi e Pariboni (2018b). Acertadamente, os autores reconhecem que na presença de rendimentos crescentes, a dinâmica econômica faria com que emergisse uma estrutura de mercado oligopolizada. Dito isso, as críticas são feitas em três frentes⁶⁰: (i) Dada a estrutura de mercado emergente, não há razões para se supor que as empresas serão tomadoras de preço; (ii) Não há razões para se supor que **todas** as firmas apresentem rendimentos crescentes e; (iii) A passagem das hipóteses microeconômicas ao nível macro é um salto lógico.

O salto lógico mencionado decorre das implicações da agregação do nível microeconômico. Girardi e Pariboni (2018b) argumentam que tal mecanismo não implicaria na endoginização do grau de utilização normal, mas sim que taxas de crescimento positivas fariam com que o grau de utilização ampliasse indefinitivamente até atingir um teto. Além disso, afirmam que não existem

⁶⁰Adicionalmente, Girardi e Pariboni (2018b) pontuam que a concepção de capital apresentada por Nikiforos (2016) não escapa das críticas da controvérsia de Cambridge.

justificativas econômicas para se supor que a relação 2.2.1 seja razoável: “*This assumption does not seem to have any compelling economic justification, other than the desire to be able to derive a macroeconomic adjustment process that can ‘save’ the standard Neo-Kaleckian model from instability problems*” (GIRARDI; PARIBONI, 2018b, p. 15).

Outra implicação importante da equação 2.2.2 é que a economia estando na trajetória estável, ou seja, ($g^* = g_0$), uma taxa de crescimento elevada fará com que o crescimento do nível da firma seja nulo. Sendo assim, mesmo que exista uma fonte autônoma de crescimento da economia ($Z > 0$), as firmas não irão reagir a esse estímulo. Dessa forma, haverá equilíbrio entre demanda e capacidade produtiva se, e apenas se, a taxa de crescimento dos gastos autônomos coincidir com g_0 . Portanto, mesmo que a equação 2.2.2 seja razoável, tal modelo é incapaz de incorporar de forma convincente os gastos autônomos que não criam capacidade. A forma com que os modelos Kaleckianos incorporam tais gastos é endereçada na seção seguinte⁶¹.

2.3 Gastos autônomos não criadores de capacidade e a instabilidade velada

A presente seção tem por objetivo destacar como os modelos kaleckianos incorporaram os gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva ao setor privado (Z). Antes de prosseguir, no entanto, cabe destacar que por serem modelos na fronteira da literatura, podem não ser representativos do que se entende por modelo kaleckiano. Desse modo, ao longo desta seção, estão sendo analisados modelos kaleckianos não-tradicionais. Além disso, a inclusão deste componente de gasto revela a resolução parcial da instabilidade harrodiana⁶² nos modelos kaleckianos se não forem feitas modificações adicionais⁶³. A razão do porquê pode ser explicitada seguindo a exposição de Hein, Lavoie e Treeck (2012) e Allain (2014).

Considerando, como em Edward Amadeo (1987), que o investimento reaja às expectativas sobre o grau de utilização (u^e), a função de acumulação (g_I) pode ser reescrita como:

$$g_I = \gamma + \gamma_u(u^e - u_n) \quad (2.3.1)$$

⁶¹Como discutido na seção 2.3, uma das características do modelo do supermultiplicador sraffiano é a inclusão dos mencionados gastos autônomos ($Z > 0$). No entanto, Nikiforos (2018) argumenta que podem ser incluídos nos modelos Kaleckianos convencionais.

⁶²Diferentemente de Hein, Lavoie e Treeck (2012), a instabilidade harrodiana é entendida como a incapacidade das expectativas sobre o grau de utilização se ajustarem na direção correta (instabilidade fundamental nos termos de Serrano, Freitas e Behring (2017)) e não como o princípio do ajuste do estoque de capital.

⁶³Como visto, nos modelos mais convencionais a endogeneidade do grau de utilização é suficiente para contornar esse problema. As complicações mencionadas, decorrem das sofisticacões dos modelos kaleckianos.

em que γ corresponde ao componente autônomo do investimento e pode ser traduzido tanto como *animal spirits* quanto expectativa média da taxa de crescimento de longo prazo (ALLAIN, 2014, p. 4). A justificativa da mudança da função de acumulação é por permitir tornar explícito o princípio do ajuste do estoque de capital no longo prazo. Como visto, no curto prazo o grau de utilização não é necessariamente igual ao desejado. No entanto, se as firmas ajustam o estoque de capital,

$$\Delta g_i = \varphi(u^e - u_n) \quad \varphi > 0$$

tais expectativas devem ser revistas:

$$\Delta u^e = \xi(u - u^e), \quad \xi > 0 \quad (2.3.2)$$

Da mesma forma, as expectativas em relação à taxa de crescimento secular (γ) são corrigidas pelas taxas de crescimento efetivas (g^*), ou seja,

$$\Delta \gamma = \phi(g^* - \gamma) \quad (2.3.3)$$

em que ϕ indica um fator de correção positivo. Substituindo recursivamente e seguindo os procedimentos de Allain (2014, p. 5), obtém-se:

$$\Delta \gamma = \phi \gamma_u(u - u^e) \Leftrightarrow \Delta g_I = \varphi(u^e - u_n), \quad \varphi > 0 \quad (2.3.4)$$

Tal equação implica na instabilidade de Harrod uma vez que há uma sobre/sub-estimação do grau de utilização que, por sua vez, se afasta cada vez mais do grau de equilíbrio. Em outras palavras, supondo que os empresários revisem a taxa de crescimento tendencial de acordo com a efetiva e se ambas se distinguirem, não existe um mecanismo que as igualem: *hen the actual rate of utilization is consistently higher than the normal rate ($u^* > u_n$), this implies that the growth rate of the economy is consistently above the assessed secular growth rate of sales ($g > \gamma$)*. Thus, as long as entrepreneurs react to this in an adaptive way, they should eventually make a new, **higher**, assessment of the trend growth rate of sales, thus making use of a **larger** γ parameter in the investment function. (HEIN; LAVOIE; TREECK, 2012, p. 144, grifos adicionados e variáveis adaptadas) Essa instabilidade⁶⁴, argumentam Hein, Lavoie e Treeck (2012, p. 144), decorre do coeficiente γ da função de investimento que deixa de ser constante na medida que o grau de utilização se afasta do normal. Nesses termos, não é paradoxal um modelo apresentar estabilidade Keynesiana e não resolver a instabilidade de Harrod.

Diante deste problema, foram feitas modificações nos modelos kaleckianos convencionais para que a estabilidade Harrodiana fosse balizada. Grosso modo, tais mudanças têm a inclusão

⁶⁴Vale destacar que não é necessário recorrer à mudanças nos modelos kaleckianos para incorrer em instabilidade, como pontua Dallery (2007), o que não implica que todas elas são do tipo Harrodiana.

de gastos autônomos como denominador comum, mas uma mediação se faz necessária. Tal como aponta Allain (2014, p. 3), os resultados são distintos a depender de quais gastos são considerados autônomos e isso será avaliado adiante. Dito isso, outro objetivo da presente seção é destacar como diferentes modelos que incorporaram os gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva ao setor privado (Z) de acordo com a exposição de Cesaratto, Serrano e Stirati (2003) e a categorização de Serrano (1995b). Em especial, serão investigados os modelos kaleckianos que introduziram mecanismos de ajuste do grau de utilização da capacidade e/ou os que seguem o supermultiplicador sraffiano com a inclusão dos referidos gastos autônomos⁶⁵. Nesses termos, os componentes efetivamente autônomos da demanda agregada são: (i) gastos do governo; (ii) consumo financiado por crédito; (iii) Investimento residencial; (iv) Gastos com P&D e; (v) Exportações.

Para manter a comparatividade entre os modelos apresentados, serão realçados alguns dos resultados que dizem respeito a efeitos em comum no **longo prazo**, são eles: (i) mudanças na distribuição de renda; (ii) alterações na marginal propensão à poupar; (ii) efeitos sobre o grau de utilização; (iv) impactos do aumento da taxa de crescimento dos gastos autônomos. Já aqueles resultados que são exclusivos do modelo analisado serão postos em evidência quando necessário. Por fim, as variáveis serão adaptadas de modo que a γ é o componente autônomo do investimento, z é a participação dos gastos autônomos (Z) na renda que crescem a taxa gz .

No modelo de Allain (2014), os gastos do governo são autônomos e não criam capacidade (Z) e são financiados por impostos que se ajustam endogenamente para manter o saldo primário equilibrado. Uma vez introduzidos os gastos do governo, a poupança agregada após os impostos torna-se:

$$\frac{S}{Y} = s - \frac{Z}{Y}$$

Fazendo as devidas mediações, chega-se à equação 2.1.8 apresentada anteriormente⁶⁶. Neste ponto, Allain (2014, p. 10) segue a proposta de Serrano (1995b) em que a presença dos gastos autônomos possibilitam o ajuste da identidade entre investimento e poupança pela participação desses gastos na renda e não por mudanças no grau de utilização.

⁶⁵As variáveis serão adaptadas de modo que a γ é o componente autônomo do investimento, z é a participação dos gastos autônomos (Z) na renda que crescem a taxa gz .

⁶⁶Uma das etapas deve ser esclarecida. Em linha com a literatura kaleckiana, Allain (2014) define grau de utilização como sendo a razão entre renda e estoque de capital. Desse modo,

$$\frac{S}{K} = s \left(\frac{Y}{K} - \frac{Z}{K} \right)$$

Multiplicando pelo estoque de capital e dividindo pela renda:

$$\frac{S}{Y} = s - \frac{Z}{Y}$$

Dito isso, o autor prossegue para o médio prazo⁶⁷ em que a participação dos gastos do governo na renda (z)⁶⁸ varia de acordo com a diferença entre as taxas de crescimento dos gastos autônomos e a efetiva (g^*):

$$\dot{z} = z(g_z - g^*) \quad (2.3.5)$$

Assim, quando $g^* \neq g_z$ haverá uma variação na participação dos gastos públicos, impactando a demanda agregada e a poupança. No médio prazo, em que a taxa de crescimento converge a taxa dos gastos autônomos, o mecanismo de ajuste de z é encerrado e o grau de utilização é dado por:

$$u^* = \frac{g_z - \gamma}{\gamma_u} + u_n \quad (2.3.6)$$

Esta equação evidencia que se, e somente se, a expectativa tendencial de crescimento (γ) for igual à taxa de gastos autônomos, o grau de utilização convergirá ao normal no médio prazo e, portanto, é meramente accidental. No entanto, a convergência do grau de utilização ao normal é uma característica do longo prazo que decorre do princípio de ajuste do estoque de capital em que a taxa de crescimento esperada se adequa aos distanciamentos entre o grau de utilização efetivo e normal. Grosso modo, para evitar o deflagrar da instabilidade de Harrod é necessário que o investimento deixe de ser autônomo:

$$\dot{\gamma} = \phi \gamma_u (u^* - u_N) \quad (2.3.7)$$

em que ϕ é um fator de ajuste positivo e suficientemente pequeno de modo que:

$$\gamma = g = g_z \Leftrightarrow u^* \rightarrow u_N$$

Vale ressaltar que tal resultado se verifica mesmo com a equação 2.3.7 sendo idêntica à 2.3.4⁶⁹ como a diferença, nada trivial, da introdução dos gastos autônomos. Além disso, Allain (2014, p. 14) argumenta que a novidade é o parâmetro $\phi > 0$ que além de não implicar na instabilidade Harrodiana, é também condição de estabilidade do modelo. A razão pela qual este modelo não incorre na instabilidade harrodiana é apresentada a seguir⁷⁰.

Partindo do equilíbrio de médio prazo ($\dot{z} = 0$ com a solução assintótica para $Z > 0$ ⁷¹) e supondo um aumento na taxa esperada de crescimento ($\uparrow \gamma$), obtém-se um cenário em que $g^* > g_z$.

⁶⁷Uma das novidades introduzidas por Allain (2014) são as caracterizações do curto, médio e longo prazo. O primeiro é definido pela não alteração dos gastos autônomos enquanto o segundo pode ser definido como aquele que tais gastos crescem a taxa exogenamente determinada. Por fim, o longo prazo é caracterizado por uma função de investimento Harrodiana com o grau de utilização convergindo ao desejado. Vale pontuar a distinção com a temporalidade encontrada em Freitas e Serrano (2015) em que a convergência ao grau de utilização normal se dá na *fully-adjusted position* enquanto a convergência da taxa de crescimento a g_z é dada no longo prazo. Para manter a comparatividade entre os modelos kalekicanos não-tradicionais, adota-se a caracterização de Allain (2014) ao longo desta seção.

⁶⁸A rigor, o autor define essa participação dos gastos autônomos normalizados pelo estoque de capital e não pela renda, mas tal apresentação não altera a exposição ao longo do texto.

⁶⁹A diferença consiste na substituição do grau de utilização efetivo pelo esperado.

⁷⁰A escolha de expor o modelo de Allain (2014) decorre da similaridade que os modelos posteriores a esse possuem.

⁷¹Para maiores detalhes, ver Fagundes e Freitas (2017).

Como consequência, a participação dos gastos autônomos na renda diminui de modo que a poupança agregada aumenta. Essa redução de z , por sua vez, tem um efeito negativo tanto sobre a taxa de crescimento efetiva quanto sobre o grau de utilização. Esse processo se esgota com $g^* = g_z$ mas com um grau de utilização menor (equilíbrio de médio prazo reestabelecido). No longo prazo, instaura-se o princípio do ajuste do estoque de capital de modo que $u^* = u_N$. Desse modo, a introdução dos gastos autônomos não criadores de capacidade é capaz de contornar a instabilidade dos modelos kaleckianos uma vez induzido investimento no longo prazo⁷².

Para encerrar a exposição deste modelo, seguem as conclusões para o longo prazo: (i) Mudanças na distribuição de renda geram alterações no nível, mas não na taxa de crescimento, eliminando o paradoxo dos custos; (ii) o mesmo vale para alterações na propensão marginal a poupar e o paradoxo da parcimônia; (iii) o grau de utilização converge ao normal no longo prazo e não é afetado por modificações no comportamento do investimento/poupança dada a introdução de Z que cresce exogenamente e dado o ajuste na propensão marginal a investir e (iv) aumento da taxa de crescimento dos gastos autônomos tem impactos positivos sobre a taxa de acumulação⁷³. Dentre os resultados particulares do modelo, Allain (2014) pontua os efeitos contra-cíclicos do gasto público sobre o nível de atividade e seu papel enquanto estabilizador automático do crescimento.

Por mais que o modelo de Allain (2014) inclua os gastos do governo como sendo os gastos autônomos e preserve as características dos modelos kaleckianos (em nível), Hein (2018) argumenta que não inclui uma discussão sobre a dinâmica do *déficit* e da dívida pública no longo prazo. Os gastos do governo, agora financiados por crédito e emissão monetária, crescem a uma taxa exógena tal como em Allain (2014). Uma distinção deste modelo é que o autor julga não ser razoável, dada a incerteza keynesiana fundamental, que o grau de utilização convirja ao normal no longo prazo⁷⁴. Dito isso, cabe realçar os resultados que tocam os objetivos desta seção: (i) Mudanças na distribuição de renda não afetam a taxa de crescimento de longo prazo; (ii) o mesmo vale para mudanças na

⁷²Ver Allain (2014, Apêndice A) para verificar que com $Z = 0$, retorna-se ao modelo kaleckiano convencional em que a instabilidade harrodiana é explicitada pela equação 2.3.4.

⁷³Tal como destacado na seção anterior, a convergência do grau de utilização ao nível normal implica na eliminação dos paradoxos kaleckianos em termos de taxas. Além disso, vale destacar que tal convergência decorre de uma das soluções do modelo é a equivalência entre o componente autônomo do investimento e a taxa de crescimento dos gastos autônomos.

⁷⁴Dentre as equações para o equilíbrio de longo prazo, cabe mencionar àquela que diz respeito ao grau de utilização. Adaptando as variáveis,

$$u = \frac{g_z - \gamma}{\gamma_u}$$

que indica que o grau de utilização não converge ao nível normal e pode se manter persistentemente em um patamar elevado a depender dos parâmetros. Além disso, se os gastos autônomos crescerem a uma mesma taxa que o valor do *animal spirits*, o grau de utilização será nulo. Em outras palavras, como a estabilidade independe de (γ) , não existem restrições para esse parâmetro de modo que possa zerar o grau de utilização. Dito isso, conclui-se que tal equação deve estar incompleta e deveria ser

$$u = \frac{g_z - \gamma}{\gamma_u} + u_n$$

propensão marginal a poupar e a consumir a partir da riqueza; (iii) Aumento na taxa de crescimento dos gastos do governo (g_z) afetam positivamente o grau de utilização⁷⁵; (iv) o mesmo vale para a taxa de crescimento de longo prazo. Dentre os resultados restritos a esse modelo, destaca-se: (a) Mudanças nos *animal spirits* afetam negativamente o grau de utilização mas não possuem efeitos na taxa de crescimento; (b) redução do *déficit* e da dívida do governo em decorrência de: (b.i) aumento nos *animal spirits*; (b.ii) diminuição da propensão marginal a poupar e aumento da propensão a consumir a partir da riqueza.

Por se tratar de um modelo do tipo *Stock-Flow Consistent* (adiante, SFC), a dívida do governo é tratada como riqueza financeira privada. Nesses termos, um aumento na taxa de juros que incide sobre os títulos do governo reduz os gastos mas aumenta a dívida. Nesses termos, Hein (2018) afirma que este modelo permite incluir o que denomina de paradoxo da dívida, ou seja, redução da dívida pública como resultado de um aumento dos gastos. Por fim, o autor conclui, tal como Arestis e Sawyer (2012), que uma política fiscal ativa pode atuar para aquecer a economia sem implicar em insustentabilidade da dívida pública.

Um modelo SFC com supermultiplicador que merece ser pontuado é o de Brochier e Macedo e Silva (2018). Os gastos autônomos foram endogeneizados e são determinados pelo consumo a partir da riqueza financeira acumulada em uma economia com governo. Dentre os objetivos do modelo, destaca-se a inclusão de um tratamento das relações financeiras ao supermultiplicador *sraffiano* e, portanto, se distingue dos modelos *kaleckianos* com gastos autônomos. Como consequência, alguns dos resultados apresentados anteriormente se alteram: (i) alterações na distribuição de renda impactam a taxa de acumulação no longo prazo; (ii) aumento na propensão marginal a consumir a partir da renda disponível (semelhante a uma redução na propensão marginal a consumir) aumenta a taxa de crescimento de longo prazo; (iii) grau de utilização converge ao normal e independe de mudanças na função investimento/poupança; (iv) aumento na propensão a consumir a partir da riqueza (componente correspondente ao Z) aumenta a taxa de acumulação. Desse modo, este modelo apresenta uma exceção importante em que os paradoxos dos custos e da parcimônia são mantidos inclusive com o grau de utilização convergindo ao desejado em um modelo com governo, configurando uma possível exceção ao que foi exposto até então.

Outro modelo na linha do anterior é o de Mandarin (2018) em que o consumo dos trabalhadores é financiado por crédito (Z)⁷⁶ como em Fagundes (2017). No que diz respeito às implicações

⁷⁵Vale mencionar que uma das peculiaridades deste modelo é a endogeneização da distribuição funcional da renda pelo grau de utilização. No entanto, tal resultado pode decorrer da diferenciação feita por Hein (2018) entre renda decorrente da produção e renda financeira.

⁷⁶Vale a menção ao modelo de Lavoie (2016) que obtém resultados semelhantes aos de Allain (2014) para o caso do consumo dos capitalistas como gasto autônomo. Outro modelo com consumo a ser destacado é o de Nah e Lavoie (2019) que inclui inflação por conflito distributivo. Por mais que tal modelo apresente gastos autônomos como os demais nesta seção, a endogeneização da distribuição de renda elimina uma das hipóteses compartilhadas entre os modelos analisados

para o longo prazo, pontua-se⁷⁷: (i) não foram simulados os efeitos de mudanças na distribuição de renda; (ii) diminuição na propensão marginal média a poupar (via aumento na propensão marginal a consumir dos capitalistas) afeta negativamente o nível de atividade mas não a taxa de crescimento de longo prazo e; (iii) grau de utilização converge ao desejado em todos os cenários; (iv) aumento em g_Z aumenta a taxa de acumulação de longo prazo. Adicionalmente, este modelo é centrado nas condições de estabilidade do endividamento dos trabalhadores no longo prazo e conclui que aumentos de g_Z bem como na taxa de juros implicam em diminuição da taxa de endividamento dos trabalhadores e das firmas. Analisados o consumo autônomo (financiado por crédito e riqueza) e os gastos do governo, restam os demais componentes da demanda agregada.

No modelo de Nah e Lavoie (2017), semelhante ao de Dejuán (2017), as exportações desempenham o papel dos gastos autônomos. Mais especificamente, é uma proposta para estender a contribuição de Serrano (1995b) para o caso de uma economia aberta suficientemente pequena. Os resultados de longo prazo são iguais aos apresentados anteriormente e por conta disso não serão repetidos. No entanto, este modelo se destaca pelo regime de acumulação pode ser caracterizado como *wage-* ou *profit-led* a depender da sensibilidade da taxa de câmbio real a mudanças na distribuição de renda.

Apesar dessa variabilidade de modelos, Dutt (2018) afirma que são incapazes de fazer com que o investimento (criador de capacidade produtiva) seja determinante do crescimento no longo prazo tal como em Kalecki. Para tanto, inclui-se um componente de crescimento que expressa o progresso tecnológico determinado exogenamente (γ). No entanto, tal formulação não faz com que o grau de utilização convirja ao normal e que a taxa de crescimento seja determinada pelos gastos autônomos uma vez que essa nova variável afeta a capacidade produtiva no longo prazo. Para garantir as propriedades do supermultiplicador, o progresso técnico é endogeneizado pelos gastos com P&D (g_R) de forma que:

$$g_I + g_R = g_S$$

Neste modelo, uma vez cessados os efeitos do progresso tecnológico ($\dot{\gamma} = 0$): (i) distribuição afeta a taxa de médio prazo apenas; (ii) propensão marginal a poupar também não afeta o crescimento, mas determina a condição de estabilidade; (iii) grau de utilização converge ao normal; (iv) taxa de crescimento converge para g_Z e o resultado se preserva com mais de um gasto autônomo. Portanto, partindo desta formulação, o progresso tecnológico pode determinar o ritmo de crescimento no longo prazo sem afetar o investimento.

e, portanto, compromete a comparação e deve ser discutido a parte.

⁷⁷O modelo de Mandarino (2018) apresenta diferentes cenários mas foram realçadas as conclusões que tangenciam os quatro pontos de comparação, qual sejam, mudanças: (i) na distribuição; (ii) na propensão marginal a poupar; (iii) do grau de utilização; (iv) decorrentes das variações de g_Z .

Da discussão anterior, verifica-se que a literatura sobre investimento residencial é bastante escassa nos modelos com gastos autônomos. Como será apresentado no capítulo seguinte, parte da literatura empírica (diminuta, mas crescente) destaca a importância deste componente da demanda para a dinâmica da economia norte americana. Diferentemente de grande parte dos trabalhos teóricos e empíricos, argumenta-se que é o investimento residencial que antecipa o ciclo econômico. Tal discussão é endereçada no capítulo seguinte, mas antes resta especificar qual modelo o mais adequado para o capítulo 4 e isso é feito a seguir.

2.4 Princípio da demanda efetiva no médio prazo e a estabilidade fundamental

Harrod (1939) apresenta um aparato teórico que permite analisar modelos em sua forma dinâmica sem precisar recorrer à defasagens entre as variáveis. Apresenta uma equação que engloba tanto o efeito multiplicador quanto o princípio acelerador cuja implicação é que o equilíbrio dinâmico não é estável. Diante desta problemática, surgiram os modelos de Cambridge, Kaleckianos e super-multiplicador sraffiano na tentativa para domar tal instabilidade (ver tabela 2). Na seção 2.1, foram apresentadas tais alternativas em que o modelo de Cambridge não se mostrou adequado dadas as incompatibilidades com o comportamento das firmas associada a essa teoria. Desse modo, restaram os modelos kaleckianos e o SSM.

A seção seguinte abordou a controvérsia em torno do grau de utilização e sua convergência ao normal no longo prazo e as implicações para os paradoxos dos custos e da parcimônia. Além disso, foram realçadas algumas críticas aos modelos Kaleckianos relacionadas a convergência/endogenização ao/do grau de utilização normal. Argumenta-se que um modelo que privilegia o PDE no longo prazo deve reportar o fato estilizado reportado acima uma vez que implica no equilíbrio (dinâmico) estável entre crescimento e capacidade produtiva. Neste ponto, cabe destacar a seguinte passagem de Serrano (1995b, p. 120, grifos nossos):

Indeed, the true reason for the lack of balance between capacity and demand in the Oxford theory [Modelos kaleckianos] in the long run is actually much simpler. As we have seen above in this theory, in the long run the level of output adapts itself to the level of aggregate demand. The level of productive capacity, however, cannot adjust to this level of aggregate demand because current capacity has already been determined as the result of previous autonomous investment. Hence it is the idea that investment is **autonomous** and not **anything related to oligopoly** or competition that explain the long-run discrepancies between capacity and demand.

Nesses termos, os modelos kaleckianos tradicionais foram descartados. Como será argumentado a se-

guir, tal decisão decorre das implicações de se considerar o investimento enquanto variável autônoma no médio e longo prazo.

Coube a seção 2.3 apresentar a resposta kaleckiana a crítica envolvendo o princípio do ajuste do estoque de capital em que foram incluídos gastos autônomos não criadores de capacidade. Para encerrar essa discussão, é feita uma comparação entre as duas alternativas restantes, qual sejam, Kalekiana não-convencional e Sraffiana. Em linha com Fagundes e Freitas (2017), argumenta-se que no **longo prazo** os modelos kaleckianos não-convencionais respondem suficientemente bem à convergência do grau de utilização sem incorrer na instabilidade de Harrod. Diante disso, existem duas questões importantes em aberto: (i) dadas as hipóteses compartilhadas, qual a distinção fundamental entre ambos os modelos? (ii) dados os objetivos desta investigação, qual modelo a ser adotado? Resta a esta seção responder tais questões. Antes de prosseguir para a seleção do modelo a ser usado, serão destacadas algumas questões envolvendo o supermultiplicador sraffiano.

Tabela 2 – Fechamento das principais teorias de crescimento heterodoxas

Modelo	Regime de crescimento	Distribuição de renda	Grau de utilização da capacidade	Capacidade produtiva	Fechamento
Cambridge	Ausente	Endógena	Exógena	Exógena	Distribuição de renda
Kaleckiano	Wage/Profit-led	Exógena (<i>Mark-up</i>)	Endógena	Exógena	Grau de utilização
Supermultiplicador Sraffiano	Ausente	Exógena (Teoria Sraffiana)	Tende ao normal	Endógena	Propensão média a poupar

Fonte: Elaboração própria

Em sua crítica, Nikiforos (2018) destaca os seguinte pontos: (i) os gastos autônomos podem ser incorporados nos modelos kaleckianos e, portanto, os resultados para o curto e médio prazo não são inéditos; (ii) é um modelo de longo prazo e deve ser avaliado enquanto tal; (iii) no longo prazo, é o grau de utilização normal que se endogeuiniza; (iv) investimento apesar de não depender da poupança, não desempenha um papel relevante; (v) no longo prazo, Z deixa de ser autônomo⁷⁸. No que diz respeito ao ponto (i), toda a discussão feita nesta seção indica que os gastos autônomos podem sem ser incluídos nos modelos kaleckianos, enquanto no longo prazo deve ser válido o princípio do ajuste do estoque de capital para não incorrer na instabilidade Harrodianda.

No que diz respeito à convergência ao grau de utilização ao nível normal, NIKIFOROS afirma:

[T]he acceptance that in the long run the economy converges to a supply-determined rate of utilization means that either the role of demand vanishes and the model becomes “classical in the long run” (Duménil and Lévy 1999), or that demand remains

⁷⁸Os pontos (i) e (iii) já foram abordados indiretamente ao longo da exposição enquanto os demais devem ser analisados mais detidamente.

independent but distribution becomes endogenous to allow for the convergence. (NIKIFOROS, 2018, p. 9)

Tal raciocínio é infundado por duas razões: (i) convergência ao grau de utilização normal não implica que a demanda é irrelevante. De acordo com o supermultiplicador sraffiano, é a capacidade produtiva que se ajusta à demanda e não o inverso; (ii) se o grau de utilização converge ao normal, a distribuição de renda não é endogeneizada e isso é verificado pela endoginização da propensão média a poupar decorrente de $Z > 0$.

No que diz respeito aos gastos autônomos, o item (v) é o mais problemático e, portanto, esclarecê-lo permite uma melhor compreensão dos anteriores. Ao longo de seu artigo, Nikiforos (2018, p. 4) mescla a noção de autonomia com a de exogeneidade⁷⁹: “*Autonomous means that is not affected by other economic variables within the system*”. Em linhas gerais, autonomia pode ser associada a independência relativa das demais variáveis econômicas enquanto exogeneidade é uma independência absoluta. Como destacado anteriormente, um gasto é considerado autônomo se independe das decisões de produção (renda) enquanto Serrano (1995b) acrescenta a não criação de capacidade produtiva a essa categorização.

A incompreensão reportada anteriormente pode ser verificada no item (iv) em que afirma que uma das implicações da resolução da instabilidade de Harrod à *la* supermultiplicador é a quase-endoginização do investimento. No entanto, seguindo o princípio de ajuste do estoque de capital, o investimento se torna **induzido** (inverso de autônomo) e não endógeno (inverso de **exógeno**). Partindo da noção de autonomia apresentada anteriormente, NIKIFOROS afirma:

[N]one of the arguments of the investment function play any role whatsoever in the long run. This is strangely reminiscent of supply-side models or the FKP [Modelo de Cambridge] where the accumulation rate converges to the exogenous natural growth rate in the long run. (NIKIFOROS, 2018, p. 11–12, comentario adicionado)

O modelo do supermultiplicador, no entanto, não afirma que o investimento deixa de ser relevante. Dejuán (2017), por exemplo, destaca que as economias que apresentam uma maior taxa de crescimento são aquelas com uma maior taxa de investimento e não aquelas com grau de utilização persistentemente mais elevado. A maior taxa de investimento, por sua vez, é um resultado esperado do supermultiplicador uma vez que a participação dos gastos autônomos na renda diminui diante de uma taxa de crescimento destes gastos ampliada.

Resta, portanto, a questão referente a temporalidade do supermultiplicador. O argumento de NIKIFOROS é que tal modelo é adequado somente para o longo prazo. No entanto, uma vez que Z deixa de ser autônomo (como visto, exógeno), passa a ter a capacidade explicativa comprometida,

⁷⁹Uma forma de verificar ambiguidade na definição de Nikiforos é que nos modelos kaleckianos analisados nesta seção tornam o investimento induzido no longo prazo por meio da endoginização do parâmetro γ , antes autônomo.

ou nas palavras do autor, “*a cart without its horse*”. Dois pontos desta afirmação devem ser reformulados diante da discussão anterior a despeito do supermultiplicador sraffiano: (i) no longo prazo, Z permanece autônomo e, portanto, continua sendo um modelo válido; (ii) por mais que tenha sido desenvolvido para tratar de questões de longo prazo não impede de utilizá-lo para analisar o ciclo econômico.

Feitas estas ressalvas, é possível avançar para as questões levantadas anteriormente. O primeiro ponto pode ser respondido de forma mais direta: a principal diferença é a autonomia do investimento no curto e médio prazo. Resumidamente, se o investimento produtivo for induzido, a convergência ao grau de utilização é uma derivação do princípio do ajuste do estoque de capital e, dados certos limites, a capacidade produtiva se ajusta à demanda efetiva. Por outro lado, se o investimento possuir um componente autônomo, como nos modelos kaleckianos convencionais, a demanda efetiva se ajusta à capacidade produtiva que está definida aprioristicamente. Como a seção 2.3 mostrou, isso deixa de ser o caso nos modelos kaleckianos com investimento induzido no longo prazo.

Para responder a segunda questão, resta esclarecer um possível ponto de estranhamento. O principal objetivo desta pesquisa é investigar os determinantes do ciclo econômico norte americano e desenvolver um modelo que replique alguns dos fatos estilizados. Sendo este o caso, a ênfase na discussão de modelos de longo prazo parece ser desconexa. No entanto, a escolha deste caminho argumentativo decorre da convergência ao grau de utilização normal como um critério de seleção. Desse modo, optar por modelos que se mostram adequados para o curto e médio prazo, mas não para o longo se mostra questionável uma vez que a validade dos resultados está restrita a uma certa temporalidade. Como mencionado na introdução, os modelos elegíveis são aqueles que preservam o princípio da demanda efetiva no curto, médio e longo prazo.

Como visto, ambas famílias de modelos preservam tal característica no curto e longo prazo. Resta verificar se o mesmo vale para **médio prazo**. Dito isso, dentre os modelos kaleckianos com gasto autônomos e com princípio de ajuste do estoque de capital e supermultiplicador sraffiano, resta selecionar aquele reproduza o fato estilizado da relação positiva entre taxa de investimento e taxa de crescimento (CESARATTO, 2015, p. 172; FIEBIGER; LAVOIE, 2018, p. 8–9)⁸⁰. Dito isso, seja h a propensão marginal a poupar, i a taxa de investimento e γ_A a parcela autônoma do investimento de modo que a função de acumulação kaleckiana e supermultiplicador (adiante, SSM) se tornam:

$$\frac{I}{K} = \gamma + \gamma_u u - \gamma_u u_N$$

⁸⁰Esta parte da exposição é inspirada na contribuição de Fagundes e Freitas (2017) no que diz respeito ao médio prazo.

$$I = (\gamma_A + \gamma_u u)K \Rightarrow I = (\gamma_A + \overbrace{h}^{\gamma_u \cdot v} \cdot u)K \quad (\text{kaleckiana})$$

$$i = \frac{I}{Y} \Leftrightarrow I = h \cdot Y \quad (\text{SSM})$$

Como destacado na seção 2.1, na ausência de gastos autônomos, a propensão marginal e média a poupar são iguais e, portanto, no modelo kaleckiano convencional, a taxa de investimento é determinada pela taxa de poupança definida exogenamente. Incluindo tais gastos no modelo, obtém-se:

$$i = \frac{i_{Trad}\gamma_A + hz}{\gamma_A + z}$$

em que i_{Trad} denota, tal como em Fagundes (2017), a taxa de investimento no modelo kaleckiano canônico e, assim, outra diferença entre os modelos é explicitada. Nos modelos kaleckianos com modificações, a ausência dos gastos autônomos implica na volta ao modelo kaleckiano convencional enquanto no supermultiplicador, com $Z = 0$ retorna-se ao Harrod (1939). Mais uma vez, a introdução de Z não é capaz, por si só, de eliminar a instabilidade dos modelos kaleckianos mas sim pela modificação da função investimento no longo prazo.

Prosseguindo com a exposição e analisando o equilíbrio de *steady growth* com $Z > 0$, verifica-se que no médio prazo dos modelos kaleckianos não-convencionais ($g \rightarrow g_Z$) a taxa de investimento (i_{MR}) é dada por:

$$i_{MR} = \frac{hg_Z}{g_Z - \gamma_A} \quad (2.4.1)$$

Diante deste resultado, Fagundes e Freitas (2017) argumentam que a inclusão de Z no modelo não garante a convergência do grau de utilização ao normal. Para que tal tendência ocorra, por sua vez, é necessário que a participação da parcela autônoma do investimento convirja a zero ($\gamma_A \rightarrow 0$). Adicionalmente, Fagundes e Freitas (2017) reportam uma relação negativa entre taxa de crescimento e taxa de investimento. Supondo, por simplificação, que as variações são infinitesimais, isto pode ser explicitado em termos da equação 2.4.1 por derivadas parciais:

$$\frac{\partial i_{MR}}{\partial g_Z} = -\frac{\gamma_A h}{[g_Z - \gamma_A]^2} < 0 \Leftrightarrow \gamma_A > 0$$

Além disso, os autores pontuam um problema de “dupla indentidade” no modelo decorrente das diferentes condições de equilíbrio, um em $Z = 0$ e no outro $Z > 0$, cujos padrões de crescimento são mutuamente excludentes. No primeiro, obtém-se um regime liderado pelo investimento mas incapaz de gerar a tendência do grau de utilização ao normal e de destacar a importância dos gastos autônomos ($Z \rightarrow 0$). No outro, ocorre o inverso, um regime liderado pelos gastos autônomos ($\gamma_A \rightarrow 0$) mas que evidencia uma relação negativa entre crescimento e taxa de investimento. Ambos os casos,

contraria-se os fatos estilizados. Portanto, a aceitação a conclusão de Fagundes e Freitas (2017, p. 13) é imediata:

[I]f we think of such a model as an intermediate step towards the long-run model, then we believe that there is no problem in using it. The problem occurs when we think of the medium-run model as a contribution to the understanding of economic reality in itself, independent from the long-run model.

Resta checar se a alternativa pelo SSM incorre nos mesmos problemas. Para isso, basta verificar os resultados para o caso em que o investimento é completamente induzido. Como a alternativa kaleckiana com gastos autônomos pode ser considerada como híbrida entre o modelo kaleckiano convencional e o SSM, substituindo $\gamma_A = 0$ na equação 2.4.1, obtém-se:

$$i_{MR} = \frac{I}{Y} = h$$

Seguindo a proposta do supermultiplicador em que o investimento é completamente induzido:

$$g = \frac{h \cdot u}{v} \Rightarrow h = i_{MR} = \frac{g \cdot v}{u}$$

$$\frac{\partial i_{MR}}{\partial g} = \frac{v}{u} > 0$$

Portanto, a relação negativa entre crescimento e taxa de investimento deixa de existir e isso não é feito às custas da não convergência do grau de utilização ou da relevância dos gastos autônomos no longo prazo. Neste ponto, o trecho a seguir é esclarecedor:

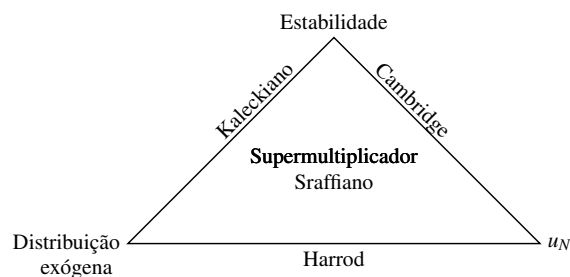
What the supermultiplier adds to the neo-Kaleckian framework is a plausible mechanism for explaining phases of the business cycle when the output share of capacity investment is rising amidst robust rates of output growth. (FIEBIGER; LAVOIE, 2018, p. 9)

Até então, pode-se dizer que a teoria do crescimento liderado pela demanda enfrentava um dilema. Não conseguia conciliar estabilidade, distribuição funcional da renda exógena e grau de utilização da capacidade produtiva igual ao normal/planejado, aparentando uma trindade impossível do crescimento, conforme pode ser visto no diagrama 3⁸¹.

Essa trindade impossível se mostrou falsa com o desenvolvimento do supermultiplicador sraffiano, proposto por Serrano (1995a) e Bortis (1997). Portanto, diante da discussão anterior, conclui-se que o modelo do SSM não é incompatível para analisar o médio prazo ou restrito ao longo prazo como afirma Nikiforos (2018). Com isso, encerra-se este capítulo elegendo o supermultiplicador sraffiano

⁸¹Este diagrama é inspirado no “trilema” do crescimento apresentado por Cesaratto (2015).

Figura 3 – Trindidade “impossível”



Fonte: Elaboração própria

como o mais adequado por replicar os fatos estilizados mencionados anteriormente e por validar o PDE no curto, médio e longo prazo. Seguindo a sugestão de Freitas e Serrano (2015, p. 280), esta investigação avança no sentido de contribuir para a compreensão de outros componentes da demanda agregada não criadores de capacidade. Destaca-se ainda que a instabilidade da economia não decorre da junção do acelerador com o multiplicador⁸², mas sim da própria instabilidade da demanda agregada (DEJUÁN, 2017). Dito isso, o capítulo seguinte irá esboçar alguns esforços para evidenciar a importância do investimento residencial para a dinâmica do ciclo econômico norte americano e, assim, preencher uma das lacunas dos modelos de crescimento com gastos autônomos.

⁸²Como mostram Serrano, Freitas e Behring (2017), dadas certas condições, o SSM é dinamicamente *estável*.

3 Investimento residencial e taxa própria de juros dos imóveis: Uma investigação a partir de um VECM

[T]he typical financing relation for consumer and housing debt can amplify but it cannot initiate a downturn in income and employment

Hyman Minsky

Uma das fronteiras da pesquisa empírica acerca da literatura de crescimento liderado pela demanda é aquela que enfatiza a importância dos gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva ao setor privado. Freitas e Dweck (2013), por exemplo, decompõem o crescimento da economia brasileira mostrando o papel desses gastos para os anos de 1970 a 2005. Braga (2018) conclui que os gastos improdutivos lideram o crescimento e que o investimento produtivo acompanha a tendência desses gastos, ao analisar o Brasil no período 1962-2015. Para o caso norte-americano, Girardi e Pariboni (2016) encontram evidências de que os gastos autônomos causam efeitos de longo prazo na taxa de crescimento enquanto Girardi e Pariboni (2018a) complementam com 20 países da OCDE.

No entanto, por mais que exista uma literatura crescente sobre o papel dos gastos autônomos no crescimento econômico, ainda há poucos trabalhos que enfatizam a importância do investimento residencial em particular. Com a notória exceção de Richard K. Green (1997) e Leamer (2007), a maioria desses trabalhos foi publicada após a crise dos *subprime* de 2008 — que evidenciou a relevância deste gasto para a dinâmica da economia norte-americana.

Desse modo, enquanto o capítulo anterior elegeu o modelo teórico mais adequado para atender os objetivos desta pesquisa, o presente capítulo pretende fornecer a base empírica dessa discussão. Portanto, busca-se uma forma de modelar a taxa de crescimento dos imóveis que será utilizada nas simulações do capítulo seguinte. Cabe frisar que essa análise se restringe ao caso norte-americano no pós década de 80. A razão deste recorte temporal decorre tanto da estagnação salarial observada (TEIXEIRA, 2012) quanto da crescente participação das hipotecas no balanço patrimonial dos bancos (JORDÀ; SCHULARICK; TAYLOR, A. M., 2014) bem como ausência de restrição de crédito no mercado

imobiliário (LINNEMAN; WACHTER, 1989; DUCA; ROSENTHAL, 1991).

Compreendido os objetivos deste capítulo, a seção seguinte irá avaliar os estudos que incorporam gastos autônomos não criadores de capacidade dando especial ênfase aqueles que utilizam o modelo do supermultiplicador sraffiano (SSM) e, portanto, complementar a discussão teórica realizada no capítulo anterior. Em seguida, cabe a seção 3.2 destacar a importância do investimento residencial para a dinâmica norte-americana. Além disso, nessa mesma seção são pontuadas as formas com que a literatura, seja ela ortodoxa ou heterodoxa, trata do tema bem como selecionar a proposta mais adequada e compatível com o SSM: taxa própria de juros dos imóveis. Adiante, na seção 3.3, é estimado um VECM para averiguar as relações de longo prazo entre a taxa de crescimento dos imóveis e referida taxa própria e compara-se o resultados obtidos com a literatura. Por fim, a seção 3.4 apresenta as conclusões bem como as lacunas a serem enfrentadas no capítulo seguinte.

3.1 Modelos de crescimento e os gastos autônomos: uma revisão empírica

O objetivo desta seção é analisar os trabalhos empíricos que analisam a relação entre os gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva ao setor privado e crescimento econômico e, assim, complementar a discussão teórica realizada na seção 2.3. Mais uma vez, seguindo a categorização de Cesaratto, Serrano e Stirati (2003), os referidos gastos são: (i) consumo financiado por crédito ou riqueza acumulada; (ii) gastos do governo; (iii) investimento residencial; (iv) exportações e; (v) gastos com P&D. Da revisão da literatura empírica, verificou-se três principais preocupações: (a) testar a importância dos gastos autônomos sobre a taxa de crescimento de longo prazo; (b) avaliar a relação entre taxa de investimento e produto; (c) investigar a dinâmica de cada um dos gastos autônomos referidos anteriormente. Cada um desses pontos será analisado adiante. Por fim, vale pontuar que, dados os objetivos desta investigação, serão privilegiados os trabalhos que tenham o supermultiplicador sraffiano desenvolvido por Serrano (1995a) e Bortis (1997) como forma de análise.

No que diz respeito ao primeiro dos temas, o trabalho de Girardi e Pariboni (2016) se destaca por analisar os efeitos de longo prazo dos gastos autônomos sobre o produto bem como por apresentar uma forma de se calcular o supermultiplicador para a economia norte-americana. Para tanto, estimam um VECM e obtém os resultados esperados de acordo com a teoria¹: (i) gastos autônomos e o produto apresentam uma tendência de longo prazo (são cointegradas); (ii) relação de causalidade parte dos gastos autônomos para o produto e (iii) relação positiva entre taxa de crescimento dos gastos

¹Mais precisamente, tais resultados se sustentam uma vez desconsiderado o consumo financiado por crédito. Como justificativa para tal medida, Girardi e Pariboni (2016, p. 13) argumentam que tal gasto está associado a algumas fases do ciclo econômico e, portanto, apresenta uma parcela consideravelmente induzida.

autônomos e taxa de investimento. Já no artigo de Girardi e Pariboni (2018a), o mesmo é feito para alguns países da zona do euro com a diferença que foram utilizadas variáveis instrumentais como *proxy* de alguns gastos autônomos e foram obtidos resultados semelhantes ao do estudo anterior. Por fim, o trabalho de Goes, Moraes e Gallo (2018) possui semelhanças com o de Girardi e Pariboni (2016), mas se distingue por extendê-lo para mais países e por adotar critérios para agrupá-los bem como por reportar a convergência do grau de utilização ao nível normal.

Os trabalhos empíricos envolvendo o supermultiplicador, no entanto, não estão restringidos aos EUA ou países da OCDE. Freitas e Dweck (2013), por exemplo, analisam o caso brasileiro para os anos de 1970 a 2005 e concluem que diferentes gastos autônomos (em ordem, gastos do governo e consumo financiado por crédito) lideraram o crescimento em momentos distintos.² Paralelamente, Braga (2018) investiga efeito acelerador para o caso brasileiro de 1996 a 2017 e conclui que o investimento criador de capacidade produtiva é induzido, ou seja, é causado (no sentido de Granger) pelo produto.

Enquanto Freitas e Dweck (2013) e Girardi e Pariboni (2015) abordam a importância dos gastos autônomos para o crescimento, Braga (2018) avalia a relação entre taxa de investimento e crescimento. Assim, estão abarcadas as preocupações (a) e (b) elencadas anteriormente. Resta, portanto, evidenciar os trabalhos que destacam a importância de alguns gastos autônomos em específico. Um deles é o de Medici (2011) em que avalia o caso argentino para os anos de 1980 a 2007 e encontra evidências de cointegração entre renda, consumo do governo e o consumo privado autônomo (*i.e.* não assalariado) em que os últimos granger-causam o primeiro, validando o modelo do supermultiplicador. O modelo apresentado por Deleidi e Mazzucato (2019), por sua vez, também analisa a importância dos gastos do governo analisando se o tipo de política fiscal adotada tem impactos sobre o crescimento. Grosso modo, os autores concluem que gastos orientados em setores mais intensivos em P&D e em mudanças estruturais (correspondente ao item v) possuem efeitos maiores do que uma política centrada apenas em incentivos fiscais. Já no que diz respeito às exportações (item iv), destaca-se a literatura de restrição por balanço de pagamentos seguindo a lei de Thirlwall ([1979] 1994) em que as exportações são os determinantes do crescimento de longo prazo (ATESOGLU, 1993; MCCOMBIE, 1997; MORENO-BRID, 1999; BÉRTOLA; HIGACHI; PORCILE, 2002)³.

Por fim, no tange o investimento residencial, verifica-se uma lacuna na literatura empírica heterodoxa de crescimento liderado pela demanda. Além disso, tal gasto é tratado como induzido

²Vale mencionar que Serrano e Summa (2015) utilizam o mesmo arcabouço teórico para explicar a desaceleração econômica. Por mais que os autores não utilizem explicitamente do supermultiplicador sraffiano, os argumentos utilizados são algumas das implicações deste modelo.

³Por mais que tal abordagem não lance mão explicitamente do modelo do supermultiplicador sraffiano, as conclusões são compatíveis uma vez que estão presentes gastos autônomos não criadores de capacidade e a especificação da função investimento pode seguir o princípio do ajuste do estoque de capital.

(ARESTIS; GONZÁLEZ-MARTÍNEZ, 2015) mas vale ressaltar que o investimento residencial pode ser configurado enquanto um gasto autônomo uma vez que (i) não cria capacidade produtiva ao setor privado e (ii) pelas hipotecas serem a principal forma de financiamento (e não renda decorrente das decisões das firmas) de acordo com o *Survey of Construction* (US CENSUS BUREAU, 2017). Dito isso, caberá a seção seguinte examinar as formas que a literatura, seja ela ortodoxa ou heterodoxa, encontrou para incorporar o investimento residencial para então eleger uma alternativa compatível com o supermultiplicador sraffiano.

3.2 Investimento residencial e a lacuna heterodoxa

Tal como pontua Dipasquale (1999), a discussão sobre os determinantes do preço dos imóveis é mais ampla que do investimento residencial propriamente dito. Cabe a essa seção, portanto, evidenciar algumas destas lacunas. Por se tratar de um gasto não criador de capacidade produtiva, o debate⁴ se restringiu em categorizá-lo enquanto absorvedor de recursos produtivos (SOLOW, 1995) enquanto parte da literatura de crescimento indicava a possibilidade de um sobreinvestimento residencial (MILLS, 1987). Diante da lacuna empírica destacada anteriormente, esta seção busca ilustrar a importância do investimento residencial para o crescimento e ciclo econômico. Desse modo, a literatura do supermultiplicador é um contraponto ao *trade-off* apontado por Solow (1995) uma vez que são os gastos autônomos que lideram o crescimento no longo prazo.

Vale destacar que a importância do investimento residencial não se restringe ao longo prazo uma vez que exerce influência indireta na demanda agregada⁵. De acordo com Teixeira (2012), imóveis são uma das formas de riqueza mais comuns entre as famílias norte-americanas, servindo de colateral para tomada de crédito⁶. A forma de “realizar” o ganho de capital com a bolha imobiliária que ocorreu no período, sem precisar liquidar os imóveis, era justamente ampliando o endividamento à medida que o colateral (*i.e.* imóveis) aumentava de valor (TEIXEIRA, 2015). Neste ponto, cabe mencionar o ineditismo de Richard K. Green (1997) e Leamer (2007) — e revisitado em Leamer (2015) e por Fiebiger e Lavoie (2018) — ao lançar luz sobre a importância do investimento residencial na determinação dos ciclos econômicos antes da crise dos *subprimes*.

Ao avaliar o caso norte-americano, Richard K. Green (1997) conclui que o investimento residencial possui uma capacidade preditiva maior que o investimento das firmas, mas que isso não

⁴Para mais detalhes, ver Arku (2006).

⁵A influência deste gasto, no entanto, não se restringe ao crescimento, mas se estende também para questões envolvendo desenvolvimento econômico como visto em um amplo debate iniciado por Duccio A. Turin (PHENG; LEONG, 1992).

⁶Como mostram Gennaro Zezza (2008) e Barba e Pivetti (2009) o consumo financiado por crédito foi um dos principais motores do crescimento da economia norte-americana no período que antecedeu a crise de 2008

implica no estabelecimento de uma relação causal. Na tentativa de compreender tais resultados, afirma:

[P]erhaps residential investment, like stock prices and interest rates, is a good predictor of GDP because it is a series that reflects **forward looking behavior**. Presumably households will not increase their expenditures on housing unless they expect to prosper in the future. Building a house is a natural mechanism for doing this. Thus, the series can do a good job of predicting GDP without necessarily causing GDP. (GREEN, R., 1997, p. 267, grifos adicionados)



Leamer (2007), por sua vez, avança em direção a relação de causalidade entre este gasto e o PIB. Grosso modo, afirma que a construção de novos imóveis implica em maior consumo de bens duráveis e, portanto, trata-se de um ciclo decorrente do *volume* e não do preço dos imóveis.

Uma forma de visualizar a importância do investimento residencial para o ciclo econômico na economia estadunidense é por meio do gráfico 4 em que cada um dos painéis apresenta um ciclo⁷. No eixo vertical, observa-se a participação desse gasto no PIB, enquanto no eixo horizontal,

Não é tão claro a ponto do Fiebio uma *proxy* para o ciclo econômico. Exceto para o período 1991-2001, a recuperação (aumento da utilização da capacidade) é caracterizada por uma taxa de crescimento do investimento residencial maior que o crescimento da economia, resultando em maior participação desse gasto no PIB. Considerando que as firmas seguem o princípio do ajuste do estoque de capital, ampliam a taxa de acumulação de modo a ajustar o grau de utilização para o grau normal. O aumento da taxa de crescimento do investimento das firmas e de outros gastos reduz a participação do investimento residencial no PIB. A maturação do investimento das firmas, por sua vez, redundando em menor utilização da capacidade produtiva⁸.

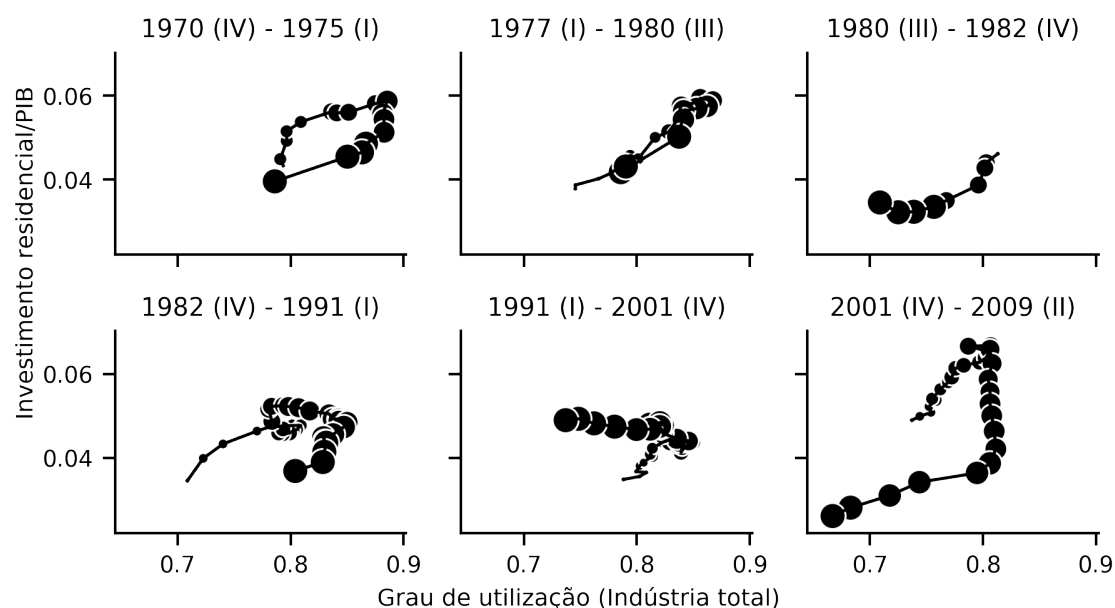
Desse modo, conclui-se que o investimento residencial ajuda a compreender grande parte das recessões e, como destacam Arestis e González-Martínez (2015), tal componente de gasto também é significativo para a retomada. Esta dinâmica poder ser visualizada no gráfico 5 em que são apresentadas algumas taxas de crescimento⁹ nos trimestres que antecedem e sucedem as recuperações. Em linhas gerais, observa-se que o investimento residencial possui uma taxa de crescimento (a taxas crescentes) positiva nos trimestres que antecedem a recuperação enquanto o investimento das firmas só apresenta tal comportamento adiante. Portanto, esse gráfico ilustra tanto a capacidade do

⁷Raciocínio semelhante pode ser encontrado em Fiebiger (2018) em que, diferentemente do presente trabalho, não é incluído consumo financiado por crédito.

⁸Complementarmente, os trabalhos de Fiebiger (2018) e Fiebiger e Lavoie (2018) também reportam o investimento residencial como determinante do comportamento cíclico e adicionam o consumo financiado por crédito a essa dinâmica. Além disso, apresentam uma similaridade com Dejuán (2017) e Teixeira (2015) para os quais a instabilidade econômica está associada à instabilidade (ao menos de alguns) gastos autônomos e não do investimento das firmas, que segue o princípio do ajuste do estoque de capital.

⁹Neste gráfico, as taxas de crescimento são normalizadas para facilitar a comparabilidade uma vez que é mantida uma mesma escala.

Figura 4 – Relação entre taxa de investimento residencial e grau de utilização por recessão



Fonte: Elaboração própria

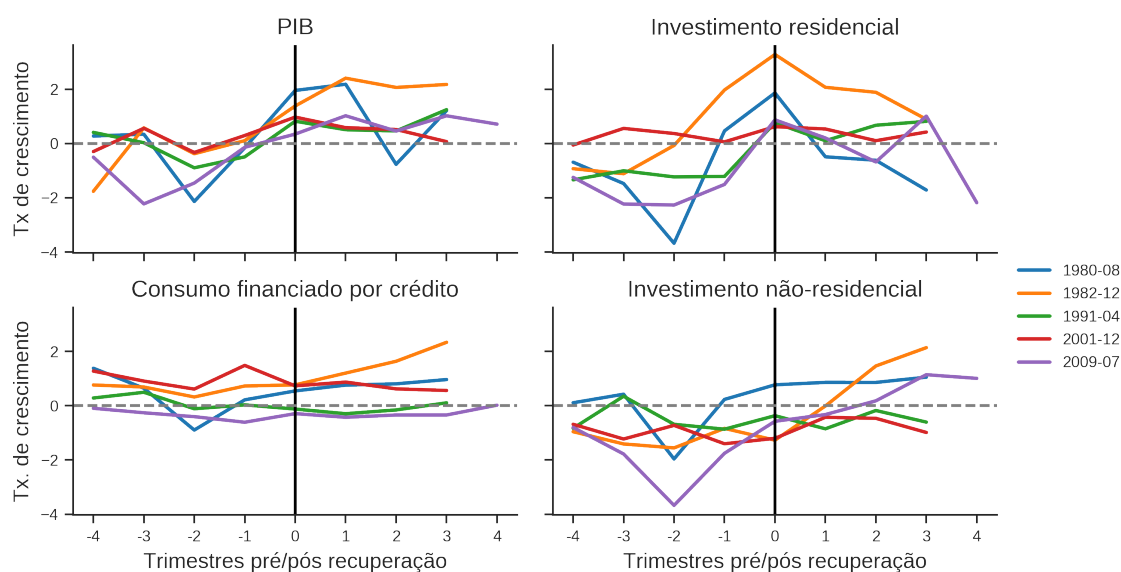
investimento residencial liderar a retomada quanto a indução do investimento criador de capacidade produtiva.

Nos anos que procederam a crise do mercado imobiliário, verificou-se um crescente interesse nas implicações macroeconômicas do investimento residencial¹⁰. Inspecionando modelos DSGE que incluem investimento residencial, Iacoviello (2010) conclui que um melhor entendimento dos impactos deste gasto se faz necessária para a compreensão das flutuações macroeconômicas. Outros estudos, por sua vez, têm enfatizado o efeito riqueza sobre o consumo e indicam tais canais de transmissão são mais incidentes, em ordem, sobre Estados Unidos e Grã Bretanha mas mais brandos no caso francês e alemão (SASTRE; FERNÁNDEZ, 2010; CHAUVIN; DAMETTE, 2010; BASSANETTI; ZOLLINO, 2010; ARRONDEL; SAVIGNAC, 2010).

No entanto, dados os objetivos desta pesquisa, convém destacar aqueles trabalhos que enfatizam a importância da construção de novos imóveis para o ciclo econômico para além da contribuição de Leamer (2007). Álvarez e Cabrero (2010), por exemplo, concluem que tal tipo de investimento antecede o ciclo econômico para o caso de espanhol e resultados semelhantes podem ser

¹⁰Adicionalmente, as contribuições de Arestis e González-Martínez (2015) são relevantes uma vez que identificam assimetrias entre os países a despeito da retomada do investimento residencial.

Figura 5 – Taxa de crescimento normalizada por recessões antes e depois do início da recuperação



Fonte: Elaboração própria

encontrados para França, Espanha e Itália (FERRARA; KOOPMAN, 2010)¹¹. Alhowaish (2015), por outro lado, destaca que o investimento em infra-estrutura é induzido pelo setor petrolífero no caso da Arábia Saudita. Apesar de contrapor Richard K. Green (1997) e Leamer (2007), tal resultado não é comparável uma vez que não é feita a devida distinção entre os gastos em construção civil feitos pelo governo e investimento residencial propriamente dito¹².

Examinada parcela dos trabalhos ortodoxos, ca rodoxia tratou do tema. Parte significativa desta li tura — emergente no pós-crise imobiliária — centra esforços na conexão deste tipo de gasto com processos mais gerais como a financeirização (AALBERS, 2008; BIBOW, 2010) ou, de forma mais específica, “hipotecarização”¹³ (JORDÀ; SCHULARICK; TAYLOR, A. M., 2014) enquanto uma pequena fração aborda investimento residencial e crescimento. A título de menção, vale destacar também o trabalho de Gennaro Zezza (2008) em que são investigados os efeitos da diminuição da propensão marginal a poupar da economia norte-americana a partir da metodologia *Stock-Flow Consistent* e conclui que o consumo financiado por crédito é o principal determinante do crescimento e, portanto, o investimento residencial não é o centro da análise.


¹¹ Vale pontuar que Ferrara e Koopman (2010) também encontram o investimento residencial na Alemanha apresenta uma dinâmica distinta. Adicionalmente, destaca-se os trabalhos que enfatizam a capacidade do investimento residencial anteceder o ciclo econômico para o caso francês (FERRARA; VIGNA, 2010) e para a ilha de Barbados (JACKMAN, 2010).

¹² Resultados semelhantes são obtidos por Ofori e Han (2003) em que investimento residencial também é somado ao investimento em infraestrutura.

¹³ Caracterizada pela crescente participação das hipotecas nos balanços patrimoniais dos bancos

lise.

Um estudo que se sobressai é o de Arestis e González-Martínez (2015) em que é estendida a contribuição de Poterba (1984) por meio de um modelo ARDL para 17 países da OCDE. Dentre as conclusões, destaca-se a importância da renda disponível como principal determinante do investimento residencial para os países em questão. A implicação deste resultado, no entanto, questiona a possibilidade de tratar o investimento residencial enquanto um gasto autônomo e, portanto, compromete a análise a partir do supermultiplicador sraffiano. Porém, tal resultado não se verifica para o caso norte-americano em que o preço dos imóveis bem como o acesso ao crédito são os principais determinantes desse gasto e, desse modo, reaviva a discussão para a presente investigação.

Outra alternativa é a de Huang et al. (2018) em que testam ambas as hipóteses aventadas por Leamer a despeito do investimento residencial (predição e causalidade). Para isso, estimam um modelo VAR estrutural (SVAR) com transformada *wavelets* para os países da OCDE¹⁴. Os autores concluem que o investimento residencial não é um mero canal de transmissão da política monetária e possui efeitos temporalmente distintos sobre o ciclo econômico. No curto prazo, a construção de novos imóveis tem maior capacidade preditiva em to o preço dos imóveis tem maior influência no longo prazo. No que diz respeito a relação causal estabelecida por Leamer (2007), afirmam que os resultados não são conclusivos para todos os países diante da heterogeneidade institucional observada¹⁵, mas ainda é válida para os Estados Unidos¹⁶. Apesar dos resultados não conclusivos sobre as flutuações, afirmam as variáveis associadas ao investimento residencial (preço dos imóveis, taxa real de juros das hipotecas e *spread* bancário) lideram o crescimento econômico.

Apesar de significativos, os resultados de Huang et al. (2018) reportados acima incorrem em uma imprecisão a despeito da taxa de juros selecionada para avaliar os impactos sobre o investimento residencial. Como destaca Teixeira (2015, p. 53), os detentores de um ativo levam seu preço em consideração no processo decisório uma vez que sua variação pode gerar perdas/ganhos de capital. Como alternativa, elabora a taxa própria de juros dos imóveis (**Taxa Própria, *own***) definida como a taxa de juros hipotecária (r_{mo}) deflacionada pela inflação dos imóveis (\dot{p}_h) de modo que o investimento

¹⁴Além de testar se a construção de novos imóveis antecipa movimentos no ciclo econômico, os autores também testam os canais de transmissão da política monetária em quatro frentes: (i) teoria neoclásica do investimento residencial; (ii) efeito riqueza do preço dos imóveis sobre o consumo por meio de um modelo de ciclo de vida; (iii) efeito do colateral sobre o balanço patrimonial das famílias e consumo; (iv) efeito do colateral sobre o balanço patrimonial dos bancos e oferta de crédito.

¹⁵No entanto, os autores afirmam que para a maioria dos países do G7 o investimento residencial é ao menos capaz de amplificar o ciclo econômico.

¹⁶Apenas para ilustrar a dimensão da importância do investimento residencial para o ciclo econômico norte-americano, Huang et al. (2018) utilizam este país como critério de comparação.

residencial (g_Z) é dado por:

$$g_Z = \phi_0 - \phi_1 \overbrace{\left(\frac{1 + r_{mo}}{1 + \dot{p}_h} - 1 \right)}^{\text{Taxa Própria}} \quad (3.2.1)$$

em que os ϕ_i s são parâmetros e cujo termo em parênteses é a Taxa Própria. Seguindo a linha argumentativa de Teixeira (2015), ao evidenciar os impactos da especulação com o estoque de imóveis existente, tal proposta lança luz sobre a influência da inflação imobiliária na construção de novos imóveis e, de acordo com o supermultiplicador sraffiano, sobre o produto como um todo.

Em outras palavras, a taxa de juros das hipotecas capta o serviço da dívida para os “investidores” (neste caso, famílias) enquanto a variação do preço dos imóveis permite incorporar mudança no património líquido. Portanto, aufere de modo satisfatório o custo real em imóveis de se comprar imóveis (TEIXEIRA, 2015, p. 53). Desse modo, a partir da taxa própria de juros dos imóveis é possível revelar importância do investimento residencial para além do ciclo e estendê-la para o longo prazo. Para evidenciar esta relação, o gráfico 6 ilustra como o deflacionamento da taxa de juros hipotecária pelo preço dos imóveis — e não por um índice de preços generalizado — é mais adequado para captar a dinâmica do investimento residencial. Tal proposição, no entanto, não é avaliada por meio da estimação de um modelo empírico. Desse modo, a seção seguinte pretende verificar a capacidade explicativa desta alternativa.



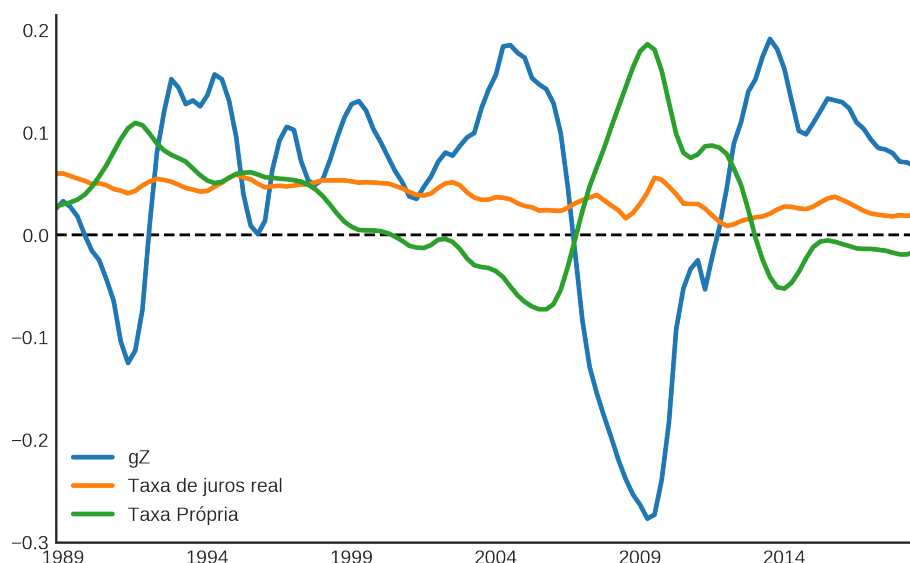
3.3 Modelo

O modelo a ser estimado pretende testar se a taxa própria de juros dos imóveis contribui para explicar a dinâmica do investimento residencial tal como proposto por Teixeira (2015)¹⁷. Por se tratar de taxas de crescimento com ampla volatilidade, aplicou-se a transformação de Yeo e Johnson (2000) para conter a amplitude das séries decorrente da crise imobiliária. A razão de se utilizar tal procedimento e não a transformação de Box e Cox (1964) é por não se restringir a valores não-negativos. Em seguida, foram realizados testes de cointegração de Engle e Granger (1987) bem como o procedimento de Johansen (1991) e, a um nível de significância de 5%, conclui-se que as séries são cointegradas e, portanto, é possível estimar um modelo vetor de correção de erros (VECM)¹⁸.

¹⁷Vale pontuar que tal como no modelo do supermultiplicador sraffiano, a distribuição de renda é determinada por fatores socio-históricos e institucionais e, portanto, não será estimada de modo a manter a consistência teórica.

¹⁸Os resultados de todos os testes realizados bem como as rotinas utilizadas estão disponíveis sob solicitação.

Figura 6 – Taxa real e própria de juros dos imóveis x investimento residencial



Fonte: U.S. Bureau of Economic Analysis, elaboração própria

Dito isso, resta determinar a defasagem utilizada. Pelos critérios de informação, tanto para o segundo (trimestre) quanto para o quinto *lag* são elegíveis. Apesar de parcimonioso, a escolha da segunda defasagem não é possui respaldo teórico e isso pode ser visualizado pelo gráfico 7. Se considerar o tempo médio de construção de imóveis desde a aprovação até a conclusão, verifica-se que deve-se incluir *ao menos* o segundo *lag* para incorporar as residências construídas para a venda uma vez que tal motivação só é realizada se concluída a construção.

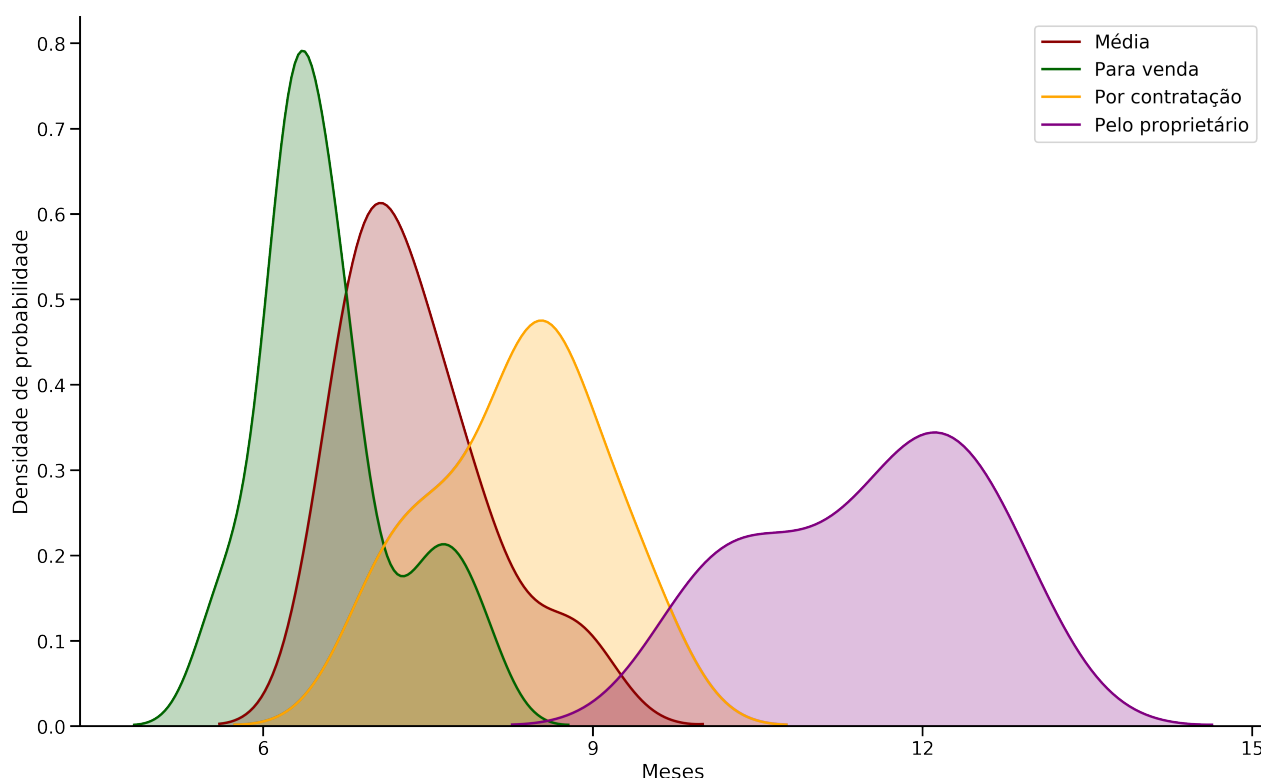


Tal procedimento, no entanto, não é suficiente para determinar a seleção do *lag* a ser utilizado. Dado que o fluxo de novos imóveis é significativamente inferior ao estoque existente, o efeito da variação dos preços se verifica mesmo com as construções não concluídas, ou seja, impacto decorre das residências concluídas anteriormente. Desse modo, a justificativa mais razoável é por meio do comportamento *forward looking* reportado por Richard K. Green (1997), ou seja, o processo decisório para iniciar a construção de um novo imóvel depende de componentes expectacionais. Tal elemento é captado pela taxa própria *esperada*.

De forma a ilustrar tal relação, o gráfico 8 apresenta as variáveis de interesse frente ao *lag* que minimiza os critério AIC e FPE. Esse procedimento permite visualizar se existe alguma relação entre a taxa própria esperada (taxa efetiva defasada) e taxa de crescimento dos imóveis¹⁹. Já a relação inversa, qual seja, da taxa de crescimento para a taxa própria não se verifica uma vez que, como visto,

¹⁹De modo a dar conta de não-linearidades, é apresentada a regressão quadrática entre ambas as variáveis (e o mesmo foi realizado para o gráfico inverso).

Figura 7 – Tempo médio de construção (aprovação a conclusão) de imóveis para uma unidade familiar por propósito de construção exceto casas pré-fabricadas (1976-2018)



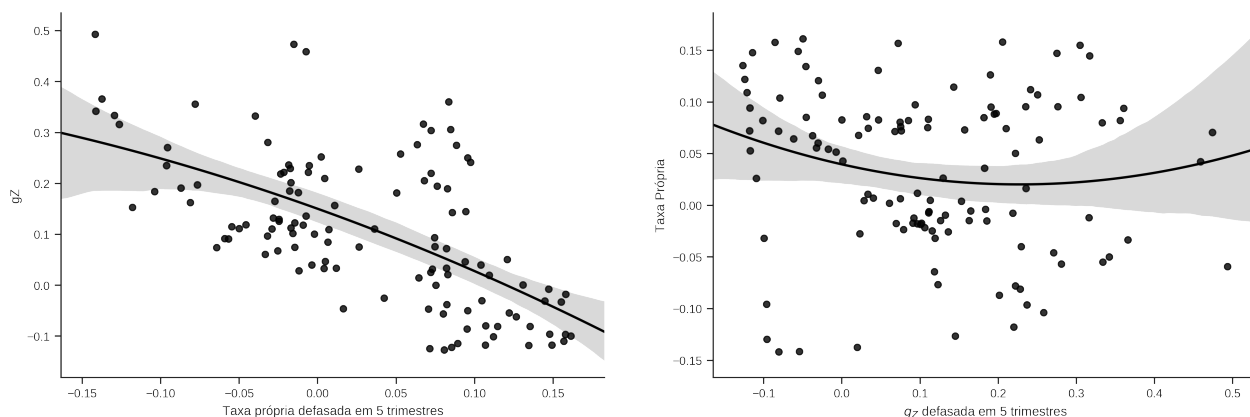
Fonte: Survey of Construction (SOC), elaboração própria

o fluxo de novos imóveis é bastante inferior o estoque de imóveis existente e, portanto, é esperado que tal relação não esteja presente. Em outras palavras, a especulação com o *estoque* de imóveis gera inflação desses ativos que, por conseguinte, afeta a construção de novos imóveis (*fluxo*) e não o inverso. Essa inspeção, portanto, ilustra de forma bastante grosseira tal **componente expectacional**. Dito isso, estima-se um VECM de ordem 5 cujos resíduos são apresentados no gráfico 9²⁰.

Adotando um nível de significância de 5%, verifica-se que o parâmetro de correção de erro (referente ao curto prazo) é estatisticamente significativo para a equação da taxa de crescimento do investimento residencial enquanto o vetor de cointegração (referente ao longo prazo) é estatisticamente significativo para ambas as equações. Seguindo a proposição de Teixeira (2015), espera-se que os coeficientes da equação g_Z para a taxa própria sejam negativos e este não é o caso apenas para uma das defasagens. Além disso, espera-se que não exista uma relação de curto prazo entre a taxa própria

²⁰Nota-se que tal defasagem, além de ser teoricamente justificada também gera resíduos não heterocedásticos, normalmente distribuídos e sem correlação serial.

Figura 8 – Dispersão entre taxa própria e crescimento do investimento residencial: defasagens selecionadas a partir dos critérios de informação



Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 – Parâmetros para a equação da Taxa Própria

Equação: Taxa Própria	coef	std err	z	P> z	[0.025	0.975]
L^1 Taxa Própria	0.9320	0.089	10.511	0.000***	0.758	1.106
L^1 gZ	-0.0545	0.014	-3.786	0.000***	-0.083	-0.026
L^2 Taxa Própria	-0.2810	0.122	-2.305	0.021**	-0.520	-0.042
L^2 gZ	0.0040	0.013	0.309	0.758	-0.021	0.029
L^3 Taxa Própria	0.0043	0.127	0.034	0.973	-0.245	0.253
L^3 gZ	-0.0132	0.012	-1.058	0.290	-0.038	0.011
L^4 Taxa Própria	-0.0626	0.126	-0.497	0.619	-0.309	0.184
L^4 gZ	-0.0030	0.012	-0.242	0.809	-0.027	0.021
L^5 Taxa Própria	0.0144	0.093	0.156	0.876	-0.167	0.196
EC1	-0.0099	0.007	-1.339	0.181	-0.024	0.005
β_1	1.0000	0	0	0.000***	1.000	1.000

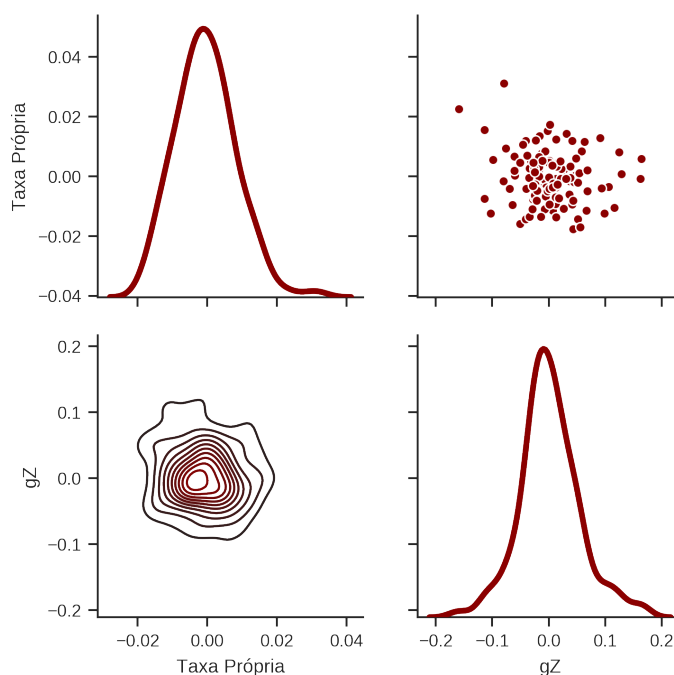
Fonte: Elaboração própria

e gZ , ou seja, taxa própria seja fracamente exógena e isso também é verificado. Portanto, os resultados obtidos estão em linha com os esperados.

Outra forma de verificar a capacidade explicativa da taxa própria para gZ é por meio da decomposição da variância da previsão (FEVD) como no gráfico 11. Verifica-se que desde o primeiro trimestre a taxa própria contribui para gZ enquanto o inverso não é válido. Adicionalmente, é notável que tal contribuição é crescente e maior que 50% para além do 8º trimestre. Portanto, a taxa própria é explicada principalmente por ela mesma e explica gZ consideravelmente.

Adiante, é apresentado o gráfico da função impulso resposta ortogonalizada. Grosso modo,

Figura 9 – Inspeção dos resíduos da estimação



Fonte: Elaboração própria

as conclusões da FEVD se estendem para os choques. Os efeitos do aumento da taxa própria é positivo sobre ela mesma e se amortece ao longo do tempo, evidenciando um sistema estável e o mesmo vale para os efeitos do aumento de gZ sobre gZ . Já os efeitos de gZ sobre a taxa própria é negativo no curto prazo mas se dissipa para além do 5º trimestre uma vez que passa a pertencer a intervalo de confiança. A explicação desse resultado decorre dos efeitos de gZ sobre o preço dos imóveis (diminuição da Taxa Própria) uma vez que a taxa de juros das hipotecas é mantida constante. Por fim, e este é o resultado relevante, dados os objetivos, é o efeito negativo considerável e duradouro (6 trimestres) da taxa própria sobre gZ , confirmando a tese de Teixeira (2015), e que se torna positivo em um horizonte mais longo podendo estar associado a construção de novos imóveis por motivos não-especulativos decorrentes da redução da inflação imobiliária (aumento da taxa própria).

Dos resultados apresentados acima, verifica-se que a taxa própria de juros dos imóveis tem uma capacidade explicativa significativa. Vale destacar que apesar de amplitude das defasagens selecionadas, o modelo estimado é bastante parcimonioso em termos das variáveis utilizadas. Desse modo, considerando o grau de parcimônia e a robustez dos resultados, conclui-se que é um modelo satisfatório para explicar a taxa de crescimento dos imóveis. Diante da qualidade do ajuste, o gráfico 12 apresenta a previsão do modelo 4 passos a frente. Avaliando o últimos resultados disponíveis das contas nacionais e estimativas da taxa própria, verifica-se uma previsão satisfatória uma vez que tanto

Tabela 4 – Parâmetros para a equação da g_Z

Equação: g_Z	coef	std err	z	P > z	[0.025	0.975]
L^1 Taxa Própria	-0.8392	0.553	-1.517	0.129	-1.924	0.245
L^1 g_Z	0.1290	0.090	1.435	0.151	-0.047	0.305
L^2 Taxa Própria	-1.6629	0.761	-2.186	0.029**	-3.154	-0.172
L^2 g_Z	-0.0663	0.081	-0.817	0.414	-0.225	0.093
L^3 Taxa Própria	1.5635	0.793	1.972	0.049**	0.009	3.118
L^3 g_Z	0.1092	0.078	1.407	0.159	-0.043	0.261
L^4 Taxa Própria	-0.5929	0.785	-0.755	0.450	-2.132	0.946
L^4 g_Z	-0.4590	0.078	-5.895	0.000***	-0.612	-0.306
L^5 Taxa Própria	-0.3158	0.577	-0.547	0.584	-1.447	0.816
L^5 g_Z	0.0265	0.089	0.299	0.765	-0.147	0.200
EC1	0.1388	0.046	3.021	0.003**	0.049	0.229
β_2	-0.4833	0.230	-2.099	0.036**	-0.934	-0.032

Fonte: Elaboração própria

g_Z reduz quanto a taxa própria aumenta.

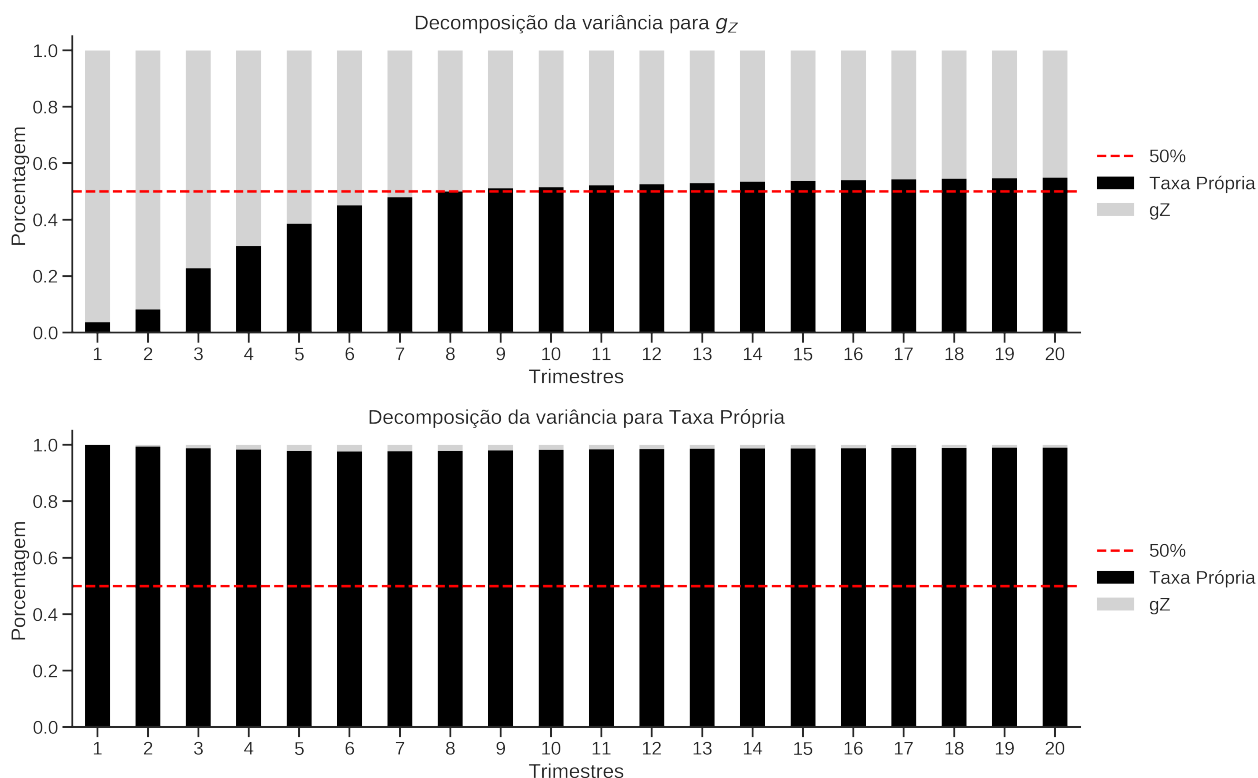


3.4 Considerações finais: Da taxa própria a inflação de ativos

Como destacado anteriormente, parte da fronteira dos modelos de crescimento liderados pela demanda lança luz sobre os gastos autônomos. Utilizando o modelo do supermultiplicador como critério de **comparação**, verifica-se a ausência de trabalhos empíricos envolvendo exclusivamente exportações e investimento residencial. Apesar disso, a literatura que parte das contribuições de Thirlwall ([1979] 1994), além de considerar as exportações como um gasto autônomo, tem evidenciado a importância das exportações para o longo prazo. Paralelamente, como destacou a seção 2.3 do capítulo anterior, apenas o investimento residencial carece de um tratamento teórico pelos modelos de crescimento liderados pela demanda. Em seguida, foram destacados alguns fatos estilizados que contemplem a importância deste gasto para a dinâmica econômica.

Da revisão de literatura, verifica-se uma forte cisão entre as **teorias** ortodoxas e heterodoxas sobre o tema. Enquanto os primeiros **então** centrados na análise do descolamento ou não do preço dos imóveis em relação aos fundamentos macroeconômicos e dos determinantes da oferta em mercados parciais, os últimos direcionam esforços na **colaboração** do mercado imobiliário com o processo de financeirização. Nesse sentido, o modelo de Arestis e González-Martínez (2015) se destaca ao analisar o investimento residencial em uma perspectiva macroeconômica. No entanto, parte do pressuposto

Figura 10 – Decomposição da variância da previsão



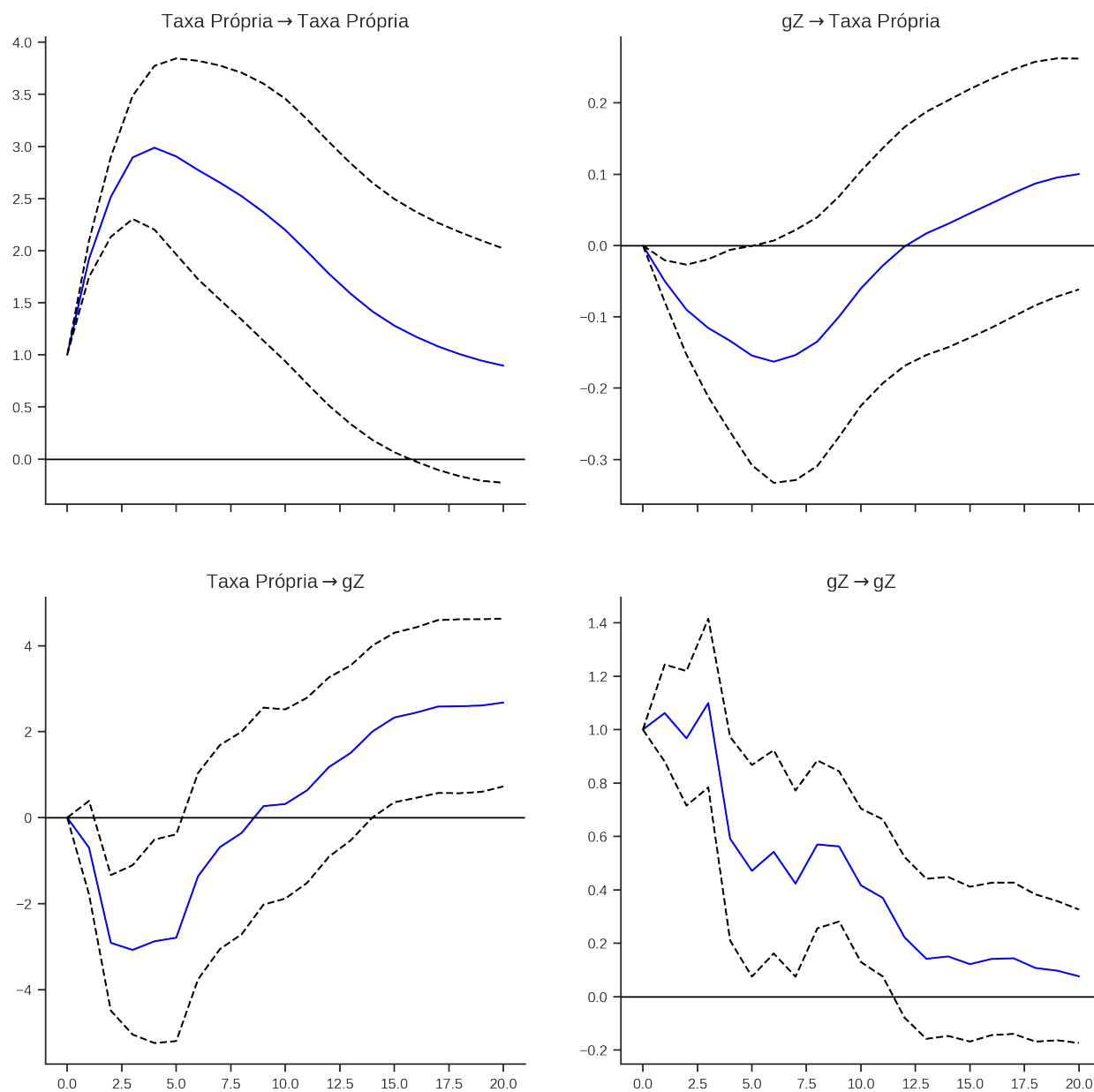
Fonte: Elaboração própria

que este gasto é induzido.

Diante da ausência de um modelo com investimento residencial autônomo, foi estimado um VECM a partir da taxa própria de juros dos imóveis desenvolvida por Teixeira (2015). Dentre os critérios para selecionar esta proposta, destaca-se a compatibilidade com o supermultiplicador sraffiano. Portanto, é a abordagem mais consistente dado o modelo teórico escolhido no capítulo anterior. Realizado o ajuste, conclui-se que: (i) taxa própria e taxa de crescimento do investimento residencial (g_Z) apresentam uma relação de longo prazo; (ii) os efeitos de g_Z sobre a Taxa Própria são pouco significativos tanto em relação as funções resposta ao impulso quanto a decomposição para a variância da previsão (FEVD); (iii) a taxa própria afeta negativamente g_Z em um horizonte mais curto e é o principal componente para a FEVD de g_Z ; e (iv) as previsões estão alinhadas com a direção dos últimos dados disponíveis (primeiro trimestre de 2019). Destaca-se ainda a ausência de correlação residual assim como os erros serem normalmente distribuídos e não apresentarem heterocedasticidade. Além disso, pontua-se que os resultados obtidos são bastante satisfatórios dada a parcimônia no número de variáveis utilizadas.

Resta comparar os resultados com os obtidos por Arestis e González-Martínez (2015).

Figura 11 – Função impulso resposta ortogonalizada

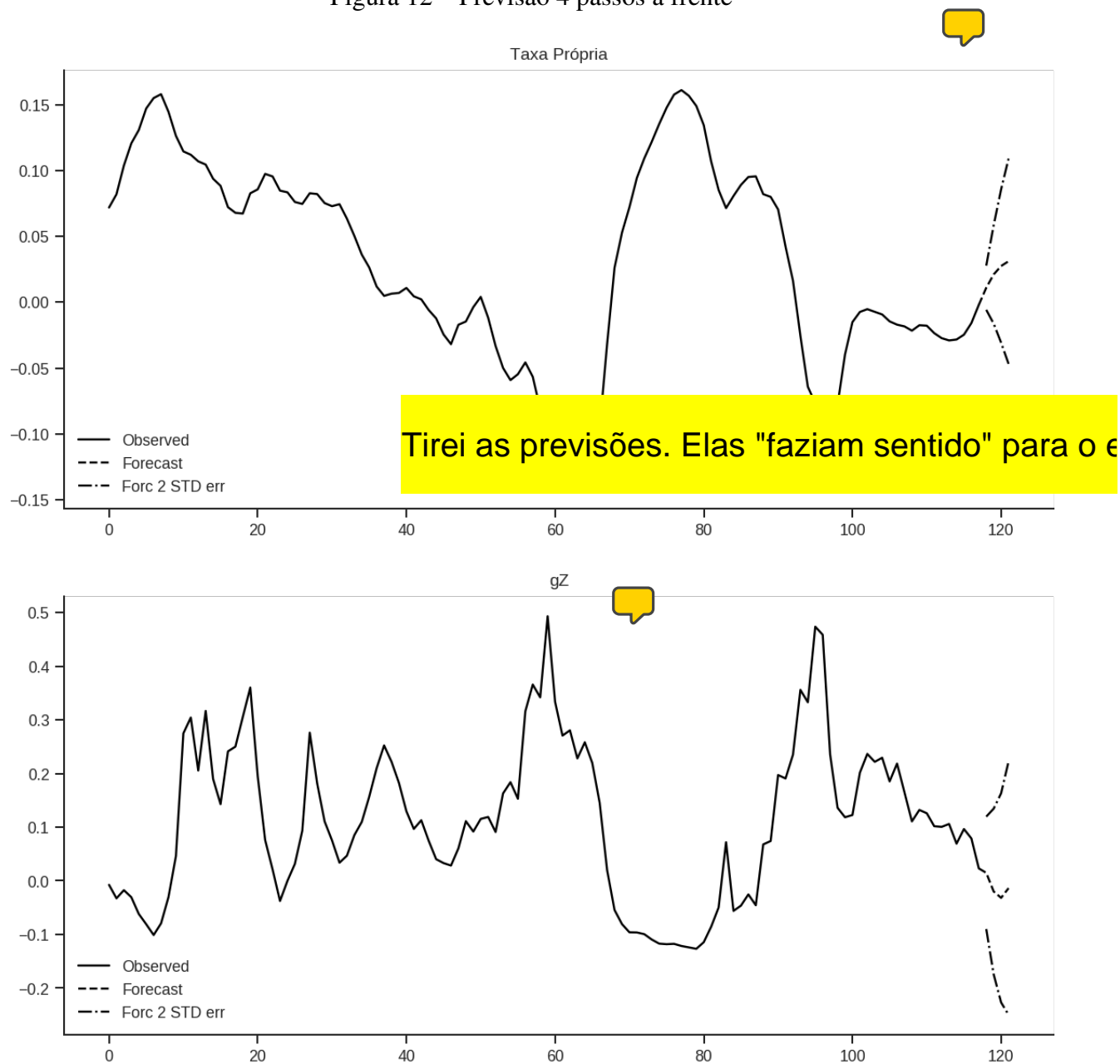


Fonte: Elaboração própria

Mais uma vez, vale notar que uma das hipóteses dos autores é de que o investimento residencial é induzido uma vez que depende da renda disponível. No entanto, tais resultados não são estatisticamente significantes no curto ou longo prazo para os Estados Unidos (e Grã-Bretanha) e, portanto, a comparação é possível²¹. Além disso, concluem que a taxa de juros hipotecárias não é uma variável relevante

²¹ Além disso, foram realizados testes de causalidade de granger entre renda disponível real e investimento residencial real (ambos a preços encadeados de 2012) e conclui-se que a um nível de significância de 1%, investimento residencial granger causa renda disponível real enquanto o inverso não é válido para os meses analisados.

Figura 12 – Previsão 4 passos a frente



Fonte: Elaboração própria

para determinar o investimento residencial, ou seja, conclusão oposta ao do presente trabalho. Apesar disso, alguns resultados do modelo apresentado estão alinhados com Arestis e González-Martínez (2015) uma vez que o principal determinante para o investimento residencial no caso norte-americano é o preço dos imóveis. Portanto, a presente investigação se difere por: (i) considerar o investimento residencial enquanto gasto autônomo uma vez que não cria capacidade produtiva e por ser financiado principalmente por hipotecas; (ii) destacar a importância da taxa de juros das hipotecas e; (iii) captar a dinâmica da especulação a partir da inflação de ativos por meio da taxa própria de juros dos imóveis.

Compreendida a importância do *volume* de investimento residencial, resta investigar como a literatura explica a formação do preço dos imóveis. De um lado, testa-se se tais preços seguem ou não os fundamentos macroeconômicos (HOLLY; JONES, 1997; ANDREWS, 2010). De outro, verifica-se a importância de assimetrias e heterogeneidade na formação de expectativas na formação de bolhas especulativas. Dentre os estudos que analisam a relação entre preço dos imóveis e os fundamentos, destaca-se aqueles que enfatizam²²: (i) distribuição de renda (GREEN, B.; SHAHEEN, 2014; ÖZMEN; KALAFATCILAR; YILMAZ, 2019), intergeracionalidade e demografia (CAMPBELL, 1963; FLEMING, 1966); (ii) custos de produção e oferta de imóveis (AYUSO; RESTOY, 2006; GLAESER; GYOURKO; SAIZ, 2008; KRAKSTAD, 2015) (iii) taxa de juros, rigidez e riscos (LI, V. E.; CHANG, 2004; MILLER; SKLARZ; THIBODEAU, 2005; LI, Y.; YANG, 2018); (iv) efeitos riqueza (CASE; SHILLER; QUIGLEY, 2001; VADAS, 2004; CHAUVIN; DAMETTE, 2010; BASSANETTI; ZOLLINO, 2010; ARRONDEL; SAVIGNAC, 2010; SASTRE; FERNÁNDEZ, 2010; FLEISCHMANN; FRITZ; SEBASTIAN, 2019); (v) emprego (MILLER; SKLARZ; THIBODEAU, 2005; PAN; WANG, C., 2016; LIU; MIAO; ZHA, 2013).

Há também aqueles que destacam a influência de quebras estruturais (MILES, 2015) e a heterogeneidade dos agentes, seja na interação (WANG, K.; ZHOU et al., 2000; WANG, K.; ZHOU, 2000; HARDMAN; IOANNIDES, 2004) ou na formação das expectativas (BURNSIDE; EICHENBAUM; REBELO, 2016; ASCARI; PECORA; SPELTA, 2018). No entanto, como destaca Leung (2004), o *housing economics* apresentado anteriormente tem omitido as relações macroeconômicas, ou melhor, “*In the traditional approach, there is no nationwide housing market, but a compendium of segmented markets*” (ARESTIS; KARAKITSOS, 2008, p.335). Desse modo, tais abordagens fogem do escopo deste trabalho e devem ser adequadas a uma estrutura macroeconômica.

Nesse sentido, o trabalho de Arestis e Gonzalez-Martinez (2019) lança luz sobre algumas variáveis importantes na determinação do preço dos imóveis. Ajustando um modelo ARDL com vetor de cointegração, os autores concluem que a renda disponível real é o principal determinante do preço dos imóveis para os países analisados. Apesar de estatisticamente significativa, tal elasticidade-preço renda disponível é menor (seja no curto ou longo prazo) para o caso estadunidense dentre os países estudados. Desse modo, se a bolha imobiliária atingiu níveis sem precedentes nos Estados Unidos, quão razoável é um parâmetro menor se comparado com os demais países? Ou melhor, existem outros determinantes mais significantes para o preço dos imóveis que não a renda disponível real? Dito isso, cabe ao capítulo seguinte esclarecer: se a taxa própria de juros dos imóveis explica a taxa de crescimento residencial por meio da inflação de ativos, como endogeneizar o preço dos imóveis?

²²Vale também a menção de Bandt, Barhoumi e Bruneau (2010) em que analisam o efeito contágio do preço dos imóveis e concluem que mudanças nos EUA implicam em choques unidirecionais aos outros países.

4 Modelo Simplificado

[I]f you are a true simplifier and not just sloppy and lazy then you must be able to claim to arrive at essentials which are also to be found in what you regard as complicated

Frank Hahn

O presente capítulo é o ponto de chegada desta pesquisa em que são reunidos os esforços dos capítulos anteriores. Enquanto o capítulo primeiro elegeu o supermultiplicador sraffiano como o modelo teórico a ser adotado, o capítulo seguinte apresentou alguns fatos estilizados da economia norte-americana enfatizando o papel do investimento residencial e destacando a capacidade explicativa da taxa própria de juros dos imóveis. Desse modo, cabe a este capítulo construir o modelo teórico por meio da metodologia *Stock-Flow Consistent*.

A razão do porquê da escolha desta metodologia decorre do tratamento adequado das relações financeiras, enriquecendo o modelo do supermultiplicador sraffiano tal como em Brochier e Macedo e Silva (2018). Antes de avançar, cabe destacar que optou-se pelo modelo mais parcimonioso possível de modo que apenas os setores estritamente necessários foram incluídos. Dito isso, a seção 4.1 irá apresentar a metodologia enquanto a seção 4.2 apresenta o modelo. Com as equações em mãos, é exposta a solução analítica (sec. 4.3) e analisados alguns choques (sec. 4.4). Por fim, são apresentadas as conclusões do modelo.

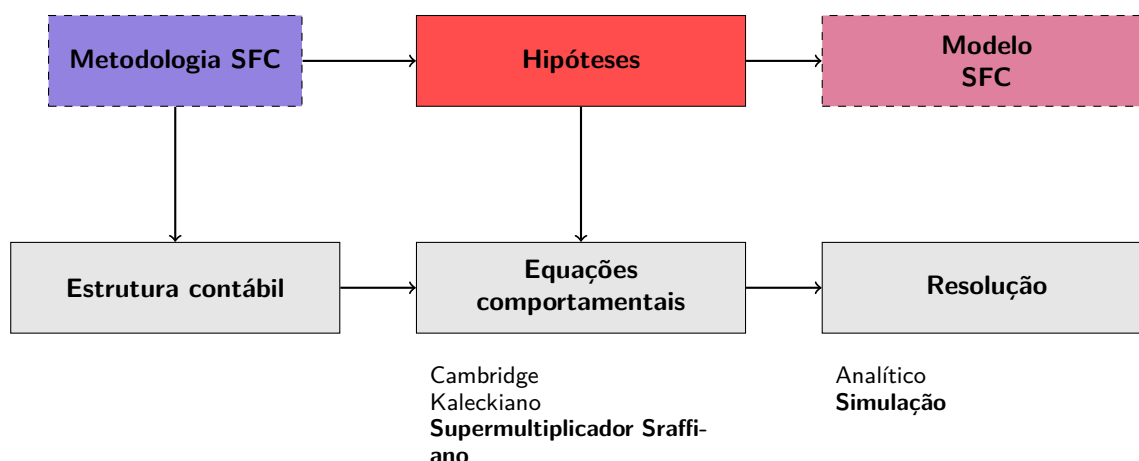
4.1 Metodologia SFC: Uma breve introdução

A presente seção tem por objetivo apresentar as etapas e procedimentos da metodologia *Stock Flow Consistent* (adiante SFC¹)². De forma bastante sucinta, tal metodologia é composta de três procedimentos: (i) determinação da estrutura contábil; (ii) exposição das equações comportamentais e; (iii) solução. Dito isso, a figura 13 pretende resumir as etapas mencionadas e explicitar a diferença entre a *metodologia SFC* um *modelo SFC*.

¹Cabe aqui destacar que tal nomenclatura decorre do trabalho de Dos Santos (2006).

²Para uma análise mais pormenorizada das linhagens da abordagem SFC, ver Caverzasi e Godin (2013).

Figura 13 – Resumo esquemático da Metodologia SFC



Fonte: Da Silveira (2017, p. 64, adaptado)

As etapas contábeis da abordagem SFC constituem em³: (i) seleção dos setores institucionais e dos ativos a serem incorporados; (ii) mapeamento das relações dos fluxos entre os mencionados setores por meio da construção da matriz de fluxos; (iii) construção da matriz dos estoques de riqueza (real e financeira) em que são contabilizadas os ativos e passivos bem como a posição líquida de cada setor; (iv) identificação das formas que os fluxos são financiados e sua respectiva acumulação nos estoques. Desse modo, o rigor contábil adotado faz com que o grau de liberdade, ou seja arbitrariedade, do modelo diminua. Grosso modo, ao partir de um aparato analítico baseado em identidades macroeconômicas, surgem restrições que precisam ser seguidas.

Vale destacar que as identidades contábeis são o ponto de partida, mas não são suficientes para garantir a consistência do modelo⁴. Para isso, é necessário que a soma da posição financeira líquida de cada setor institucional seja zero de modo que não existam “buracos negros”. Tal procedimento garante que para que um setor acumule riqueza financeira, outro precisa necessariamente liquidá-la. Isto posto, conclui-se a exposição da estrutura contábil da metodologia SFC a partir das identidades macroeconômicas.

Por mais que esta etapa é centrada na contabilidade social, isso não implica que não possua um componente teórico associado. A título de exemplo, Macedo e Silva e Dos Santos (2011,

³Esta seção não pretende expor a metodologia pormenorizadamente, mas sim expor seus procedimentos de modo a esclarecer as etapas que foram adotadas. Dito isso, a construção das matrizes a serem usadas fica a cargo da seção 4.2. Para uma apresentação mais gradual, ver Da Silveira (2017, Capítulo 4).

⁴Exemplo disso pode ser visto na exposição de Godley e Lavoie (2007c, p. 27–8) a despeito da contabilização das ações que não são, legalmente, um passivo das firmas e, portanto, o pagamento de dividendos não é uma obrigação contratual. Apesar disso, considera-se que as ações emitidas pelas firmas são similares aos *corporate bonds*, garantindo a consistência do modelo. O que pretende ser destacado é que por mais que tal simplificação seja razoável, não deixa de ser uma hipótese.

p. 15–16) pontuam que estão presentes elementos pós-keynesianos: (i) os agentes econômicos são categorizados de acordo com o tipo de estoque de riqueza que possuem; (ii) os agentes celebram contratos que impactam sua riqueza e geram fluxos monetários que implicam novas mudanças na composição patrimonial desses agentes; (iii) ganhos e perdas de capital afetam o valor dos estoques que impactam na dinâmica do sistema; (iv) a composição patrimonial dos agentes e setores evolui de forma assimétrica de acordo com o grau de alavancagem, preferência pela liquidez/risco e (v) o acúmulo de ativos e passivos pelos agentes interfere na correlação de forças da economia.

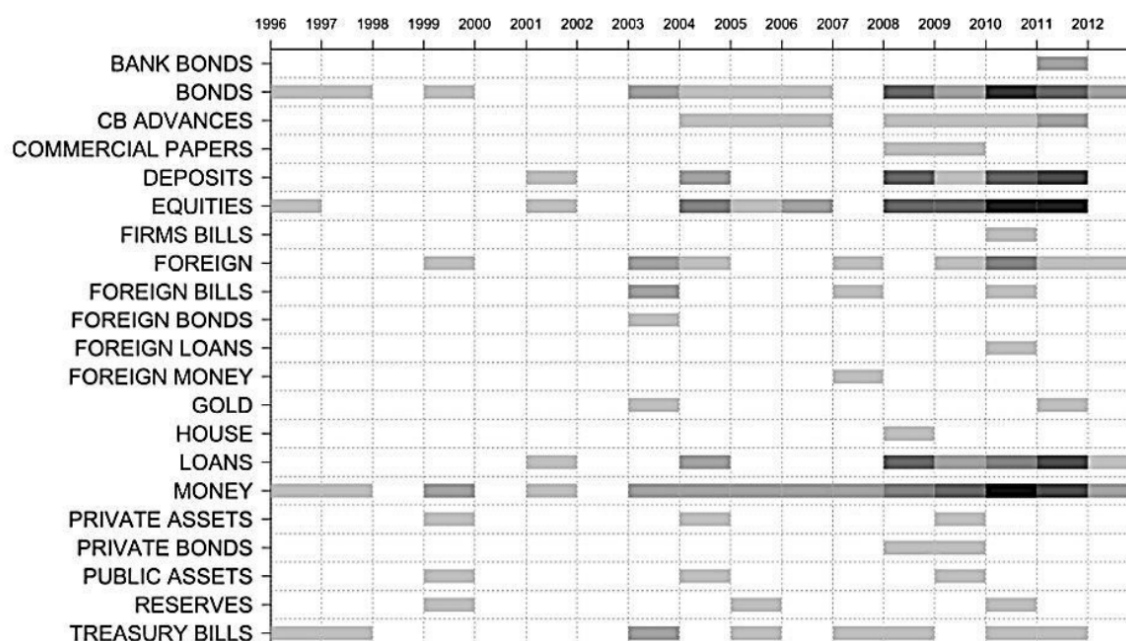
Desse modo, por mais que a estrutura contábil parta das identidades, isso não a isenta de teoria. No entanto, por se tratar de identidades, nada de causal pode ser extraído delas. As relações de causalidade do modelo (agora modelo e não metodologia) decorrem das equações comportamentais que, respeitando a consistência, podem ser de qualquer linhagem teórica (*e.g.* Kaleckiana, Sraffinana, Neoclássica, etc.). A ênfase em tratar a abordagem SFC enquanto uma metodologia decorre da flexibilidade de incluir inúmeras teorias e propostas apesar da rigidez de seus procedimentos. Apenas para elencar (e não esgotar) alguns temas caros a heterodoxia, tal abordagem permite tratar as formas de financiamento das firmas (ASIMAKOPOULOS, 1983; SKOTT, 1988; MESSORI, 1991); endogeneidade da moeda e importância do sistema bancário (MESSORI, 1991; DOW, 1996; ARESTIS; HOWELLS, 1996; GODLEY, 1999a; LAVOIE, 1999; LIMA; MEIRELLES, 2007); endividamento, distribuição de renda e financeirização (PALLEY, T., 1996; WOLFSON, 1996; PALLEY, T., 1997, 2002; DOS SANTOS; MACEDO E SILVA, 2009; PALLEY, T., 2010; HEIN, 2012) e, apenas para restringir os temas; análises empíricas e proposições de política econômica (GODLEY, 1999b; GODLEY; LAVOIE, 2007a; GODLEY; LAVOIE, 2007b; ZEZZA, G., 2011; ZEZZA, G.; ZEZZA, F., 2019).

A mesma variabilidade de temas passíveis de serem abordados pela metodologia SFC se estende para a pluralidade dos ativos e do grau de complexidade financeira de cada modelo. Uma forma de visualizar tal flexibilidade é por meio da figura 14 em que são mapeados os ativos mais frequentes. No entanto, este gráfico também revela que a literatura não dá a devida atenção ao investimento residencial⁵, sendo o ativo menos estudado.

Feitas essas ressalvas, dada a estrutura contábil e explicitadas as hipóteses (via equações comportamentais), resta seguir para a solução do modelo. Como pontuam Caverzasi e Godin (2013), existem duas vias: (i) simulação e (ii) descrição. A primeira delas permite expor de forma mais clara as relações entre as variáveis de modelos mais complexos em que a solução analítica não é facilmente encontrada. No entanto, tal caminho fez com que o grau de complexidade dos modelos simulados fosse exponencializada de modo que a intuição econômica torna-se facilmente turva. Diante destas

⁵Deve ser pontuada a notória exceção de Gennaro Zezza (2008) em que é apresentado um modelo com imóveis em um aparato Kaleckiano mas não trata de questões envolvendo ganhos de capital ou dos determinantes do investimento residencial.

Figura 14 – Mapa de calor dos ativos modelados com SFC



Fonte: Caverzasi e Godin (2013, p. 4)

complicações, o presente capítulo prioriza a parcimônia de modo que serão incluídos apenas os elementos necessários para a narrativa. A justificativa deste procedimento decorre da maior clareza que tal modelagem frente a um menor “realismo”. Além disso, tal postura permite encontrar soluções analíticas com maior facilidade de modo que são explicitados os parâmetros mais relevantes para as trajetórias de longo prazo. Dito isso, a seção seguinte expõe o modelo que será simulado adiante.

4.2 Modelo

Por padrão, as variáveis exógenas, j diga-se, serão indicadas por \bar{j} enquanto os parâmetros serão denotados por letras gregas. Além disso, as equações não numeradas são apenas etapas algébricas enquanto as numeradas estão presentes nas rotinas utilizadas. Por fim, vale a menção de que os códigos deste modelo estão disponíveis e foram escritos em *python* com o uso do pacote *pysolve3* que foi desenvolvido ao longo desta pesquisa.

Equações gerais

O produto é determinado pelo estoque de capital criador de capacidade assim como pelo trabalho homogêneo. Além disso, supõe-se temporariamente que não estão presentes inflação de bens

bem como depreciação⁶. Diferentemente de Nikiforos (2016) e Dutt (2018), supõe-se que estão ausentes retornos crescentes de escala e progresso tecnológico.

Por se tratar de uma economia sem relações externas e sem governo, o produto determinado pelos componentes da demanda (Y) é a soma do consumo (C) e investimento das famílias (Ih) e das firmas (If) em que apenas este último é criador de capacidade produtiva ao setor privado:

$$Y = [C + Ih] + [If] \quad (4.2.1)$$

da equação acima é possível deduzir o investimento total (It):

$$It = If + Ih \quad (4.2.2)$$

Considerando uma função de produção *à la* leontieff, o produto potencial (Y_{FC}) é determinado por:

$$Y_{FC} = \min(Y_K, Y_L)$$

em que Y_K e Y_L são respectivamente produto de plena capacidade e de pleno emprego definidos por:

$$Y_K = \frac{1}{\bar{v}} K_{f-1} \quad Y_L = \frac{1}{\bar{b}} L_{-1}$$

com \bar{v} e \bar{b} sendo relações técnicas e K_f e L indicam respectivamente o estoque de capital criador de capacidade ao setor privado e o trabalho. Tal como é convencional na literatura, supõe-se que o capital é escasso em relação ao trabalho. Nesses termos, o produto potencial é:

$$Y_{FC} = Y_K \quad (4.2.3)$$

o que permite escrever o grau de utilização da capacidade (u):

$$u = \frac{Y}{K_f} \cdot \bar{v}$$

$$u = \frac{Y}{Y_{FC}} \quad (4.2.4)$$

cujas formas em termos de crescimento equivale a

$$\dot{u} = (g - g_K) \cdot u_{t-1} \quad (\text{Aux.})$$

⁶A ausência de depreciação é meramente simplificadora e será incluída nas versões futuras deste modelo. Vale mencionar que um dos objetivos desta pesquisa é incorporar e analisar os impactos da inflação de ativos.

em que g_Y e g_K são, respectivamente, a taxa de crescimento da demanda e da capacidade produtiva discutidas no capítulo teórico.

A razão pela qual o capital criador de capacidade se difere do estoque de capital total da economia (K) se dá pela inclusão do investimento residencial tão comumente ignorado pela literatura que, como pontuado pelo capítulo anterior, possui implicações importantes para a dinâmica da economia norte americana. Dito isso, o estoque de capital é dado por:

$$K = K_f + K_H \quad (4.2.5)$$

em que K_H refere ao acúmulo do investimento residencial. Seja K_k a participação dos imóveis no estoque de capital total da economia:

$$K_k = \frac{K_H}{K} \quad (4.2.6)$$

é possível representar a equação 4.2.5 de forma alternativa:

$$K = K_k \cdot K + (1 - K_k) \cdot K$$

que será utilizada para o desenvolvimento da solução analítica.

Neste modelo, tal como na tradição Kalekicana e Sraffiana, a distribuição funcional da renda é exógena. Para não recorrer à hipóteses a respeito da estrutura de mercado bem como da determinação de preços das firmas, impõe-se que:

$$\omega = \bar{\omega} \Leftrightarrow \pi = 1 - \bar{\omega} \quad (4.2.7)$$

em que ω e π são respectivamente a participação dos salários e dos lucros na renda. O que permite escrever a massa de salários nos seguintes termos:

$$\omega = \frac{W}{Y}$$

$$W = \omega \cdot Y \quad (4.2.8)$$

Por fim, cabe explicitar os ativos financeiros presentes no modelo e como são distribuídos entre os diferentes agentes institucionais. As famílias (denotadas pelo subíndice h) acumulam riqueza sob a forma de depósitos à vista (M) enquanto contraem empréstimos hipotecários (MO) para realizar investimento residencial que, no acumulado, é idêntico ao estoque de imóveis (K_h). As firmas (denotadas pelo subíndice f), por sua vez, financiam o investimento em parte por lucros retidos e o

restante por empréstimo (L_f). Os bancos, portanto, criam crédito (*ex nihilo*) para então recolher os depósitos, todos remunerados pelas respectivas taxas de juros. Com isso, é possível explicitar a matriz dos estoques:

Tabela 5 – Matriz dos estoques

	Famílias	Firmas	Bancos	Σ
Depósitos	$+M$		$-M$	0
Empréstimos das firmas		$-L_f$	$+L_f$	0
Hipotecas	$-MO$		$+MO$	0
Σ Riqueza financeira líquida	V_h	V_f	V_b	0
Capital		$+K_f$		$+K_f$
Imóveis	$+K_{HD}$			$+K_H$
Σ Riqueza líquida total	NW_h	NW_f	NW_b	$+K$

Fonte: Elaboração própria

Esta matriz além de mapear as relações entre os diferentes agentes institucionais de modo que não existam “buracos negros”, permite explicitar as interações entre lado real e financeiro (DOS SANTOS; MACEDO E SILVA, 2010). Resta explicitar como os fluxos determinam os estoques por meio da matriz de transações correntes e fluxo de fundos que, descritas as hipóteses e equações gerais, auxiliará na especificação de cada setor institucional:

Tabela 6 – Matriz de transações correntes e fluxo de fundos

	Famílias		Firmas		Bancos	Total Σ
	Corrente	Capital	Corrente	Capital		
Consumo	$-C$		$+C$			0
Investimento			$+If$	$-If$		0
Investimento residencial		$-Ih$	$+Ih$			0
[Produto]			$[Y]$			$[Y]$
Salários	$+W$		$-W$			0
Lucros	$+FD$		$-FT$	$+FU$		0
Juros (depósitos)	$+r_m \cdot M_{-1}$				$-r_m \cdot M_{-1}$	0
Juros (empréstimos)			$-r_l \cdot L_{f-1}$		$+r_l \cdot L_{-1}$	0
Juros (hipotecas)	$-r_{mo} \cdot MO_{-1}$				$+r_{mo} \cdot MO_{-1}$	0
Subtotal	$+S_h$	$-I_h$		$+NFW_f$	$+NFW_b$	0
Variação dos depósitos	$-\Delta M$				$+\Delta M$	0
Variação das hipotecas		$+\Delta MO$			$-\Delta MO$	0
Variação dos empréstimos			$+\Delta L_f$	$-\Delta L$	0	0
Total	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria

Firmas

Para produzir, as firmas encomendam bens de capital ($-If$ na conta de capital) e contratam os trabalhadores que são remunerados pela massa de salário de modo que os lucros brutos (FT) são determinados por:

$$FT = Y - W \quad (4.2.9)$$

Além disso, as firmas retêm uma parcela (γ_F) dos lucros líquidos de juros (FU) e distribuem o restante para as famílias (FD):

$$FU = \gamma_F \cdot (FT - r_l \cdot L_{f-1}) \quad (4.2.10)$$

$$FD = (1 - \gamma_F) \cdot (FT - r_l \cdot L_{f-1}) \quad (4.2.11)$$

Como sugerido pelo capítulo 3 e seguindo a literatura do supermultiplicador sraffiano, supõe-se que o investimento das firmas é induzido pelo nível de demanda efetiva,

$$If = h \cdot Y \quad (4.2.12)$$

em que h é a propensão marginal à investir. Além disso, adota-se o princípio do ajuste do estoque de capital de modo que as firmas revisam seus planos de investimento de forma que o grau de utilização se ajuste ao normal (u_N):

$$\Delta h = h_{-1} \cdot \gamma_u \cdot (u - \bar{u}_N) \quad (4.2.13)$$

em que o parâmetro γ_u deve ser suficientemente pequeno para que este ajustamento seja lento e gradual. Contabilmente, o investimento das firmas determina o estoque de capital criador de capacidade produtiva:

$$\Delta K_f = If \quad (4.2.14)$$

Adicionalmente, as firmas financiam o investimento que excede os lucros retidos por meio de empréstimos dos bancos remunerados à taxa \bar{r}_l definida exogenamente. Por hipótese, supõe-se que consigam se financiar sem restrições de forma que a demanda/oferta por crédito para as firmas é definida por:

$$\Delta L_f = If - FU \quad (4.2.15)$$

Por fim, como pode ser verificado pela tabela de transações correntes, o saldo financeiro líquido das firmas (NFW_f) é:

$$NFW_f = FU - If \quad (4.2.16)$$

em que as firmas são devedoras líquidas se o investimento for maior que os lucros retidos. Por definição, se um dos setores é deficitário ao menos um precisa ser superavitário para que a soma dos saldos financeiros líquidos seja nula enquanto a soma do estoque de riqueza financeira seja igual ao estoque de capital da economia. A matriz dos estoques, por sua vez, fornece a riqueza líquida das firmas (NW_f):

$$NW_f = K_f - L_f \quad (4.2.17)$$

Bancos

Tal como grande parte da literatura SFC, os bancos neste modelo não desempenham um papel ativo e atuam como intermediadores financeiros. No entanto, isso não implica que existe uma precedência dos depósitos para os empréstimos, mas o inverso. Grosso modo, os bancos concedem empréstimos e, somente em seguida, recolhem os depósitos necessários.

Como mencionado anteriormente, as firmas financiam parte do investimento com crédito (L_f) e as famílias se endividam com títulos hipotecários (MO) para financiar os imóveis enquanto financiam o consumo de bens duráveis com crédito (L_h). Cada uma dessas operações é remunerada a uma taxa de juros específica definida por um *mark-up* da taxa dos depósitos (*benchmark*):

$$r_l = r_m + \text{spread}_l \quad (4.2.18)$$

$$r_{mo} = r_m + \text{spread}_{mo} \quad (4.2.19)$$

Os depósitos à vista, por sua vez, são ativos das famílias e são remunerados à taxa r_m que é determinada pelos bancos:

$$r_m = \bar{r}_m \quad (4.2.20)$$

como hipótese simplificadora, os referidos *spreads* são nulos de modo que tanto empréstimo quanto hipotecas sejam remunerados à taxa dos depósitos. Nesses termos, o saldo financeiro líquido dos

bancos (NFW_b) é definido como o pagamento de juros recebidos descontadas as remunerações dos depósitos:

$$NFW_b = r_{mo} \cdot MO_{-1} + r_l \cdot L_{-1} - r_m \cdot M_{-1} \quad (4.2.21)$$

$$NFW_b = r_m \cdot (MO_{-1} + L_{-1} - M_{-1}) = 0$$

que é alocado da seguinte forma:

$$NFW_b = \Delta MO + \Delta L - \Delta M$$

Como as taxas de juros são idênticas, o saldo financeiro dos bancos é necessariamente zero, o que permite determinar o estoque de depósitos do modelo residualmente:

$$\Delta M = \Delta L + \Delta MO \quad (4.2.22)$$

Por fim, da matriz dos estoques obtém-se o estoque de riqueza líquida dos bancos (NW_b):

$$NW_b = V_b \equiv 0 \quad (4.2.23)$$

Famílias

Por se tratar do setor institucional mais complexo do modelo, optou-se por apresentar as famílias por último. Supõe-se que o consumo das famílias (C) é tem uma parcela induzida e outra autônoma (N) decorrente do acesso ao crédito de tal modo que é determinado por:

$$C = \alpha \cdot W \quad (4.2.24)$$

em que α é a propensão marginal à consumir e é igual à unidade por simplificação. Desse modo, a equação acima pode ser rearranjada nos seguintes termos:

$$C = \omega \cdot Y$$

Já renda disponível (YD) é definida, além dos salários recebidos, pela soma dos lucros distribuídos das firmas e da remuneração dos depósitos à vista descontado o pagamento dos juros hipotecários e dos empréstimos:

$$YD = W + FD + \bar{r}_m \cdot M_{-1} - r_{mo} \cdot MO_{-1} \quad (4.2.25)$$

A poupança das famílias (S_h)⁷, portanto, é a renda disponível subtraída do consumo que, nesta versão mais simplificada, é idêntica aos salários somados ao consumo autônomo:

$$S_h = YD - C \quad (4.2.26)$$

Diferentemente dos modelos SFC convencionais, a poupança das famílias não é idêntica ao seu saldo financeiro líquido (NFW_h)⁸. A razão disso é a inclusão do investimento residencial. Dessa forma,

$$NFW_h = S_f - Ih \quad (4.2.27)$$

Com isso, é possível apresentar as equações que determinam o investimento residencial. Supõe-se que a oferta de imóveis é infinitamente elástica, ou seja, toda a demanda por imóveis é atendida. No entanto, vale mencionar que é uma hipótese temporária e que um dos objetivos desta pesquisa é avaliar o impacto da inflação de ativos que necessita de uma dinâmica de preços (p_h). Formalmente, é preciso que a oferta e demanda se igualem tanto nos fluxos:

$$I_{hs} = Ih \quad (4.2.28)$$

quanto nos estoques em termos reais:

$$K_{HS} = K_{HD} \quad (4.2.29)$$

em que os subscritos S e D denotam oferta e demanda respectivamente. Além disso, a relação entre os fluxos e estoques é contabilmente definida por:

$$\Delta K_{HS} = \Delta K_{HD} = Ih = I_{hs} \quad (4.2.30)$$

Outra hipótese do modelo é de que as famílias se endividam com títulos hipotecários de forma a financiar o investimento residencial. Em outras palavras, o investimento residencial determina o estoque de dívida das famílias:

$$\Delta MO = Ih \quad (4.2.31)$$

⁷A parcela da renda disponível das famílias não consumida é acumulada sob a forma dos depósitos à vista:

$$\Delta M = S_h$$

A equação acima, no entanto, é redundante e não precisa ser especificada.

⁸O modelo é consistente se e somente se a soma dos saldos financeiros líquidos de todos os setores institucionais é nula. Adicionalmente, como as taxas de juros são iguais nesta versão simplificada, tem-se $NFW_b = 0$. Portanto, para que as famílias sejam superavitárias é necessário, por construção, que as firmas sejam deficitárias (e o inverso é válido).

Por fim, tal como no capítulo anterior, considera-se que a taxa de crescimento do investimento residencial (g_Z) é definido pela taxa própria de juros dos imóveis (own) definida por Teixeira (2015):

$$Z = Ih \quad (4.2.32)$$

$$Ih = (1 + g_Z) \cdot Ih_{-1} \quad (4.2.33)$$

$$g_Z = \phi_0 - \phi_1 \cdot own \quad (4.2.34)$$

$$own = \frac{1 + r_{mo}}{1 + Infla} \quad (4.2.35)$$

em que Infla indica a inflação de ativos. Com as equações explicitadas, é possível partir para a solução analítica e para as simulações.

4.3 Solução analítica

Apresentada a estrutura do modelo, resta expor a solução analítica de modo que fiquem explicitadas as condições de estabilidade bem como as relações dinâmicas entre as variáveis. Para obter o nível da renda de longo prazo, basta substituir 4.2.24, 4.2.2 em 4.2.1 para então substituir 4.2.8, 4.2.12 e considerar $I_h = Z$ como em 4.2.32:

$$Y = \left(\frac{1}{1 - \omega - h} \right) Z \quad (4.3.1)$$

Dito isso, resta apresentar o modelo em termos de crescimento. Partindo contribuição dos componentes da demanda para a variação da renda e resolvendo para a taxa de crescimento, obtém-se

$$g = g \cdot \omega + \Delta h + g \cdot h + g_z \cdot \frac{Z}{Y}$$

$$g = \frac{\Delta h}{1 - \omega - h} + g_z \quad (4.3.2)$$

Como indicado anteriormente, a propensão marginal a investir se ajusta de acordo com o princípio do estoque de capital e, dessa forma, quando o grau de utilização convergir ao normal, a taxa de crescimento da economia tende a taxa de crescimento dos gastos autônomos (neste caso, investimento residencial) definida exogenamente.

$$u \rightarrow u_N \Leftrightarrow g \rightarrow g_z \quad (4.3.3)$$

De modo que a propensão marginal a investir necessária é

$$h = \bar{g}_z \frac{\bar{v}}{\bar{u}_N} \quad (4.3.4)$$

que, como mostram Fagundes e Freitas (2017), explicita a relação positiva entre taxa de investimento das firmas e crescimento. Com isso, substituindo 4.3.2 nas equações 4.3.4 e Aux. é possível construir o seguinte sistema de equações:

$$\begin{cases} \dot{u} = \left(\frac{\Delta h}{1-\omega-h} + g_z - \frac{h(t)u(t)}{v} \right) u(t) \\ \dot{h} = \gamma_u (-un + u(t)) h(t) \end{cases}$$

Para fins de simplificação, supões temporariamente um sistema para o tempo contínuo de modo que seja possível construir o seguinte jacobiano em torno do equilíbrio ($u = u_N$ e $h = h^*$):

$$J = \begin{bmatrix} \frac{\partial \dot{h}}{\partial h} & \frac{\partial \dot{h}}{\partial u} \\ \frac{\partial \dot{u}}{\partial h} & \frac{\partial \dot{u}}{\partial u} \end{bmatrix}$$

$$J = \begin{bmatrix} 0 & \frac{g_z \gamma_u v}{un} \\ -\frac{un^2}{v} & -g_z \end{bmatrix} \quad (4.3.5)$$

Seguindo os procedimentos de GANDOLFO, para que um sistema de duas equações seja estável, basta que o determinante de 4.3.5 seja positivo enquanto o traço seja negativo:

$$Det(J) = g_z \gamma_u u_N > 0$$

$$Tr(J) = -g_z < 0$$

uma vez que γ_u e u_N são necessariamente positivos, basta que a condição do traço seja atendida. Diferente de Freitas e Serrano (2015), tal condição não é uma das hipóteses iniciais do modelo e, portanto, requer que a taxa própria obedeça a seguinte desigualdade:

$$own < \frac{\phi_0}{\phi_1} \quad (4.3.6)$$

Além disso, se o sistema é estável em torno do equilíbrio de longo prazo, o grau de utilização deve convergir. Partindo da Eq. Aux., é preciso que a seguinte condição seja atendida:

$$\frac{\partial g}{\partial u} < \frac{\partial g_K}{\partial u}$$

$$-\frac{g_Z \gamma_u v}{\alpha \omega u n + g_Z v - u n} < \frac{g_Z}{u n}$$

reescrivendo, obtém-se

$$\alpha \omega + \frac{g_Z v}{u_N} + \gamma_u \cdot v \quad (4.3.7)$$

Portanto, além do termo em parêntese da Eq. 4.3.1 ser o supermultiplicador, fornece as condições para que o modelo seja estável: A condição anterior, como em Freitas e Serrano (2015), significa que a propensão marginal a gasta (consumir e investir) seja menor que a unidade, caso contrário, vigora-se a lei de Say.

Tal exposição, no entanto, não se distingue da apresentada por Freitas e Serrano (2015) uma vez que formalização é semelhante em que o investimento residencial assume o papel dos gastos autônomos. A principal diferença é que este gasto autônomo também forma o estoque de capital da economia que, diferentemente do capital das firmas, não cria capacidade produtiva. Resta, portanto, explicitar a dinâmica entre este dois estoques de capital distintos, captados por K_k . A equação que define o grau de utilização da capacidade pode ser reescrita como

$$u = \frac{Y \cdot v}{K \cdot (1 - K_k)}$$

Dessa forma, dividir o produto pelo estoque de imóveis é o mesmo que

$$\frac{Y}{K_k \cdot K}$$

multiplicando pela relação técnica (v)

$$\frac{Y}{K_k \cdot K} \cdot v = \frac{Y \cdot v}{K} \cdot \left(\frac{1}{K_k} \right)$$

e multiplicando e dividindo por $1 - K_k$ obtém-se a seguinte relação com o grau de utilização:

$$\frac{Y \cdot v}{K \cdot (1 - K_k)} \cdot \left(\frac{1 - K_k}{K_k} \right) = u \cdot \left(\frac{1 - K_k}{K_k} \right)$$

Portanto,

$$\begin{aligned} Y \frac{v}{K_h} &= u \cdot \left(\frac{1 - K_k}{K_k} \right) \\ u &= Y \frac{v}{K_h} \cdot \left(\frac{K_k}{1 - K_k} \right) \end{aligned}$$

Substituindo as variáveis endógenas de modo a explicitar apenas em termos de parâmetros e variáveis exógenas,

$$u(t) = - \frac{K_k v \left(\phi_0 - \phi_1 \left(-1 + \frac{rm + spread_{mo} + 1}{infla + 1} \right) \right)}{(1 - K_k) \left(\alpha \omega - 1 + \frac{v \left(\phi_0 - \phi_1 \left(-1 + \frac{rm + spread_{mo} + 1}{infla + 1} \right) \right)}{un} \right)}$$

e resolvendo para o longo prazo

$$\frac{K_k}{1 - K_k} = \frac{un(-\alpha\omega(infla + 1) + infla + 1) - v(\phi_0(infla + 1) - \phi_1(-infla + rm + spread_{mo}))}{v(\phi_0(infla + 1) - \phi_1(-infla + rm + spread_{mo}))}$$

Por fim, resolvendo para K_k :

$$K_k = \frac{un(-\alpha\omega(infla + 1) + infla + 1) - v(\phi_0(infla + 1) - \phi_1(-infla + rm + spread_{mo}))}{un(-\alpha\omega(infla + 1) + infla + 1)}$$

$$K_k = 1 - \frac{v\left(\phi_0 - \phi_1\left(-1 + \frac{rm + spread_{mo} + 1}{infla + 1}\right)\right)}{un(-\alpha\omega + 1)} \quad (4.3.8)$$

Cuja forma simplificada é⁹:

$$K_k = 1 - \frac{h^*}{(1 - \alpha \cdot \omega)}$$

A equação 4.3.8 mostra que a participação dos imóveis no estoque de capital total depende positivamente do *spread* bancário da taxa de juros das hipotecas e negativamente do componente autônomo de g_z (ϕ_0), da inflação de ativos (*infla*) e da distribuição dos salários na renda (ω).

Formalmente:

$$\frac{\partial K_k}{\partial \phi_0} = \frac{v}{un(\alpha\omega - 1)} < 0 \quad (4.3.9)$$

$$\frac{\partial K_k}{\partial infla} = \frac{\phi_1 v (rm + spread_{mo} + 1)}{un(infla + 1)^2 (\alpha\omega - 1)} < 0 \quad (4.3.10)$$

$$\frac{\partial K_k}{\partial \omega} = -\frac{\alpha v (\phi_0 (infla + 1) - \phi_1 (-infla + rm + spread_{mo}))}{un(infla + 1) (\alpha\omega - 1)^2} < 0 \quad (4.3.11)$$

$$\frac{\partial K_k}{\partial spread_{mo}} = -\frac{\phi_1 v}{un(infla + 1) (\alpha\omega - 1)} > 0 \quad (4.3.12)$$

Tais resultados, apesar de contra intuitivos, estão em linha com o supermultiplicador sraffiano uma vez que quanto maior g_z , menor será a participação dos gastos autônomos na renda e que mudanças na distribuição (isto é, alterações no multiplicador) terão efeito nível, alterando apenas a composição dos diferentes tipos de estoque de capital.

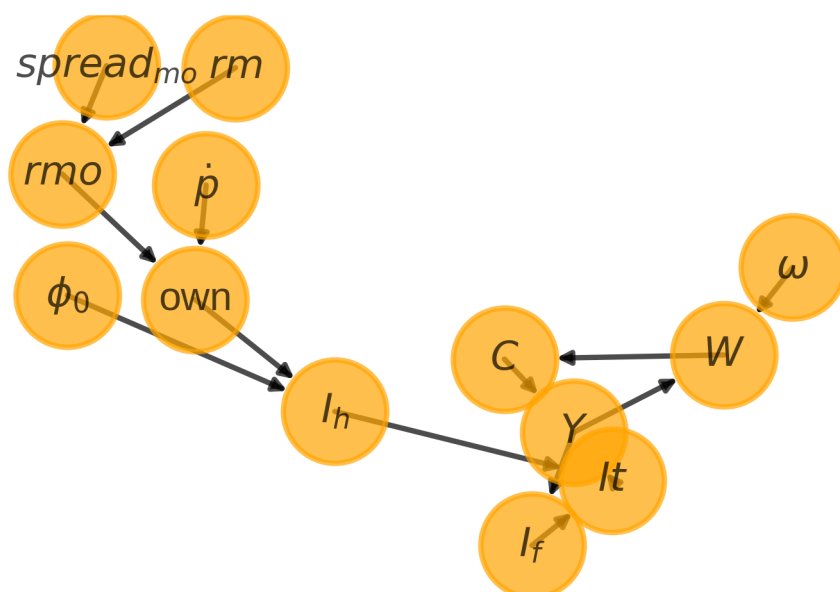
4.4 Simulação e choques

Compreendidas as relações entre as variáveis através da solução analítica, resta simular o modelo. Nas subseções seguintes, são verificados os efeitos dos seguintes choques (i) aumento na

⁹As etapas realizadas podem estão no *script* utilizado.

taxa de crescimento do investimento residencial (ϕ_0 e infla); (ii) aumento na participação dos salários na renda e; (iii) aumento na taxa de juro das hipotecas decorrente de um maior *risk and trouble*. Antes de prosseguir, a figura ilustra a hierarquia de determinação bem como as variáveis que serão alteradas. Os resultados são comparados com um cenário *baseline* representado pela linha tracejada e são apresentados na tabela 7.

Figura 15 – Diagrama representativo do modelo

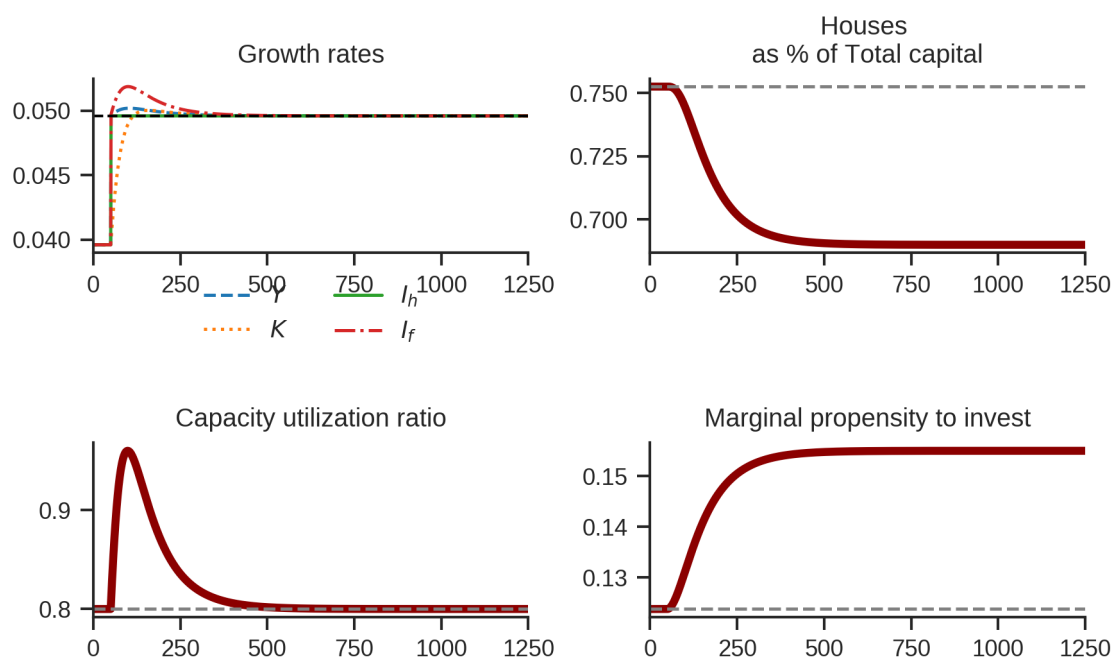


Fonte: Elaboração própria

Aumento na taxa de crescimento do investimento residencial

Um aumento da taxa de crescimento dos gastos autônomos (seja por um aumento em ϕ_0 ou na inflação de ativos) significa uma maior taxa de crescimento da demanda que inicialmente implica um maior grau de utilização da capacidade produtiva. Em seguida, de acordo com o princípio do ajuste do estoque de capital, as firmas revisam seus planos de investimento e, conseqüentemente, alteram a propensão marginal a investir de forma que o grau de utilização se ajuste lenta e gradualmente ao desejado. A mudança da propensão marginal a investir faz com que temporariamente a economia cresça mais rápido que os gastos autônomos. Ao fim dos processos de ajustamento: a (i) taxa de crescimento da economia converge a taxa dos gastos autônomos; (ii) a propensão marginal a investir é permanentemente mais elevada em relação ao *baseline*; (iii) grau de utilização converge ao normal.

Figura 16 – Efeito de um aumento no componente autônomo



Fonte: Elaboração própria

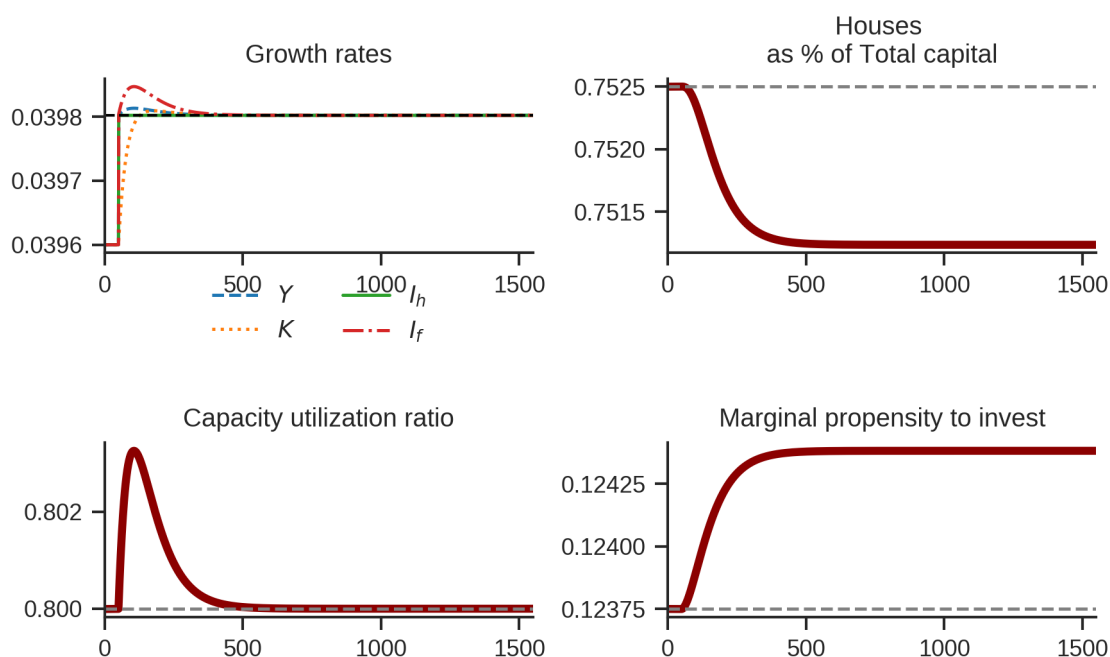
Tais resultados estão de acordo com a literatura do supermultiplicador sraffiano e explicitados nas figura 16 e 17 a seguir. A especificidade deste modelo, como destacado, é a existência de dois tipos de estoques de capital uma vez que as famílias também investem. Um resultado que pode parecer contraintuitivo é que uma maior taxa de crescimento do investimento residencial tem como resultado uma redução da sua participação *real* no estoque de capital total (isto é, um aumento de K_k). Adicionalmente, verifica-se um aumento na participação nominal dos imóveis na presença de inflação.

Aumento da participação dos salários na renda

O aumento no *wage-share* gera efeitos positivos sobre a taxa de crescimento da economia e também sobre o grau de utilização, conforme mostra a figura 18. No entanto, tais efeitos são temporários uma vez que a taxa de crescimento dos gastos autônomos não é alterada. Com isso temos que: (i) o aumento na propensão marginal a investir é temporário e retorna ao valor do *baseline*; (ii) grau de utilização converge ao normal mais rapidamente em relação ao choque anterior.

Por fim, apesar do efeito sobre a taxa de crescimento ser temporário, tem efeitos persis-

Figura 17 – Efeito de um aumento da inflação de imóveis



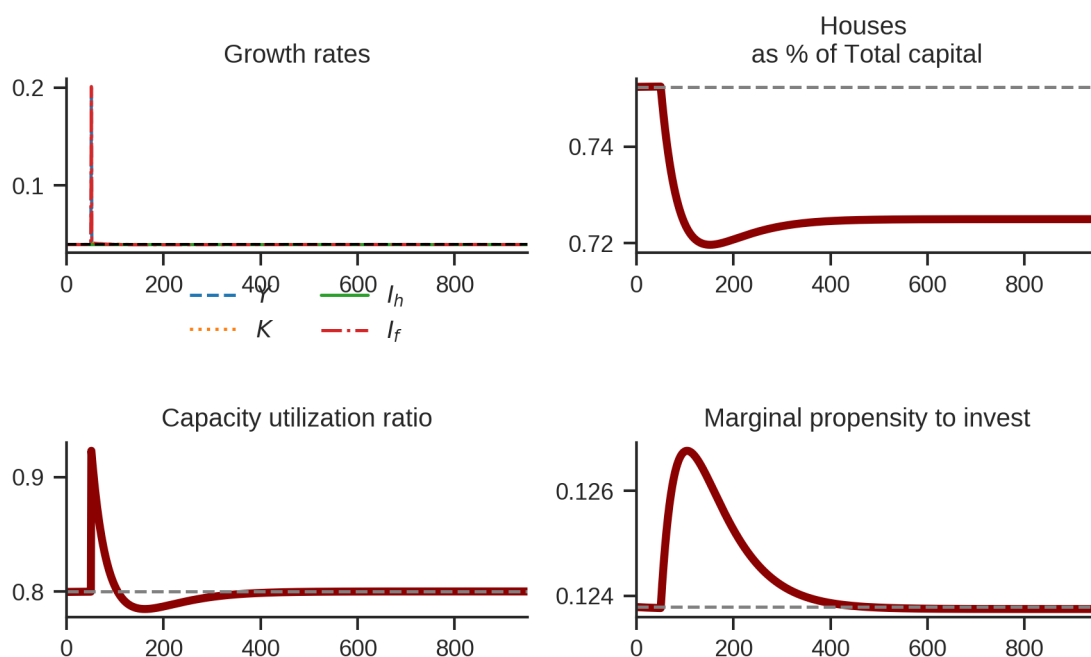
Fonte: Elaboração própria

tentes sobre a participação do capital das firmas no estoque total de capital da economia. Tal resultado decorre da maior taxa de acumulação no início do choque uma vez que a taxa de crescimento do investimento residencial é mantida constante.

Aumento da taxa de juros

Um aumento da taxa de juros hipotecária, ao impactar a taxa própria, possui efeitos sobre a taxa de crescimento mas não sobre o grau de utilização da economia (figura 19). Como resultado da menor taxa de crescimento do investimento residencial, a propensão marginal a investir subreage (*overshooting* negativo) de tal modo que a participação dos imóveis no total do estoque de capital aumenta. Além disso, vale mencionar o maior comprometimento da renda das famílias com pagamento dos juros hipotecários que não é acompanhado de um maior rendimento dos depósitos uma vez que está associado ao aumento do *risk and trouble* e não da taxa básica de juros da economia.

Figura 18 – Efeito de uma redistribuição de renda a favor dos salários



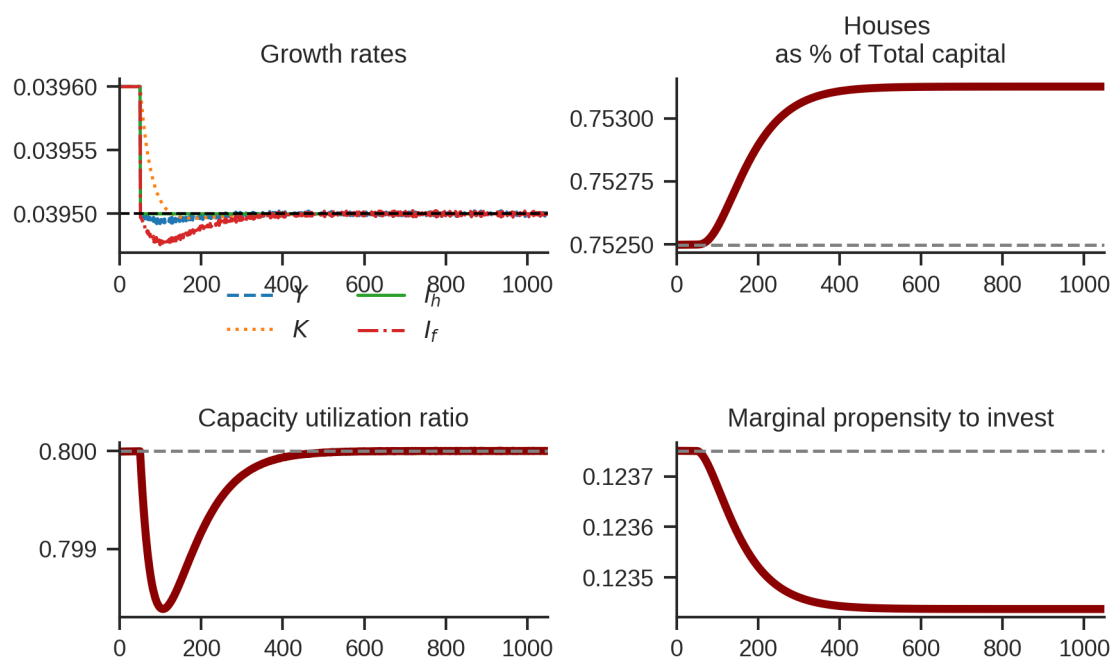
Fonte: Elaboração própria

4.5 Conclusões preliminares: Rumo a endogeneização dos preços

Esta pesquisa pretende contribuir para a literatura de crescimento liderado pela demanda do modelo do supermultiplicador sraffiano, levando em consideração o esforço recente de incorporá-lo em um arcabouço contábil do tipo SFC. A característica específica do modelo aqui apresentado é a inclusão do investimento residencial. A introdução desse gasto tem como objetivo dar conta dos resultados de alguns trabalhos empíricos recentes que mostram a importância do investimento residencial para dinâmica macroeconômica e, como visto anteriormente, nenhum trabalho ainda havia incorporado esse gasto específico.

O modelo reproduz as principais características do supermultiplicador sraffiano: (i) o grau de utilização converge ao grau normal, por meio de variações da propensão marginal a investir das firmas e; (ii) a taxa de crescimento da economia segue a taxa de crescimento dos gastos autônomos – nesse caso, o investimento residencial. A primeira diferença do presente modelo é que o estoque de capital fixo da economia passa a ter dois componentes, o capital produtivo das firmas e os imóveis das famílias.

Figura 19 – Efeito de Aumento na taxa de juros das hipotecas



Fonte: Elaboração própria

Como visto nas simulações, o principal resultado particular deste modelo é que uma maior taxa de crescimento do investimento residencial tem como consequência uma redução da participação do estoque de imóveis no capital total. Tal resultado, aparentemente contra intuitivo, se deve ao ajuste do estoque de capital das firmas. Para que o grau efetivo de utilização da capacidade convirja ao grau normal, o investimento das firmas precisa temporariamente crescer mais rápido que investimento residencial, alterando, portanto, a relação entre os dois estoques.

Os outros dois experimentos trazem resultados em linha com o supermultiplicador sraffiano. O aumento da participação dos salários na renda não afeta a taxa de crescimento de longo prazo e, portanto, não afeta a propensão marginal a investir de forma permanente. Porém, por alterar o tamanho do supermultiplicador, aumenta a participação do capital produtivo no capital total. O aumento da taxa de juros, por sua vez, tem um efeito tanto sobre a taxa de crescimento de longo prazo quanto sobre o endividamento das famílias em relação à renda disponível.

É importante destacar que este trabalho é apenas o primeiro passo numa agenda de pesquisa mais ampla sobre o papel do investimento residencial no ciclo e no crescimento econômico. Pesquisas futuras podem (e devem) tornar o modelo aqui apresentado mais complexo. Possíveis extensões incluem explorar os determinantes do investimento residencial, para levar em consideração

Tabela 7 – Resumo das simulações

	Base scenario	$\Delta\phi_0$	$\Delta\omega$	Δrm	Δ Infla
α	1,000	1,0000	1,000	1,000	1,000
gz	0,040	0,0496	0,040	0,040	0,040
γ_F	0,400	0,4000	0,400	0,400	0,400
γ_u	0,010	0,0100	0,010	0,010	0,010
gk	0,040	0,0496	0,040	0,040	0,040
h	0,124	0,1550	0,124	0,123	0,124
$infla$	0,000	0,0000	0,000	0,000	0,010
ω	0,500	0,5000	0,550	0,500	0,500
own	0,020	0,0200	0,020	0,025	0,010
ph	1,000	1,0000	1,000	1,000	3034315,070
ϕ_0	0,040	0,0500	0,040	0,040	0,040
ϕ_1	0,020	0,0200	0,020	0,020	0,020
rl	0,020	0,0200	0,020	0,020	0,020
rm	0,020	0,0200	0,020	0,020	0,020
rmo	0,020	0,0200	0,020	0,025	0,020
$spread_l$	0,000	0,0000	0,000	0,000	0,000
$spread_{mo}$	0,000	0,0000	0,000	0,005	0,000
u	0,800	0,8000	0,800	0,800	0,800
un	0,800	0,8000	0,800	0,800	0,800
v	2,500	2,5000	2,500	2,500	2,500

Fonte: Elaboração própria

o efeito de bolhas de preços dos imóveis no comportamento da demanda agregada, e acrescentar o consumo de duráveis, que alguns trabalhos empíricos apontam como fortemente influenciados pela dinâmica imobiliária.

Referências

- AALBERS, M. B. The Financialization of Home and the Mortgage Market Crisis. en. **Competition & Change**, v. 12, n. 2, p. 148–166, 2008. DOI: 10.1179/102452908X289802.
- ALHOWAISH, A. K. Causality between the Construction Sector and Economic Growth: The Case of Saudi Arabia. en. **International Real Estate Review**, p. 17, 2015.
- ALLAIN, O. Macroeconomic effects of consumer debt: three theoretical essays. en, 2014.
- _____. Tackling the instability of growth: a Kaleckian-Harrodian model with an autonomous expenditure component. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 39, n. 5, p. 1351–1371, 2015. DOI: 10.1093/cje/beu039.
- _____. Demographic growth, Harrodian (in)stability and the supermultiplier. en. **Cambridge Journal of Economics**, 2018. DOI: 10.1093/cje/bex082.
- ÁLVAREZ, L. J.; CABRERO, A. Does Housing Really Lead the Business Cycle in Spain? In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 61–84. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_4.
- AMADEO, E. **Expectations in a steady state model of capacity utilization**. 1987.
- AMADEO, E. J. The role of capacity utilization in long-period analysis. **Political Economy**, v. 2, n. 2, p. 147–160, 1986.
- ANDREWS, D. **Real House Prices in OECD Countries: The Role of Demand Shocks and Structural and Policy Factors**. en. 2010. DOI: 10.1787/5km33bqzhbzb-en.
- ARESTIS, P.; GONZALEZ-MARTINEZ, A. R. Economic precariousness: A new channel in the housing market cycle. en. **International Journal of Finance & Economics**, v. 24, n. 2, p. 1030–1043, 2019. DOI: 10.1002/ijfe.1716.
- ARESTIS, P.; GONZÁLEZ-MARTÍNEZ, A. R. **Residential Construction Activity in OECD Economies**. en. Rochester, NY, 2015.
- ARESTIS, P.; HOWELLS, P. Theoretical reflections on endogenous money: the problem with ‘convenience lending’. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 20, n. 5, p. 539–551, 1996. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a013633.
- ARESTIS, P.; KARAKITSOS, E. The U.S. housing slump and the consumer. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, p. 335–352, abr. 2008. DOI: 10.2753/PKE0160-3477300302.

- ARESTIS, P.; SAWYER, M. The Effectiveness of Fiscal Policy in the Levy Institute's Stock-flow Model. In: CONTRIBUTIONS in Stock-flow Modeling. Springer, 2012. p. 300–320.
- ARKU, G. The housing and economic development debate revisited: economic significance of housing in developing countries. en. **Journal of Housing and the Built Environment**, v. 21, n. 4, p. 377–395, 2006. DOI: 10.1007/s10901-006-9056-3.
- ARRONDEL, L.; SAVIGNAC, F. Housing and Portfolio Choices in France. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 337–356. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_15.
- ASCARI, G.; PECORA, N.; SPELTA, A. Booms And Busts In A Housing Market With Heterogeneous Agents. en. **Macroeconomic Dynamics**, v. 22, n. 7, p. 1808–1824, 2018. DOI: 10.1017/S1365100516000882.
- ASIMAKOPULOS, A. Kalečki and Keynes on finance, investment and saving. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 7, n. 3-4, p. 221–233, 1983. DOI: 10.1093/cje/7.3-4.221.
- ATESOGLU, H. S. Balance-of-Payments-Constrained Growth: Evidence from the United States. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 15, n. 4, p. 507–514, 1993.
- AYUSO, J.; RESTOY, F. **House Prices and Rents in Spain: Does the Discount Factor Matter?** en. Rochester, NY, 2006.
- BANDT, O. DE; BARHOUMI, K.; BRUNEAU, C. The International Transmission of House Price Shocks. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 129–158. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_7.
- BARANZINI, M.; MIRANTE, A. The Cambridge Post-Keynesian School of Income and Wealth Distribution. In: HARCOURT, C. G.; KRIESLER, P. (Ed.). **The Oxford Handbook of Post-Keynesian Economics, Volume 1: Theory and Origins**. 2013.
- BARBA, A.; PIVETTI, M. Rising household debt: Its causes and macroeconomic implications - A long-period analysis. **Cambridge Journal of Economics**, 2009.
- BASSANETTI, A.; ZOLLINO, F. The Effects of Housing and Financial Wealth on Personal Consumption: Aggregate Evidence for Italian Households. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 307–336. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_14.
- BÉRTOLA, L.; HIGACHI, H.; PORCILE, G. Balance-of-payments-constrained growth in Brazil: a test of Thirlwall's Law, 1890-1973. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 25, n. 1, p. 123–140, jan. 2002. DOI: 10.1080/01603477.2002.11051348.

- BHADURI, A.; MARGLIN, S. Unemployment and the Real Wage: The Economic Basis for Contesting Political Ideologies. **Cambridge Journal of Economics**, v. 14, n. 4, p. 375–93, 1990.
- BIBOW, J. **Financialization of the US household sector: The "subprime mortgage crisis" in US and global perspective**. 2010.
- BLECKER, R. A. **Distribution, Demand and Growth in Neo-Kaleckian Macro-Models: Challenging the Supply-side Vision of the Long Run**. Edward Elgar Publishing, 2002.
- _____. Wage-led versus profit-led demand regimes: the long and the short of it. en. **Review of Keynesian Economics**, v. 4, n. 4, p. 373–390, 2016. DOI: 10.4337/roke.2016.04.02.
- BORTIS, H. **Institutions, Behaviour and Economic Theory: A Contribution to Classical-Keynesian Political Economy**. Cambridge England ; New York: Cambridge University Press, 1997.
- BOX, G. E. P.; COX, D. R. An Analysis of Transformations. en, p. 43, 1964.
- BRAGA, J. **Investment Rate, Growth and Accelerator Effect in the Supermultiplier Model: the case of Brazil**. 2018.
- BROCHIER, L.; MACEDO E SILVA, A. C. A supermultiplier Stock-Flow Consistent model: the “return” of the paradoxes of thrift and costs in the long run? en. **Cambridge Journal of Economics**, 2018. DOI: 10.1093/cje/bey008.
- BURNSIDE, C.; EICHENBAUM, M.; REBELO, S. Understanding booms and busts in housing markets. **Journal of Political Economy**, v. 124, n. 4, p. 1088–1147, 2016.
- CAMPBELL, B. O. Long Swings in Residential Construction: The Postwar Experience. **The American Economic Review**, v. 53, n. 2, p. 508–518, 1963.
- CARVALHO, L.; REZAI, A. Personal income inequality and aggregate demand. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 40, n. 2, p. 491–505, 2016. DOI: 10.1093/cje/beu085.
- CASE, K. E.; SHILLER, R. J.; QUIGLEY, J. M. **Comparing Wealth Effects: The Stock Market Versus the Housing Market**. 2001. DOI: 10.3386/w8606.
- CAVERZASI, E.; GODIN, A. Stock-Flow Consistent Modeling Through the Ages. en. **SSRN Electronic Journal**, 2013. DOI: 10.2139/ssrn.2196498.
- CESARATTO, S. Neo-Kaleckian and Sraffian Controversies on the Theory of Accumulation. en. **Review of Political Economy**, v. 27, n. 2, p. 154–182, 2015. DOI: 10.1080/09538259.2015.1010708.
- CESARATTO, S.; SERRANO, F.; STIRATI, A. Technical Change, Effective Demand and Employment. en. **Review of Political Economy**, v. 15, n. 1, p. 33–52, 2003. DOI: 10.1080/09538250308444.
- CHAUVIN, V.; DAMETTE, O. Wealth Effects on Private Consumption: the French Case. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 263–282. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_12.

- CICCONE, R. Accumulation and Capacity Utilization: Some Critical Considerations on Joan Robinson's Theory of Distribution. In: BHARADWAJ, K.; SCHEFOLD, B. (Ed.). **Essays on Piero Sraffa: Critical Perspectives on the Revival of Classical Theory**. 1. ed.: Routledge, 2017. DOI: 10.4324/9781315386942.
- COMMITTERI, M. Capacity utilization, distribution and accumulation: a rejoinder to Amadeo. **Political Economy**, v. 3, n. 1, p. 91–95, 1987.
- DA SILVEIRA, G. P. **Política fiscal e(m) Grande Recessão: uma análise com Consistência entre Fluxos e Estoques**. 2017. Unicamp, Campinas - SP. Monografia.
- DALLERY, T. Kaleckian models of growth and distribution revisited: evaluating their relevance through simulations. In: TH conference of the Research Network Macroeconomics and Macroeconomic Policies, Berlin. Citeseer, 2007.
- DALLERY, T.; VAN TREECK, T. Conflicting claims and equilibrium adjustment processes in a stock-flow consistent macroeconomic model. **Review of Political Economy**, v. 23, n. 2, p. 189–211, 2011.
- DEJUÁN, Ó. Hidden links in the warranted rate of growth: the supermultiplier way out. en. **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 24, n. 2, p. 369–394, 2017. DOI: 10.1080/09672567.2016.1186201.
- DELEIDI, M.; MAZZUCATO, M. **Mission-Oriented Innovation Policies: A theoretical and empirical assessment for the US economy**. 2019.
- DIPASQUALE, D. Why Don't We Know More About Housing Supply? en. **The Journal of Real Estate Finance and Economics**, v. 18, n. 1, p. 9–23, 1999. DOI: 10.1023/A:1007729227419.
- DOS SANTOS, C. H.; MACEDO E SILVA, A. C. Revisiting (and Connecting) Marglin-Bhaduri and Minsky: An SFC Look at Financialization and Profit-Led Growth. en. **SSRN Electronic Journal**, 2009. DOI: 10.2139/ssrn.1420769.
- _____. Revisiting 'New Cambridge': The Three Financial Balances in a General Stock-Flow Consistent Applied Modeling Strategy. en. **SSRN Electronic Journal**, 2010. DOI: 10.2139/ssrn.1605152.
- DOS SANTOS, C. H. Keynesian theorising during hard times: stock-flow consistent models as an unexplored 'frontier' of Keynesian macroeconomics. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 30, n. 4, p. 541–565, jul. 2006. DOI: 10.1093/cje/bei069.
- DOW, S. C. Horizontalism: a critique. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 20, n. 4, p. 497–508, 1996. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a013629.
- DUCA, J. V.; ROSENTHAL, S. S. An empirical test of credit rationing in the mortgage market. **Journal of Urban Economics**, v. 29, n. 2, p. 218–234, mar. 1991. DOI: 10.1016/0094-1190(91)90016-Z.

DUMÉNIL, G.; LÉVY, D. Being Keynesian in the short term and classical in the long term: The traverse to classical long-term equilibrium. **The Manchester School**, v. 67, n. 6, p. 684–716, 1999.

DUTT, A. K. Stagnation, income distribution and monopoly power. **Cambridge Journal of Economics**, v. 8, p. 25–40, 1984.

_____. **Growth, distribution, and uneven development**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1990.

_____. Dependence And Hysteresis In Post Keynesian Models. **Markets, Unemployment, and Economic Policy**, v. 2, p. 238, 1997.

_____. Equilibrium, stability and path dependence in post-Keynesian models of economic growth. **Production, Distribution and Trade: Alternative Perspectives**, v. 114, p. 233, 2010.

_____. Some observations on models of growth and distribution with autonomous demand growth: XXXX. en. **Metroeconomica**, 2018. DOI: 10.1111/meca.12234.

ENGLE, R. F.; GRANGER, C. W. J. Co-Integration and Error Correction: Representation, Estimation, and Testing. **Econometrica**, v. 55, n. 2, p. 251–276, 1987. DOI: 10.2307/1913236.

FAGUNDES, L. **Dinâmica Do Consumo, Do Investimento E O Supermultiplicador: Uma Contribuição À Teoria Do Crescimento Liderado Pela Demanda**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FAGUNDES, L.; FREITAS, F. The Role of Autonomous Non-Capacity Creating Expenditures in Recent Kaleckian Growth Models: an Assessment from the Perspective of the Sraffian Supermultiplier Model. en. In: ANAIS do X Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira. Brasília, 2017. p. 24.

FERRARA, L.; KOOPMAN, S. J. Common Business and Housing Market Cycles in the Euro Area from a Multivariate Decomposition. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 105–128. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_6.

FERRARA, L.; VIGNA, O. Cyclical Relationships Between GDP and Housing Market in France: Facts and Factors at Play. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 39–60. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_3.

FIEBIGER, B. Semi-autonomous household expenditures as the causa causans of postwar US business cycles: the stability and instability of Luxemburg-type external markets. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 42, n. 1, p. 155–175, 2018. DOI: 10.1093/cje/bex019.

- FIEBIGER, B.; LAVOIE, M. Trend and business cycles with external markets: Non-capacity generating semi-autonomous expenditures and effective demand. en. **Metroeconomica**. DOI: 10.1111/meca.12192.
- FLEISCHMANN, B.; FRITZ, C.; SEBASTIAN, S. Real Estate, Stocks, and Bonds as a Deflation Hedge. en. **International Real Estate Review**, p. 26, 2019.
- FLEMING, M. C. Review of Building Cycles and Britain's Growth. **The Economic History Review**, v. 19, n. 2, p. 435–436, 1966. DOI: 10.2307/2592282.
- FREITAS, F.; DWECK, E. The Pattern of Economic Growth of the Brazilian Economy 1970–2005: A Demand-Led Growth Perspective. In: LEVRERO, E. S.; PALUMBO, A.; STIRATI, A. (Ed.). **Sraffa and the Reconstruction of Economic Theory: Volume Two: Aggregate Demand, Policy Analysis and Growth**. London: Palgrave Macmillan UK, 2013. p. 158–191. DOI: 10.1057/9781137319166_8.
- FREITAS, F.; SERRANO, F. Growth Rate and Level Effects, the Stability of the Adjustment of Capacity to Demand and the Sraffian Supermultiplier. en. **Review of Political Economy**, v. 27, n. 3, p. 258–281, 2015. DOI: 10.1080/09538259.2015.1067360.
- GAREGNANI, P. Some Notes for an Analysis of Accumulation. In: HALEVI, J.; LAIBMAN, D.; NELL, E. J. (Ed.). **Beyond the Steady State: A Revival of Growth Theory**. London: Palgrave Macmillan UK, 1992. p. 47–71. DOI: 10.1007/978-1-349-10950-0_3.
- _____. The Problem of Effective Demand in Italian Economic Development: On the Factors that Determine the Volume of Investment. en. **Review of Political Economy**, v. 27, n. 2, p. 111–133, 2015. DOI: 10.1080/09538259.2015.1026096.
- GIRARDI, D.; PARIBONI, R. **Autonomous demand and economic growth:some empirical evidence**. en. 2015.
- _____. Long-run Effective Demand in the US Economy: An Empirical Test of the Sraffian Supermultiplier Model. en. **Review of Political Economy**, v. 28, n. 4, p. 523–544, 2016. DOI: 10.1080/09538259.2016.1209893.
- _____. **Autonomous Demand and the Investment Share**. 2018a.
- _____. **Normal utilization as the adjusting variable in Neo-Kaleckian growth models : a critique**. en. 2018b.
- GLAESER, E. L.; GYOURKO, J.; SAIZ, A. Housing supply and housing bubbles. **Journal of urban Economics**, v. 64, n. 2, p. 198–217, 2008.
- GODLEY, W. Money and credit in a Keynesian model of income determination. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 23, n. 4, p. 393–411, 1999a. DOI: 10.1093/cje/23.4.393.

- GODLEY, W.; LAVOIE, M. Fiscal policy in a stock-flow consistent (SFC) model. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 1, p. 79–100, 2007a. DOI: 10.2753/pke0160-3477300104.
- GODLEY, W. **Seven Unsustainable Processes**. 1999b.
- GODLEY, W.; LAVOIE, M. A simple model of three economies with two currencies: the eurozone and the USA. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 31, n. 1, p. 1–23, 2007b. DOI: 10.1093/cje/be1010.
- _____. **Monetary Economics: An Integrated Approach to Credit, Money, Income, Production and Wealth**. 2007c.
- GOES, M. C. B.; MORAES, V. D.; GALLO, E. The Supermultiplier Model and the Role of Autonomous Demand: An Empirical Test for European Countries. In:
- GREEN, B.; SHAHEEN, F. **Economic inequality and house prices in the UK**. en. 2014. p. 33.
- GREEN, R. Follow the Leader: How Changes in Residential and Non-residential Investment Predict Changes in GDP. en. **Real Estate Economics**, v. 25, n. 2, p. 253–270, 1997.
- HARDMAN, A.; IOANNIDES, Y. M. Neighbors' income distribution: economic segregation and mixing in US urban neighborhoods. **Journal of Housing Economics**, v. 13, n. 4, p. 368–382, 2004. DOI: 10.1016/j.jhe.2004.09.003.
- HARROD, R. F. An Essay in Dynamic Theory. en. **The Economic Journal**, v. 49, n. 193, p. 14, 1939. DOI: 10.2307/2225181.
- HEIN, E. **Finance-Dominated Capitalism, Re-Distribution, Household Debt and Financial Fragility in a Kaleckian Distribution and Growth Model**. en. Rochester, NY, 2012.
- _____. Autonomous government expenditure growth, deficits, debt, and distribution in a neo-Kaleckian growth model. en. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 41, n. 2, p. 316–338, 2018. DOI: 10.1080/01603477.2017.1422389.
- HEIN, E.; LAVOIE, M.; TREECK, T. VAN. HARRODIAN INSTABILITY AND THE 'NORMAL RATE' OF CAPACITY UTILIZATION IN KALECKIAN MODELS OF DISTRIBUTION AND GROWTH-A SURVEY: Harroddian Instability in Kaleckian Models. en. **Metroeconomica**, v. 63, n. 1, p. 139–169, 2012. DOI: 10.1111/j.1467-999X.2010.04106.x.
- HICKS, J. **A contribution to the theory of the trade cycle**. Oxford: At the Clarendon Press, 1950. OCLC: 604424643.
- HOLLY, S.; JONES, N. House prices since the 1940s: Cointegration, demography and asymmetries. en. **Economic Modelling**, v. 14, n. 4, p. 549–565, 1997. DOI: 10.1016/S0264-9993(97)00009-6.
- HUANG, Y. et al. Is Housing the Business Cycle? A Multi-resolution Analysis for OECD Countries. en, p. 49, 2018. No prelo.

- IACOVIELLO, M. Housing in DSGE Models: Findings and New Directions. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 3–16. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_1.
- JACKMAN, M. Investigating the Relationship between Residential Construction and Economic Growth in a Small Developing Country: The Case of Barbados. en. **International Real Estate Review**, p. 8, 2010.
- JOHANSEN, S. Estimation and Hypothesis Testing of Cointegration Vectors in Gaussian Vector Autoregressive Models. **Econometrica**, v. 59, n. 6, p. 1551–1580, 1991. DOI: 10.2307/2938278.
- JORDÀ, Ò.; SCHULARICK, M.; TAYLOR, A. M. **The Great Mortgaging: Housing Finance, Crises, and Business Cycles**. 2014. DOI: 10.3386/w20501.
- KALDOR, N. Alternative Theories of Distribution. en. **The Review of Economic Studies**, v. 23, n. 2, p. 83, 1955. [1956]. DOI: 10.2307/2296292.
- _____. A Model of Economic Growth. **The Economic Journal**, v. 67, n. 268, p. 591–624, 1957.
- KALECKI, M. **Theory of economic dynamics**. Routledge, 1954.
- KEYNES, J. M. **The general theory of employment, interest, and money**. New York/London: Harcourt Brace Jovanovich, 1936.
- KRAKSTAD, S. O. Long-Run Movements in House Prices. en. **International Real Estate Review**, p. 26, 2015.
- KURZ, H. D. Normal positions and capital utilization. **Political Economy**, v. 2, n. 1, p. 37–54, 1986.
- KURZ, H. D.; SALVADORI, N. The post-Keynesian theories of growth and distribution: a survey. **Handbook of Alternative Theories of Economic Growth**, v. 95, 2010.
- LAVOIE, M. Note and comment. The credit-led supply of deposits and the demand for money: Kaldor's reflux mechanism as previously endorsed by Joan Robinson. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 23, n. 1, p. 103–113, 1999. DOI: 10.1093/cje/23.1.103.
- LAVOIE, M. The Kaleckian model of growth and distribution and its neo-Ricardian and neo-Marxian critiques. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 19, n. 6, p. 789–818, 1995. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a035341.
- _____. **Post-Keynesian economics: new foundations**. Paperback ed. reprinted with amendments. Cheltenham: Elgar, 2015. OCLC: 906071686.
- _____. Convergence Towards the Normal Rate of Capacity Utilization in Neo-Kaleckian Models: The Role of Non-Capacity Creating Autonomous Expenditures. en. **Metroeconomica**, v. 67, n. 1, p. 172–201, 2016. DOI: 10.1111/meca.12109.

- LAVOIE, M. The origins and evolution of the debate on wage-led and profit-led regimes. **European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention**, v. 14, n. 2, p. 200–221, 2017. DOI: 10.4337/ejeep.2017.02.04.
- LEAMER, E. E. **Housing IS the Business Cycle**. 2007. DOI: 10.3386/w13428.
- _____. Housing Really Is the Business Cycle: What Survives the Lessons of 2008–09? en. **Journal of Money, Credit and Banking**, v. 47, S1, p. 43–50, 2015.
- LEUNG, C. Macroeconomics and housing: a review of the literature. en. **Journal of Housing Economics**, v. 13, n. 4, p. 249–267, 2004. DOI: 10.1016/j.jhe.2004.09.002.
- LI, V. E.; CHANG, C.-Y. The cyclical behavior of household and business investment in a cash-in-advance economy. en. **Journal of Economic Dynamics and Control**, v. 28, n. 4, p. 691–706, 2004. DOI: 10.1016/S0165-1889(03)00040-X.
- LI, Y.; YANG, J. House Price Dynamics and Excess Risk. en. **International Real Estate Review**, p. 24, 2018.
- LIMA, G.; MEIRELLES, A. Macrodynamics of debt regimes, financial instability and growth. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 31, n. 4, p. 563–580, 2007. DOI: 10.1093/cje/be1042.
- LINNEMAN, P.; WACHTER, S. The Impacts of Borrowing Constraints on Homeownership. en. **Real Estate Economics**, v. 17, n. 4, p. 389–402, dez. 1989. DOI: 10.1111/1540-6229.00499.
- LIU, Z.; MIAO, J.; ZHA, T. **Land Prices and Unemployment**. 2013. DOI: 10.3386/w19382.
- MACEDO E SILVA, A. C.; DOS SANTOS, C. H. Peering over the edge of the short period? The Keynesian roots of stock-flow consistent macroeconomic models. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 35, n. 1, p. 105–124, 2011. DOI: 10.1093/cje/bep083.
- MANDARINO, G. V. **Financing of investment and consumption: three essays**. 2018. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas.
- MARGLIN, S. A. Foundation for the Cambridge saving function. In: *GROWTH, Distribution, and Prices*. Harvard University Press, 1984. Google-Books-ID: ruIjuKgzoL4C.
- MCCOMBIE, J. S. L. On the Empirics of Balance-of-Payments-Constrained Growth. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 19, n. 3, p. 345–375, 1997.
- MEDICI, F. A Cointegration Analysis on the Principle of Effective Demand in Argentina (1980-2007), jan. 2011.
- MESSORI, M. Financing in Kalecki's theory. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 15, n. 3, p. 301–313, 1991. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a035172.

- MILES, W. Bubbles, Busts and Breaks in UK Housing. en. **International Real Estate Review**, p. 18, 2015.
- MILLER, N. G.; SKLARZ, M. A.; THIBODEAU, T. G. The Impact of Interest Rates and Employment on Nominal Housing Prices. en. **International Real Estate Review**, p. 17, 2005.
- MILLS, E. S. Has the United States Overinvested in Housing? **Real Estate Economics**, v. 15, n. 1, p. 601–616, 1987.
- MOREIRA, V. G.; SERRANO, F. Demanda efetiva no longo prazo e no processo de acumulação: o debate sraffiano a partir do projeto de Garegnani (1962). pt. **Economia e Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 30, 2018.
- MORENO-BRID, J. C. Mexico's Economic Growth and the Balance of Payments Constraint: A cointegration analysis. **International Review of Applied Economics**, v. 13, n. 2, p. 149–159, mai. 1999. DOI: 10.1080/026921799101634.
- NAH, W. J.; LAVOIE, M. Long-run convergence in a neo-Kaleckian open-economy model with autonomous export growth. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 40, n. 2, p. 223–238, 2017. DOI: 10.1080/01603477.2016.1262745.
- _____. The role of autonomous demand growth in a neo-Kaleckian conflicting-claims framework'. en. **Structural Change and Economic Dynamics**, s0954349x17302606, 2019. DOI: 10.1016/j.strueco.2019.02.001.
- NIKIFOROS, M. On the 'utilisation controversy': a theoretical and empirical discussion of the Kaleckian model of growth and distribution. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 40, n. 2, p. 437–467, 2016. Primeira edição de 2012. DOI: 10.1093/cje/beu076.
- _____. **Some Comments on the Sraffian Supermultiplier Approach to Growth and Distribution**. en. 2018. p. 23.
- NIKIFOROS, M.; FOLEY, D. K. Distribution and Capacity Utilization: Conceptual Issues and Empirical Evidence. en. **Metroeconomica**, v. 63, n. 1, p. 200–229, 2012. DOI: 10.1111/j.1467-999X.2011.04145.x.
- OFORI, G.; HAN, S. S. Testing hypotheses on construction and development using data on China's provinces, 1990–2000. **Habitat International**, v. 27, n. 1, p. 37–62, 2003. DOI: 10.1016/S0197-3975(02)00034-6.
- ONARAN, O.; GALANIS, G. Is Aggregate Demand Wage-led or Profit-led? A Global Model. In: LAVOIE, M.; STOCKHAMMER, E. (Ed.). **Wage-led Growth: An Equitable Strategy for Economic Recovery**. London: Palgrave Macmillan UK, 2013. (Advances in Labour Studies). p. 71–99. DOI: 10.1057/9781137357939_4.

- ÖZMEN, M. U.; KALAFATCILAR, M. K.; YILMAZ, E. The impact of income distribution on house prices. **Central Bank Review**, 2019. DOI: 10.1016/j.cbrev.2019.05.001.
- PALLEY, T. Inside Debt and Economic Growth: A Neo-Kaleckian Analysis. In: **HANDBOOK of Alternative Theories of Economic Growth**. Edward Elgar Publishing, 2010. p. 293–308.
- _____. The economics of the super-multiplier: A comprehensive treatment with labor markets. **Metroeconomica**, 2018. DOI: 10.1111/meca.12228.
- PALLEY, T. Inside debt, aggregate demand, and the Cambridge theory of distribution. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 20, n. 4, p. 465–474, 1996. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a013627.
- _____. Money, fiscal policy and the Cambridge theorem. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 21, n. 5, p. 633–639, 1997. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a013690.
- _____. Financial institutions and the Cambridge theory of distribution. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 26, n. 2, p. 275–277, 2002. DOI: 10.1093/cje/26.2.275.
- _____. Wage- vs. profit-led growth: the role of the distribution of wages in determining regime character. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 41, n. 1, p. 49–61, 2017. DOI: 10.1093/cje/bew004.
- PALUMBO, A.; TREZZINI, A. Growth without normal capacity utilization. en. **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 10, n. 1, p. 109–135, 2003. DOI: 10.1080/0967256032000043814.
- PAN, H.; WANG, C. Long-run Equilibrium and Short-Run Adjustment in U.S. Housing Markets. en. **International Real Estate Review**, p. 25, 2016.
- PARIBONI, R. **Autonomous demand and the Marglin-Bhaduri model: a critical note**. en. 2015.
- _____. **Household Consumer Debt, Endogenous Money and Growth: A Supermultiplier-Based Analysis**. en. Rochester, NY, 2016.
- PASINETTI, L. L. Rate of Profit and Income Distribution in Relation to the Rate of Economic Growth. **Review of Economic Studies**, v. 29, n. 4, p. 267–279, 1962.
- PHENG, L. S.; LEONG, C. H. Y. A revisit to Turin's paradigm. Construction and development in the 1970s and 1980s. **Habitat International**, v. 16, n. 3, p. 103–117, 1992. DOI: 10.1016/0197-3975(92)90067-9.
- PIVETTI, M. **An essay on the monetary theory of distribution**. Edição: Marco Giugni. 1. ed. London: Palgrave Macmillan UK, 1991.
- POTERBA, J. M. Tax Subsidies to Owner-Occupied Housing: An Asset-Market Approach. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 99, n. 4, p. 729–752, 1984. DOI: 10.2307/1883123.

ROBINSON, J. A model of accumulation. In: *ESSAYS in the Theory of Economic Growth*. 1. ed. London: Palgrave Macmillan UK, 1962.

ROWTHORN, B. **Demand, Real Wages and Economic Growth**. Thames Polytechnics, 1981.

SASTRE, T.; FERNÁNDEZ, J. L. An Assessment of Housing and Financial Wealth Effects in Spain: Aggregate Evidence on Durable and Non-durable Consumption. In: BANDT, O. DE et al. (Ed.). **Housing Markets in Europe: A Macroeconomic Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2010. p. 283–305. DOI: 10.1007/978-3-642-15340-2_13.

SCHODER, C. **Endogenous capital productivity in the Kaleckian growth model. Theory and Evidence**. eng. 2012.

SERRANO, F. **Teoria dos Preços de Produção e o Princípio da demanda Efetiva**. 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. LONG PERIOD EFFECTIVE DEMAND AND THE SRAFFIAN SUPERMULTIPLIER. en. **Contributions to Political Economy**, v. 14, n. 1, p. 67–90, 1995a. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cpe.a035642.

_____. **The sraffian supermultiplier**. 1995b. Tese (PhD) – University of Cambridge, Cambridge.

SERRANO, F.; DE SOUZA, L. D. W. O modelo de dois hiatos e o supermultiplicador. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 4, n. 2, p. 37–64, 2000.

SERRANO, F.; FREITAS, F. The Sraffian supermultiplier as an alternative closure for heterodox growth theory. en. **European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention**, v. 14, n. 1, p. 70–91, 2017.

SERRANO, F.; FREITAS, F.; BEHRING, G. **The Trouble with Harrod: the fundamental instability of the warranted rate in the light of the Sraffian Supermultiplier**. en. 2017. p. 38.

SERRANO, F.; SUMMA, R. Demanda agregada e a desaceleração do crescimento econômico brasileiro de 2011 a 2014. **Center for economic and policy research**, p. 1–42, 2015.

SETTERFIELD, M. **Long-run variation in capacity utilization in the presence of a fixed normal rate**. en. 2017.

SHAIKH, A. Economic policy in a growth context: a classical synthesis of Keynes and Harrod. **Metroeconomica**, v. 60, n. 3, p. 455–494, 2009.

SKOTT, P. On the ‘Kaldorian’ saving function. **Kyklos**, v. 34, n. 4, p. 563–581, 1981.

_____. Finance, saving and accumulation. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 12, n. 3, p. 339–354, 1988. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a035064.

_____. **Kaldor’s growth and distribution theory**. Peter Lang Pub Incorporated, 1989. v. 4.

- SKOTT, P. Theoretical And Empirical Shortcomings Of The Kaleckian Investment Function: Shortcomings Of The Kaleckian Investment Function. en. **Metroeconomica**, v. 63, n. 1, p. 109–138, 2012. DOI: 10.1111/j.1467-999X.2010.04111.x.
- _____. Weaknesses of ‘wage-led growth’. **Review of Keynesian Economics**, v. 5, n. 3, p. 336–359, 2017. DOI: 10.4337/roke.2017.03.03.
- SOLOW, A. A. The importance of housing and planning in Latin America. In: KELLY, B. (Ed.). **Housing and economic development**. MA, 1995. (A report of a Conference Sponsored at the Massachusetts Institute of Technology by the Albert Farwell Bemis Foundation).
- STEEDMAN, I. Questions for Kaleckians. **Review of Political Economy**, v. 4, n. 2, p. 125–151, 1992.
- STEINDL, J. **Maturity and Stagnation in American Capitalism**. NYU Press, 1952.
- _____. Stagnation theory and stagnation policy. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 3, p. 1–14, 1979.
- SWALES, J. **Aspects of Article Introductions, Michigan Classics Ed**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2011. DOI: 10.3998/mpub.3985899.
- TAYLOR, L. A stagnationist model of economic growth. **Cambridge Journal of Economics**, v. 9, n. 4, p. 383–403, 1985.
- TEIXEIRA, L. Uma Investigação sobre a desigualdade na distribuição de renda e o endividamento dos trabalhadores norte-americanos dos anos 1980 aos anos 2000. pt-BR. <http://www.ipea.gov.br>, 2012.
- _____. **Crescimento liderado pela demanda na economia norte-americana nos anos 2000: uma análise a partir do supermultiplicador sraffiano com inflação de ativos**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- THIRLWALL, A. P. The Balance-of-Payments Constraint as an Explanation of International Growth Rate Differences. In: **ECONOMIC Growth and the Balance-of-Payments Constraint**. London: Palgrave Macmillan UK, 1994. p. 232–261. DOI: 10.1007/978-1-349-23121-8_3.
- US CENSUS BUREAU, D. O. H. A. U. D. **Characteristics of new housing**. 2017.
- VADAS, G. Modelling Households’ Savings and Dwellings Investment – A Portfolio Choice Approach. en. **International Real Estate Review**, v. 7, n. 1, p. 31–55, 2004.
- VIANELLO, F. The pace of accumulation. **Political Economy: Studies in the Surplus Approach**, v. 1, n. 1, p. 69–87, 1985.
- WANG, K.; ZHOU, Y. Overbuilding: A Game-Theoretic Approach. en. **Real Estate Economics**, v. 28, n. 3, p. 493–522, 2000. DOI: 10.1111/1540-6229.00810.

- WANG, K.; ZHOU, Y. et al. Over-Confidence and Cycles in Real Estate Markets: Cases in Hong Kong and Asia. en. **International Real Estate Review**, v. 3, n. 1, p. 93–108, 2000.
- WEISSKOPF, T. E. Marxian crisis theory and the rate of profit in the postwar U.S. economy. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 3, n. 4, p. 341–378, 1979. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a035429.
- WOLFSON, M. Irving Fisher's debt-deflation theory: its relevance to current conditions. en. **Cambridge Journal of Economics**, v. 20, n. 3, p. 315–333, 1996. DOI: 10.1093/oxfordjournals.cje.a013618.
- YEO, I.-K.; JOHNSON, R. A. A New Family of Power Transformations to Improve Normality or Symmetry. **Biometrika**, v. 87, n. 4, p. 954–959, 2000.
- ZEZZA, G. U.S. growth, the housing market, and the distribution of income. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 3, p. 375–401, 2008. DOI: 10.2753/pke0160-3477300304.
- _____. Income Distribution and Borrowing: Growth and Financial Balances in the US Economy. In: ARESTIS, P.; SOBREIRA, R.; OREIRO, J. L. (Ed.). **The Financial Crisis**. London: Palgrave Macmillan UK, 2011. p. 87–113. DOI: 10.1057/9780230303942_5.
- ZEZZA, G.; ZEZZA, F. **On the Design of Empirical Stock-Flow-Consistent Models**. en. 2019.

Apêndice A

Fraction e o investimento residencial

O objetivo deste apêndice é mostrar que a inclusão de um gasto autônomo não criador de capacidade produtiva ao setor privado não é condição suficiente para que a propensão marginal (s) e média a poupar (S/Y) sejam distintas. Tal como no corpo do texto, seja Y a renda, C o consumo induzido, I_t o investimento total e Z os gastos autônomos que serão distintos em cada uma das seções subsequentes.

A.1 Gastos “despoupadores”

Considere que, momentaneamente, os gastos autônomos não criam poupança como o consumo financiado por crédito.

$$Y = C + I_t + Z$$

Partindo da identidade contábil entre investimento e poupança

$$S = Y - C - Z$$

Para o caso mais simplificado em que a propensão marginal a consumir a partir do salários é igual a unidade de modo que o consumo induzido é dado por

$$C = \omega \cdot Y$$

em que ω é a participação dos salários na renda. Substituindo na equação anterior,

$$S = (1 - \omega)Y - Z \Rightarrow S = s \cdot Y - Z$$

Por fim, dividindo a equação anterior pela renda, obtém-se a propensão média a poupar em função dos gastos autônomos:

$$\frac{S}{Y} = s - \frac{Z}{Y} \quad (\text{A.1.1})$$

A equação A.1.1 explicita que na presença dos gastos autônomos não criadores de capacidade produtiva, propensão marginal e média a poupar são distintas. No entanto, tal afirmação exige uma qualificação adicional. Tais gastos precisam também não serem geradores de poupança, caso contrário, as propensões a poupar são idênticas e, portanto, a *fraction* é igual a unidade.

A.2 Investimento residencial

Seguindo os mesmos procedimentos, mas com os gastos autônomos sendo agora o investimento residencial enquanto o consumo volta a ser totalmente induzido. Com isso, o investimento da economia é composto por duas parcelas, o investimento das firmas (I_f) e das famílias ($I_h = Z$):

$$I_t = I_f + I_h$$

De modo que a renda é determinada por:

$$Y = C + I_f + Z$$

Mais uma vez, partindo da identidade entre poupança e investimento

$$S = Y - C$$

$$S = Y - \bar{\omega} \cdot Y$$

$$S = sY$$

Dividindo a equação anterior pela renda, obtém-se que a propensão média e marginal a poupar são idênticas

$$\frac{S}{Y} = s = \frac{I_t}{Y}$$

De modo que a *fraction* seja igual a unidade

$$\frac{\frac{S}{Y}}{s} = 1$$

A explicação deste resultado decorre pelo investimento residencial ser contabilmente investimento e, portanto, não é um gasto autônomo “despoupador”.

Tal conclusão, no entanto, é problemática por duas razões: (i) diferentemente dos modelos com supermultiplicador apresentados, a *fraction* não é a variável de fechamento; (ii) implica na não replicabilidade do fato estilizado da relação positiva entre crescimento e taxa de investimento. Ambos os pontos podem ser mostrados conjuntamente. Partindo da participação dos componentes da demanda na renda,

$$\omega + h + \frac{I_h}{Y} = 1$$

Da equação acima, destaca-se que a propensão marginal a consumir é determinada exogenamente e o mesmo vale para a participação do investimento total, ou seja

$$\bar{\omega} + \bar{s} = 1$$

Desse modo, um aumento na participação do investimento produtivo implica necessariamente na redução do investimento das famílias:

$$\frac{I_t}{Y} = \frac{I_f + I_h}{Y} = s$$

Isso implica que o investimento e a renda crescem a uma mesma taxa e, portanto, não reproduz o fato estilizado da relação positiva entre crescimento e taxa de investimento. Dito isso e retomando a equação 2.1.9:

$$\frac{\bar{s} \cdot \bar{u}_N}{v} = \bar{g}_Z = h \frac{\bar{u}_N}{\bar{v}}$$

$$h = \frac{\bar{g}_Z \cdot \bar{u}_N}{\bar{v}} \quad (\text{A.2.1})$$

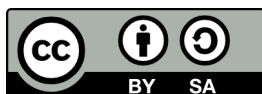
$$\frac{I_h}{Y} = 1 - \bar{\omega} - \frac{\bar{g}_Z \cdot \bar{u}_N}{\bar{v}} \quad (\text{A.2.2})$$

Portanto, como o investimento residencial cresce a uma taxa exógena, é a participação dos gastos autônomos que fecha o modelo como indicado pela equação A.2.2.

I Licença

Copyright (c) 2020 de Gabriel Petrini da Silveira.

Exceto quando indicado o contrário, esta obra está licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>.



A marca e o logotipo da UNICAMP são propriedade da Universidade Estadual de Campinas. Maiores informações sobre encontram-se disponíveis em <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/logotipo/normas%20oficiais-para-uso-do-logotipo>.

I.1 Sobre a licença dessa obra

A licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada utilizada nessa obra diz que:

1. Você tem a liberdade de:

- Compartilhar — copiar, distribuir e transmitir a obra;
- Remixar — criar obras derivadas;
- Fazer uso comercial da obra.

2. Sob as seguintes condições:

- Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).
- Compartilhamento pela mesma licença — Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.